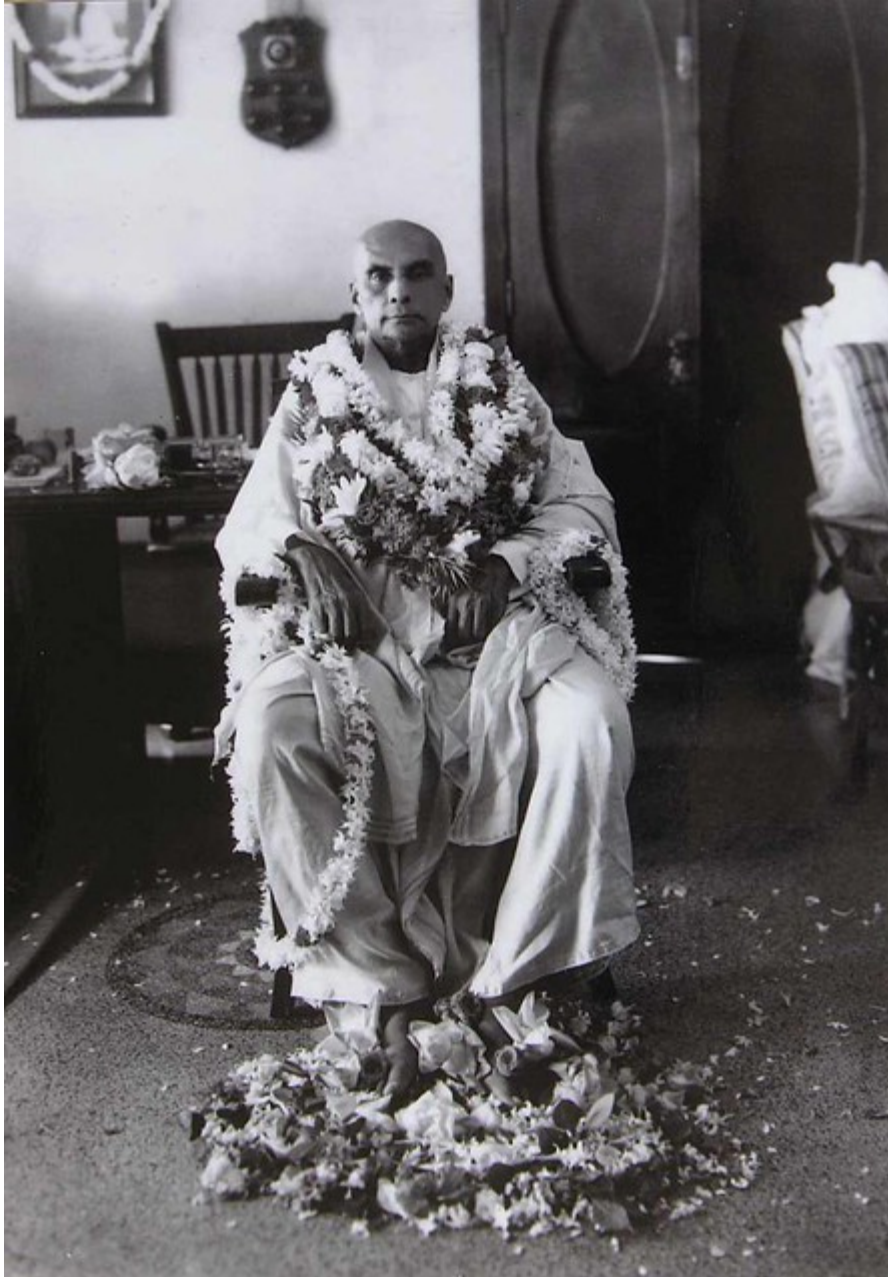
A Vida Além da Morte

Conversas de Swami Abhedananda

Um grande Yogi e discípulo direto de Sri Ramakrishna

Traduzido da versão disponível no site The Spiritual Bee, de Pulkit Mathur, autor deste prefácio ao livro *A Vida após a Morte* e do perfil de Swami Abhedananda.

Prefácio

Queridos leitores,

Este livro foi aqui reproduzido a partir de *Os Trabalhos Completos de Swami Abhedananda - Volume 4**. O presente livro agora se encontra em domínio público na Índia e nos Estados Unidos porque os direitos autorais expiraram.

A Vida após a Morte é uma coleção de palestras dadas por Swami Abhedananda nos Estados Unidos. Diferentemente da maioria dos livros com tal assunto, que trazem registros de encontros com fantasmas e outros tipos de atividades paranormais, este livro olha para o mistério a partir de uma perspectiva profundamente racional e científica.

A princípio, as palestras são focadas em trazer argumentos racionais contra a teoria materialista sobre a consciência, que afirma que a consciência surge como resultado da atividade cerebral e, assim sendo, uma vez que a morte chega, a consciência também acaba e, portanto, não existe vida além da morte. Depois, Swami Abhedananda se opõe a muitas ideias dogmáticas da teologia cristã sobre o destino da alma após a morte, por exemplo: as filosofias sobre a miséria eterna no inferno, ressurreição do corpo físico após a morte e a crença de que a alma tenha um nascimento mas não uma morte.

Ao fazer isso, Swami Abhedananda, que estimava e tinha o mais profundo amor por Cristo, como fica evidente em muitos de seus escritos, como *Foi Cristo um Yogi?** (do livro *Como ser um Yogi?**), estava sedento para levar ao seu público americano os conceitos mais elevados e racionais da Vedanta a respeito da vida para além do túmulo, que têm sido amplamente pesquisados pelos Yogis da Índia por milhares de anos. Como o próprio Swami expressa no livro: “Não há nenhuma outra nação no mundo que tenha conhecimento tão perfeito sobre este assunto como temos na Índia”.

Como este livro é um compêndio de palestras diferentes dadas por Swami Abhedananda, os leitores encontrarão muitos conceitos repetidos em alguns capítulos. As notas encontradas foram detalhadamente feitas por Swami Prajnanananda, em *Os Trabalhos Completos de Swami Abhedananda - Volume 4*. Eu as reproduzi aqui, mesmo que de maneira abreviada em alguns casos. Para todas as notas, veja na versão original dos *Trabalhos Completos*.

Sobre Swami Abhedananda

Swami Abhedananda foi um dos dezesseis discípulos monásticos diretos de Sri Ramakrishna e irmão espiritual de Swami Vivekananda. Ele era um gigante intelectual e uma pessoa de extraordinárias realizações espirituais. Isso é evidente não apenas por sua profunda obra escrita, mas também por sua própria experiência de iniciação com Sri Ramakrishna, sobre a qual ele documenta em sua autobiografia.

“Num domingo de manhã, fui até o jardim do templo de Dakshineswar, onde encontrei o grande Yogi, Ramakrishna Paramahamsa. Após ler minha vida passada, Ele falou: ‘Você foi um grande Yogi em sua encarnação passada’. Depois, iniciou-me e deu instruções sobre concentração e meditação. Ele tocou em meu peito e despertou minha Kundalini, o “Poder da Serpente” na base da coluna espinhal, e eu entrei em Samadhi, o estado de superconsciência.”

Durante seu discipulado com Sri Ramakrishna, tornou-se um irmão espiritual de confiança de Swami Vivekananda e os dois tinham muitas conversas intelectuais sobre a filosofia Vedanta e a metafísica. Em 1897, Swami Vivekananda convidou Swami Abhedananda para ir aos Estados Unidos e confiou as rédeas da Sociedade Vedanta de Nova York em suas mãos.

Após Swami Abhedananda dar sua primeira palestra pública no Ocidente, Swami Vivekananda ficou muito entusiasmado e disse: “Mesmo que eu desapareça deste plano, minha mensagem será passada por aqueles doces lábios e o mundo a ouvirá”.

A verdade dessas palavras será óbvia para qualquer um que ler a volumosa obra escrita por Swami Abhedananda sobre a filosofia e religião Vedanta.

* Tradução livre

Sumário

Capítulo 1

A ciência moderna e o Espiritualismo superior

Pelos últimos sessenta anos, o Espiritualismo fez progressos consideráveis, convencendo várias mentes científicas que buscavam seriamente a verdade sobre a sobrevivência do homem após a morte. O Espiritualismo experimental começou na América em 1870. No ano seguinte, Sir William Crookes, um cientista de grande reputação e um homem de gênio extraordinário, começou sua investigação com o auxílio da médium Sra. Florence Cook.

Não será necessário entrar em detalhes sobre os experimentos de Sir Crookes, que duraram por três anos com a celebrada médium. Durante este período, ele tomou todas as precauções contra possíveis fraudes ou truques imagináveis, e empregou métodos científicos de observação e experimentos com instrumentos delicados. As sessões espíritas aconteciam em sua própria casa com amigos que estavam igualmente ávidos para descobrir se havia alguma verdade sobre os fenômenos do espírito.

Muitos americanos se familiarizaram com o nome de Katie King, o espírito que controlava a Sra. Florence Cook. Ela se materializava, seu pulso era gravado, seus batimentos cardíacos eram ouvidos e fotografados, e ela distribuía cachos materializados de seu cabelo aos que estavam presentes. Lembremos que tudo isso acontecia sob estritas condições de testes nos quartos do próprio Sir Crookes, onde cabos elétricos com sinos foram colocados nas paredes para que a mínima intrusão do lado de fora pudesse ser instantaneamente detectada. Sir William Crookes foi primeiramente ridicularizado pelo mundo científico, mas teve coragem nas convicções que o levou a publicar artigos de seus experimentos e continuou fazendo experimentos desde então.

Sir W. Crookes também foi auxiliado por outro celebrado médium, o Sr. D.D. Home, que era mais poderoso que a Sra. Florence Cook em resistir às influências antagônicas. A maioria das sessões com ele não era no escuro, mas com muitas luzes. Para o estudo científico dos fenômenos do Espiritualismo, a Sociedade de Pesquisa Psíquica foi criada em Londres, em 1885, sob o auspício de eminentes homens da ciência na Inglaterra. A Sociedade é mais popularmente conhecida como S.P.P.. Os registros desta Sociedade mostram como eram maravilhosas a paciência e a conscienciosidade científicas de homens como Edmund Gurney, Dr. F.W.H. Myers, Frank Podmore e seus sucessores. Aqueles que leram a maior obra de Myers, chamada *A Personalidade Humana e Sua Sobrevivência Depois da Morte do Corpo*[1], perceberão a verdade desta afirmação.

Outros pensadores científicos, como Alfred Russell Wallace, Robert Dale Owen, Prof. Aksakof, Richard Hodgeson, William James, de Harvard, e Sir Oliver Lodge, o diretor da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, não pouparam esforços para fazer investigações corretas, sob condição de teste, com relação à verdade sobre as manifestações espirituais. Muito bem dito por Maurice Maeterlinck, referindo-se à trabalhosa tarefa:

"Não se admite incidente que não seja sustentado por testemunho irrepreensível, por registros escritos definitivos e corroboração convincente. Em outras palavras, dificilmente é possível contestar a veracidade essencial da maioria deles, a menos que comecemos por decidir negar qualquer valor positivo à evidência humana."[2]

Todos estamos familiarizados com o fato de que o Prof. Myers, que foi o presidente da S.P.P. por muitos anos, prometeu a seus amigos que voltaria depois da morte de seu corpo de maneira decisiva. Ele manteve sua promessa e, um mês após sua morte, comunicou-se com Sir Oliver Lodge, através da notável médium Sra. Thompson enquanto ela estava em transe. A identidade de Myers foi reconhecida nas primeiras palavras que ele disse, e era realmente ele e não outra pessoa. Ele disse que era muito difícil transmitir suas ideias através dos médiuns. Ele disse: "Eles estão traduzindo como meninos que recitam o primeiro verso de Virgílio".[3] Referindo-se a sua condição presente, Myers disse que teve que tatear pelo caminho antes que soubesse que havia morrido. Ele pensava que havia se perdido em uma cidade estranha e mesmo quando via pessoas que sabia que tinham morrido, achava que eram apenas visões.[4]

Dr. Hodgeson, que era o secretário da unidade americana da S.P.P., da qual William James era o vice-presidente, prometeu voltar depois de sua morte e, uma semana após sua partida, retornou e comunicou-se através da escrita automática da Sra. Piper, e William James estava presente durante essa cena.

William James, de Harvard, por sua vez, também prometeu voltar após a morte. Ele manteve a promessa ao comunicar-se com o Sr. C.N. Jones, o presidente do Instituto Americano de Pesquisa Científica e professor de Matemática Aplicada na Universidade de Michigan. O Senhor C.N. Jones deu detalhes sobre a comunicação em um artigo que foi publicado no *New York Papers*.[5]

A primeira comunicação foi recebida no início da noite de vinte e dois de outubro de 1910. Cinco outras comunicações se seguiram e a última aconteceu em onze de março de 1911. Durante elas, o Prof. James deu o seu melhor para estabelecer sua identidade pessoal, e o Sr. Jones e outros que estavam presentes ficaram satisfeitos. Entre outras coisas que são interessantes, o Prof. James disse:

"Sou grato que alguns estejam com vontade verdadeira de que eu viesse a eles. Quero dizer, este homem aqui que está de pé ao meu lado e que me deixa usá-lo,

usar seu corpo. Ele dá um passo para trás e me deixa usar seu corpo e por isso sou grato. Não quero machucá-lo ou torná-lo [o corpo] impróprio para ele de jeito algum.”

É contado que o Prof. James deu um aperto de mão em seus amigos. Sir Oliver Lodge, após fazer muitos experimentos científicos com a ajuda da Sra. Pipe e outros médiuns, agora ficou convencido de que existe sobrevivência da vida depois da morte. Ele disse em seu endereço presidencial diante da Associação Britânica, em setembro de 1913:

“Em justiça a mim mesmo e meus colegas de trabalho, devo arriscar perturbar os presentes ouvintes não apenas ao afirmar nossa convicção de que ocorrências relacionadas ao oculto podem ser examinadas e retomadas por métodos científicos cuidadosa e persistentemente aplicados, mas, indo ainda mais longe e dizendo com a máxima brevidade que os fatos já examinados me convenceram de que a memória e a afeição não estão limitadas à associação com a matéria, e que podem sozinhas se manifestar aqui e agora, e que a personalidade persiste além da morte corporal. A evidência, na minha opinião, vai provar que a inteligência desencarnada, quando sob certas condições, pode interagir conosco no plano material, assim, indiretamente entrando em nosso conhecimento científico."

O grande cientista inglês Alfred R. Wallace também disse:

“Nenhuma outra evidência é necessária para provar o Espiritualismo, já que nenhum outro fato aceito na ciência tem uma variedade maior e mais forte de provas ao seu favor.”

Dr. Thomas Jay Hudson, autor de *Lei dos Fenômenos Psíquicos*, diz:

“O homem que nega o Espiritualismo hoje não deve ser chamado de cético, ele é simplesmente um ignorante.”

Camille Flammarion, W.T. Stead, Prof. Hyslop e outros foram igualmente convencidos que os espíritos desencarnados podem se comunicar conosco. Assim, vemos que grandes homens da ciência, como mencionei, já aceitaram a verdade sobre a qual o Espiritualismo atual se fundamenta.

Embora muitos dos médiuns profissionais tenham sido penosamente expostos como fraudes, ainda há médiuns genuínos e manifestações espirituais autênticas que não podem ser explicadas através da telepatia ou nenhuma outra teoria que não a da comunicação com espíritos desencarnados. Em muitas ocasiões, o público foi enganado por espíritos presos à Terra. As manifestações no plano material, por exemplo, mesas girando, barulho de batidas dos espíritos, etc., são muito conhecidos do Espiritualismo. Mas, todos esses fenômenos pertencem a uma

classe inferior de Espiritualismo, que pode apenas satisfazer nossa curiosidade e não explica muitas das questões vitais. *[N.T.: O Espiritismo.]*

O verdadeiro Espiritualismo deve ser diferenciado dessa parte que chamamos Espiritismo. O mais alto Espiritualismo, portanto, é o nome daquilo que, iniciada uma crença na vida após a morte, revela a natureza da alma e sua relação com Deus.

O mais elevado Espiritualismo está na raiz de todas as religiões do mundo. A comunicação com ditos anjos, ou mensageiros de Deus, ou espíritos de luz, como são chamados na Índia, tem sido a fonte de conhecimento e inspiração dos Profetas e Videntes do *Antigo* e *Novo Testamentos*. Desde o tempo de Abraão, Jacó e Moisés, até os tempos de Cristo e Seus discípulos, todos os Profetas e Videntes viam espíritos, ouviam-nos falar e seguiam seus ensinamentos. Assim é também no Cristianismo, Judaísmo e outras religiões do mundo. Assim como as revelações chegavam às almas sinceras e sérias do passado, elas chegam também à nossa época.

Aqueles que já leram *Ensinamentos sobre O Espírito*, que chegaram através do médium Stainton Moses, vão se recordar de como os espíritos superiores, com nomes como Doutor, Reitor, Imperador, revelaram suas mensagens para ajudar a humanidade a sair dos dogmas, crenças e superstições das igrejas existentes.

Aqui devemos lembrar que Stainton Moses era um clérigo anglicano ortodoxo da Inglaterra. Ele era dogmático e inclinado às crenças, mas, mesmo assim, vieram através dele mensagens que não eram apenas surpreendentes para ele mesmo, mas para o mundo cristão como um todo.

Capítulo 2

A alma existe depois da morte?

Um dos trechos mais poéticos dos *Upanishads*, o *Katha Upanishad*, que foi traduzido por Sir Edwin Arnold com o título de "O Segredo da Morte"[1] começa com esta pergunta:

"Existe essa dúvida: quando um homem morre, alguns dizem que ele se foi para sempre, que ele não existe mais, enquanto outros afirmam que ele está vivo. Qual deles é o verdadeiro?"[2]

Muitas respostas já foram dadas a essas questões e a metafísica, a filosofia, a ciência e a religião também tentaram resolver este problema. Ao mesmo tempo, tentativas foram feitas para suprimir a questão e prevenir perguntas sobre a existência ou não do homem após a morte. Centenas de pensadores trouxeram à tona todo tipo de argumentos para acabar com as perguntas acerca deste assunto importante.

Desde os tempos antigos existem os pensadores ateístas e agnósticos da Índia que negaram a existência da alma após a morte do corpo. Eles são conhecidos como *Charvakas*. Eles acreditam que o corpo é a alma e que a alma não existe fora do corpo, e que quando o corpo morre, a alma também morre e vai embora. Eles não acreditam em nada que não possa ser percebido pelos sentidos. O lema deles é:

"Enquanto você viver, não deixe de aproveitar. Viva confortavelmente e aproveite os prazeres da vida. Não pense no futuro. Obtenha tudo aquilo que você precisa e deseja; se você não tiver dinheiro, vá pedir ou pegar emprestado, porque quando o corpo for queimado até as cinzas, ninguém terá que acertar contas de seus atos."[3]

Esse tipo de *Charvakas* é encontrado em quase todos os países. Por exemplo, no *Velho Testamento*, lemos o que Salomão diz:

"Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe com coração contente o teu vinho. Aproveite alegremente a vida com a mulher que amas - tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma." (Eclesiastes 9: 7, 9 e 10)

Os seguidores de tais pensadores estão se espalhando muito rapidamente e o número cresce todos os dias. Agora eles são conhecidos como os ateístas, agnósticos, materialistas, etc. De acordo com essa classe de pensadores, aqueles que acreditam na existência da alma como separada do corpo, ou em uma vida

após a morte, são tolos ignorantes e supersticiosos, enquanto aqueles que seguem suas ideias são os espertos e inteligentes. A maioria deles assegura que não há nada tal qual a alma. Nenhum argumento pode convencê-los ou mudar suas visões, porque eles não admitirão a existência de nada que esteja fora do alcance de seus sentidos, ou que não possa ser percebido pelos poderes limitados dos sentidos.[4]

Eles escreveram volumes e volumes contra a existência da alma e têm tentado interromper esse tipo de questão inútil a respeito da mente, mas, apesar de seus esforços, será que eles conseguiram frear essa questão inata: "O que permanece depois da morte?", que surge espontaneamente em todos os corações humanos? Não, eles não conseguiram. A mesma pergunta surge hoje da mesma maneira como surgiu milhares de anos atrás e ninguém consegue detê-la, porque ela está inseparavelmente conectada à nossa natureza.

A mesma questão foi feita pelos santos e pelos pecadores, pelos profetas e pelos padres, pelos reis e mendigos, dentre todas as nações e em todos as regiões. Estamos discutindo a mesma questão hoje e ela será discutida no futuro. Podemos esquecê-la enquanto estamos em agitação e lutas em nossas vidas; podemos não perguntar sobre isso quando estamos profundamente absortos em conforto, luxúria e divertimentos, podemos nos iludir com várias falsas argumentações. Mas, no momento em que nos deparamos repentinamente com a morte, no momento em que vemos algum de nossos entes mais próximos e queridos dando o último suspiro, paramos por um minuto e nos perguntamos: "O que é isso? Para onde ele foi? Ele ainda existe? O que aconteceu com ele?".

Essas questões dormentes reaparecem de novas maneiras e perturbam nossa paz mental. Então começamos a nos perguntar sobre elas novamente, mas no limiar de nosso questionamento, encontramos um muro adamantino que é quase impossível de ultrapassar. Os de intelecto fraco detêm-se aí e suas tentativas débeis de atravessar esse muro não dão resultado. Este muro não é nada além da crença de que o corpo é o produtor da alma, e que a alma é o resultado da forma física que chamamos de corpo.

Aqueles que conseguem transpor essa forte barreira conseguem compreender se a alma existe ou não após a morte. O velho jeito bruto de inferir a existência da alma após a morte e de uma vida futura para os homens, mulheres e crianças, a partir da tradição de uma única ressurreição miraculosa de uma certa pessoa, não tem mais apelo para nossa razão. Os dias de acreditar cegamente na autoridade de qualquer um que fale isso já passaram. Não somos mais crianças, queremos razões mais maduras, queremos discutir essa questão com mais profundidade. Aqueles que acreditam em tal ressurreição miraculosa talvez dirão que aqueles que não acreditam nisso não têm esperança. Mas, não mais aceitamos seus argumentos. O momento em que queremos discutir as questões científica, psicológica, filosófica e metafisicamente, e de todas as outras maneiras, chegou.

Agora, vamos ver se a explicação sobre o corpo ser a causa da alma é satisfatória ou não. Tenha como garantido que a alma, ou a massa de inteligência[5], ou da maneira como você quiser chamá-la, é o resultado de combinações da matéria que compõe o corpo. Perguntamos: “Qual é a causa do corpo? Qual força combina a matéria na forma de nosso corpo? Qual força é essa que forma seu corpo de um jeito e meu corpo de outro? Qual é a causa dessas distinções?". Os materialistas Charvakas diriam que este corpo foi causado pelo corpo dos pais. Como os pais produzem este corpo, então o corpo dos pais é a causa para este nosso corpo. Mas esta não é a resposta correta, porque em vez de explicar a causa do corpo e esta combinação de matéria, eles nos dão outra combinação de matéria e a pergunta continua igual. Qual é a causa da combinação da matéria? Eles respondem a isso, mas trazem uma outra combinação de matéria. Então, em vez de responder a questão e explicar a causa da combinação da matéria, eles dizem que essa combinação é o resultado de outra combinação, o que, em último caso, leva à falácia do regresso *ad infinitum*. O método de explicar a alma pelo corpo é como o processo de explicar a causa pelo efeito, o que é colocar o carro na frente dos bois.

Os psicólogos, anatomistas, patologistas e uma vastidão de outros pensadores materialistas e agnósticos modernos, no entanto, afirmam que o corpo, ou a combinação da matéria, produz o pensamento, a inteligência, a consciência, a mente e a alma. Eles ensinam que o pensamento, inteligência ou consciência não são nada além de uma função cerebral. Mais ainda, eles aprendem que cada tipo especial de pensamento é resultado da atividade de uma porção especial do cérebro. Quando vemos coisas, ou pensamos nos objetos vistos, as convoluções ópticas de nossos cérebros ficam ativas. Uma certa porção dos tímpanos fica ativa quando escutamos e assim vai.

Aqueles dentre os cientistas modernos que advogam sobre a produção do pensamento ser feita pelo cérebro dizem que a mente é contígua às funções cerebrais. Se as funções cerebrais pararem, a mente, inteligência, consciência e todos os fenômenos mentais irão, instantaneamente, parar. Os fenômenos da consciência correspondem ao elemento para o estudo e às operações de partes especiais do cérebro. Eles dizem que não há nada como a alma; consequentemente, não devem haver perguntas a respeito de sua existência após a morte. Eles negam a existência da alma de todo jeito. As sensações diminuem quando as condições orgânicas mudam e param quando a máquina para. O cérebro traz à existência o lado material da consciência da qual nossas mentes são feitas. Alguns explicam o processo pelo qual cada pensamento é produzido pelo cérebro ao dizer que uma estrutura peculiar do cérebro é destinada a produzir pensamento e consciência, assim como o estômago é destinado a fazer a função da digestão e o fígado de secretar a bile. Assim como os compostos das comidas, que depois de chegarem ao estômago mudam e assumem novas qualidades, assim as impressões do cérebro são metamorfoseadas em ideias, pensamento, emoção, desejo,

expressões faciais, linguagem, disposição, etc. Assim, pensamento ou alma seriam uma secreção do cérebro e quando o cérebro acabar, a alma não poderá existir. Aqui, essas impressões são comparadas à comida, como se as impressões fossem um tipo de matéria grosseira, ou como se elas pudessem existir além de uma mente perceptiva. Buchner, um dos materialistas mais famosos, diz:

“Pensar deve ser considerado como um modo especial de um movimento natural.”

J. Luys diz:

“Assim como uma pessoa vê uma vareta de metal brilhando dentro da fornalha, gradualmente esquentando e passando sucessivamente por tons de vermelho claro para escuro para branco e vai indo, enquanto a temperatura aumenta, assim as células vivas, na presença de incitações, exaltam-se progressivamente para sua maior sensibilidade interior.”

Percival Lowell diz:

“Quando temos uma ideia, o que acontece dentro de nós é provavelmente assim: a corrente neural de mudanças moleculares passa pelos nervos e através dos gânglios, e atinge no final as células corticais. Quando a corrente chega às células corticais, encontra um conjunto de moléculas que não estão acostumadas a essa mudança especial. A corrente encontra resistência e, ao superar essa resistência, ela faz as células brilharem. A esse aquecimento das células chamamos de consciência. Consciência, em resumo, é provavelmente o *brilho dos nervos.*"

Assim, os materialistas do Ocidente, que acreditam que as forças físicas se metamorfoseiam em ideias, pensamentos e sensações, descrevem o processo pelo qual essa mudança acontece. Herbert Spencer, sendo um agnóstico, advoga sobre a metamorfose das forças físicas em estados de consciência, mas ele não descreve esse processo. Ele deixa um mistério que é impossível de descobrir. Isso é, ele não sabe como essa metamorfose acontece, mas tem certeza que ela acontece. Spencer, no entanto, identifica a alma com o cérebro e a compara a um piano. Ele diz:

“As ideias são como acordes e cadências sucessivos trazidos à tona, que morrem sucessivamente enquanto outros são tocados. Seria apropriado dizer tanto que esses acordes e cadências que passaram começam a existir no piano, quanto seria apropriado dizer que as ideias que passaram começam a existir no cérebro (alma).”

Mas aqui o Sr. Spencer esquece que o piano precisa de um artista para produzir sons musicais. A música não é trazida à tona apenas pelo piano se ela não existir na mente do artista antes. Então, a analogia dele está imperfeita e incompleta. Estaria completa se ele suposse que a alma ou mente individual está desprendida

do cérebro e que ela toca em seus centros nervosos e células cerebrais assim como o artista toca as teclas de um piano.

Outro materialista, o pensador Professor W.K. Clifford, que acredita na teoria da combinação, diz:

"A consciência é algo complexo, composta de elementos, um fluxo de sentimentos. A ação do cérebro também é algo complexo, composta de elementos, um fluxo de mensagem nervosa (dos nervos). Para cada sentimento na consciência existe, ao mesmo tempo, uma mensagem nervosa do cérebro. A consciência não é nada simples, é complexa; ela é os sentimentos combinados em um fluxo. Fatos inexoráveis conectam nossa consciência ao corpo que conhecemos, não como um todo, mas partes dela estão severamente conectadas a partes de nossas funções cerebrais. Se existe alguma conexão similar com o corpo espiritual, leva a crer que o corpo espiritual deve morrer ao mesmo tempo que o corpCharvakaso físico."

Assim, os pensadores materialistas, que não acreditam na alma separada do cérebro ou independente do corpo físico, tentam deduzir a mente à inteligência a partir da matéria, ou pelas combinações de matéria, seja ao aplicar a teoria da produção ou a teoria da combinação.

Na Índia, teorias parecidas foram espalhadas pelos , que não acreditavam na existência de uma alma separada do corpo denso.[6] Os budistas mantinham que o corpo é a causa da mente e da inteligência, que a consciência é o resultado da combinação da matéria inconsciente e forças ininteligentes da natureza física. Eles usavam a ilustração do poder inebriante que surgia do álcool quando combinado com certos ingredientes.

Mas, os filósofos Vedantistas refutaram essas teorias materialistas ao apontar a falácia de seus argumentos principais. A Vedanta diz que metade do universo é matéria, ou objeto, e a outra metade é mente, ou alma.[7] É impossível deduzir um do outro.

Em primeiro lugar, se analisarmos nosso conhecimento sobre matéria e força, encontramos que não podemos conhecer a matéria por si mesma, e também não podemos conhecer a força por si mesma; aquilo que sabemos não é nada mais que uma troca mental. O conhecimento sobre a matéria não é nada mais que o conhecimento daquela troca mental da qual estamos cientes. Quando dizemos que a matéria existe, estamos cientes de uma troca mental específica, além da qual não conhecemos. A mente não consegue ir além de si mesma. Mesmo nosso conhecimento de que a alma, ou a mente, é uma função cerebral, pressupõe a existência de outra mente ou conhecedor. Quando dizemos que a consciência ou a alma é o resultado da combinação de matéria, esta afirmação também requer uma outra mente para estar ciente sobre aquela ideia. John Stuart Mill estava correto ao

dizer que depois de dissecar um cérebro humano e não encontrar ali nenhum traço da alma ou da mente e negar sua existência, ou afirmar que a mente ou a alma é uma função do cérebro, a pessoa esquece que tal conhecimento implica necessariamente na existência da mente e alma dela mesma. Como o conhecimento sobre a matéria, ou o cérebro, ou qualquer outro tipo de conhecimento, depende da autoconsciência, seria um absurdo negar a prioridade daquilo que é a base da consciência, da inteligência e de todo o conhecimento. Com a ajuda de cada um é possível conhecer a existência da matéria e suas combinações.

G.J. Romanes diz:

“Não podemos pensar sobre nenhum desses fatos sobre a natureza externa sem pressupor a existência de uma mente que pense-os, e assim, até onde sabemos, a mente vem necessariamente antes de todo o resto. Este é para nós o único modo de existência que é real em seu próprio direito e para ele, como um padrão, todos os outros modos de existência que podem ser inferidos devem ser referidos. Portanto, se dizemos que a mente é uma função ou movimento, estamos apenas dizendo em uma terminologia confusa que a mente é um movimento em si mesma. Sendo assim, eu encaro como uma refutação geral ao materialismo.”[8]

Se for uma verdade científica de que o movimento produz nada além de movimento, como foi estabelecido pela ciência moderna, como podemos manter a ideia de que o movimento molecular das células cerebrais produzem consciência ou inteligência, que não é o mesmo que movimento, mas é uma conhecedora do movimento? Portanto, a filosofia Vedanta ensina que a fonte de consciência não pode ser encontrada na matéria, mas existe independente dela. Aquilo que chamamos de matéria é apenas o meio através do qual a consciência se manifesta.

Dr. Schiller, um eminente pensador ocidental, tendo opinião parecida, diz:

“A matéria não é aquilo que produz consciência, mas aquilo que a limita e confina sua intensidade a certos limites; a organização material não constrói consciência a partir de arranjos de átomos, mas contrai sua manifestação dentro da esfera que ela permeia.”[9]

Há outros pensadores agnósticos que dizem:

“A concepção de uma alma como algo substancial é uma mera invenção da imaginação.”

Kant diz:

“Não há nenhum meio pelo qual possamos aprender qualquer coisa a respeito da constituição da alma no que diz respeito à possibilidade de sua existência separada.”

David Hume, assim como alguns filósofos budistas, acredita que a alma humana não é nada além de um punhado de impressões e ideias. Ele diz:

“Quando entro mais intimamente naquilo que chamo de mim mesmo, sempre me deparo com algumas percepções particulares sobre calor e frio, luz e sombra, amor e ódio, dor e prazer. Quando minhas percepções são removidas por algum tempo, como durante o sono profundo, assim que fico insensível de mim mesmo, pode-se dizer verdadeiramente que não existo. Assim, todas as minhas percepções serão removidas pela morte e eu não poderei pensar, nem sentir, nem ver, nem amar, nem odiar após a dissolução do meu corpo. Devo ser totalmente aniquilado. Nem eu concebo o que mais é necessário para me tornar uma não-entidade perfeita.”

Então, de acordo com Hume, nossas almas morrem toda noite quando entramos em sono profundo. Acho que poucos de nós estarão prontos para aceitar tal explicação sobre a natureza da alma humana.

Aqueles que dependem apenas das percepções sensórias tentam enxergar a alma através de dissecar o cérebro, mas quando os sentidos não a revelam, eles negam sua existência. Eles podem muito bem encontrar a alma no coração ou no estômago, como os antigos buscadores da alma faziam. Se examinarmos propriamente, teremos como ver falácias lógicas e inconsistentes em todos os argumentos materialistas e agnósticos que apoiam a teoria de que a alma é o resultado do corpo, ou da combinação da matéria, ou mesmo de que a alma nem sequer existe.

Desde tempos antigos, tais conclusões materialistas foram repetidamente dadas por pensadores de países diferentes. No entanto, nossas mentes ficam satisfeitas com tais ideias, ou talvez paramos de nos perguntar de repetidamente: existe vida após a morte? Se ouvimos milhões de vezes que “não existe alma”, ainda assim não podemos estar completamente convencidos de que paramos de existir após a morte; não podemos acreditar que nossa individualidade se perderá para sempre. Tais soluções não agradam a nossa razão. Elas não satisfazem nossas mentes, nem trazem qualquer consolo para nossas almas. Essas declarações são apenas aquilo que existe eternamente. Se a existência é uma verdade hoje, ela deve ser verdade eternamente.

Se negamos a existência de uma alma independente do corpo, não podemos explicar muitos fatos que acontecem durante nossa vida, nem os fenômenos genuínos descritos nos registros da Sociedade de Pesquisa Psíquica da Europa e América. Não podemos ignorar o fato dos agnósticos que viram seus duplos fora de

si mesmos enquanto estavam sozinhos em seus quartos repousando em um sofá ou poltrona. Há exemplos desses duplos conversando, andando e fazendo várias outras coisas. Como podem estes fatos serem explicados? Há muitas descrições sobre a manifestação dos duplos de Yogis na Índia. Muitas tentativas foram feitas para explicar tais eventos, como declarar que eram ilusões de ótica ou alucinações do cérebro. Porém, não podemos dizer que são ilusões de ótica ou alucinações se passarem no teste de verificação.

Há muitos exemplos propriamente verificados da aparição dos duplos. Suponha que uma noite antes de deitar-se, uma pessoa está sentada sozinha no quarto após trancar a porta pelo lado de dentro, e suponha que sua mente está muito perturbada com questões importantes de trabalho ou problemas matemáticos. De repente, ela vê um outro exatamente como ela mesma, sentado em sua mesa com uma caneta na mão escrevendo algo em um pedaço de papel, e, após examinar, ela encontra que ali está uma resposta para sua pergunta ou a solução correta daquele problema que a havia perturbado por dias.

Qual explicação você oferece? Que tipo de alucinação é essa? Qual verificação mais forte e mais satisfatória que esta você quer ter? Tal ocorrência não pode ser explicada pela clarividência ou pela telepatia. Alguns dirão que é uma história falsa, mas mera asserção não tira as provas do fato. A negação de um fato não muda a natureza do fato. Fatos são fatos, quer a gente os admita ou negue, quer a teoria atual os explique ou não. Clarividência, telepatia e transferência de pensamento falharam ao tentar explicar tais casos, que podem ser explicados apenas através da teoria da existência da alma como separável do corpo.

De acordo com a ciência, esta teoria é verdade e pode explicar a maioria dos fatos e deveríamos aceitá-la até que uma teoria ou explicação melhor chegue. Aqueles que acreditam na teoria da produção, ou aquela da combinação, fecharam seus olhos para tais fatos. Mas aqueles que acreditam na teoria da transmissão ou, em outras palavras, aqueles que acreditam que o cérebro do corpo humano é o instrumento através do qual a alma se manifesta, não encontrarão nenhuma dificuldade para explicar todos os fenômenos genuínos conectados ao duplo. A teoria da transmissão também se coloca em contato com toda uma outra classe de experiências que são explicadas com dificuldade pela teoria da produção.

Novamente, há exemplos autênticos de pessoas que apareceram para seus amigos imediatamente após a morte.[10] Existem muitos desses exemplos na Índia, na Europa e tudo quanto é país. Tais exemplos podem ocorrer quando os falecidos, aparecendo aos amigos, pedem para tomar conta de seus filhos ou trazem alguma mensagem. Ninguém precisa ir a uma sessão espírita para ter tais experiências. Muitas dessas experiências aconteceram com pessoas em suas vidas privadas e em suas casas, e as experiências foram muito bem verificadas.

Em sessões espíritas, noventa e cinco de cem casos das manifestações espirituais estão misturadas com fraudes e muitos médiuns profissionais foram vergonhosamente expostos tanto aqui quanto em outros países. O poder motivador dos médiuns profissionais é fazer dinheiro ou sustentar sua vida.

Na Índia, os hindus não confiam em médiuns profissionais. Ao contrário, eles dizem que é maldoso fazer sessões públicas por dinheiro. É ainda pior tentar ganhar seu sustento às custas dos pobres espíritos. Por que você tenta ganhar seu sustento fazendo pobres espíritos aparecerem para você? As pessoas que fazem isso são consideradas como fakires ordinários.

Embora muitos médiuns tenham sido expostos e muitas manifestações espirituais tenham ficado provadas como mágica ou falcatrua, esses casos fraudulentos não devem ser motivo para negar a existência da alma como separada do corpo, ou da vida após a morte. Uma pergunta pode surgir: se a alma existe depois da morte, ela mantém sua individualidade? A filosofia Vedanta diz, sim, ela a mantém. As almas dos espíritos presos à Terra retêm suas personalidades também.

Alguns dos escritores ocidentais, que sabem muito pouco da filosofia hindu, dizem que o mais elevado ideal da religião hindu é a aniquilação da alma. Estas afirmações infantis provam a ignorância e preconceito deles. Ouvimos este tipo de coisa de escritores que se consideram grandes estudiosos depois de lerem a descrição da religião Hindu dada por missionários cristãos, que não enxergam bem nenhuma outra religião exceto a deles mesmos, e que escrevem apenas para servir a seus próprios propósitos. Nos volumosos escritos hindus, no entanto, você não encontrará uma única frase que ensine que a alma será destruída após a morte. Ao contrário, você lerá que a alma é eterna, imortal, sem morte e sem nascimento.

No *Bhagavad Gita* é dito:

"A alma do homem é indestrutível; ela não pode ser perfurada por espada; o fogo não pode queimá-la; o ar não pode secá-la; a água não pode molhá-la."[11]

"Se o assassino pensa que matou e o assassinado pensa que ele mesmo está morto, ambos não sabem que a alma não pode nem matar e nem ser morta."[12]

Ralph Waldo Emerson, após ler o *Bhagavad Gita*, apresentou esta passagem em verso em seu poema intitulado *Brahma*:

"Se o assassino pensa que matou,
Ou se o assassinado pensa que está morto,
Eles não conhecem bem os caminhos sutis.
Eu permaneço, faleço e retorno novamente."[13]

A respeito de reter a individualidade, a Vedanta diz que cada alma após a morte leva consigo todas as experiências, impressões e ideias que teve na Terra. Ela leva sua mente, inteligência, intelecto e poderes dos sentidos, e desfruta ou colhe os frutos de seus próprios pensamentos e ações.

Se você ler o serviço funerário dos hindus, encontrará que, após a morte de uma pessoa, os parentes fazem o bem em nome daquele que partiu, acreditando que bons pensamentos, orações e bons trabalhos, feitos em nome daquele, ajudará o espírito. Os hindus também acreditavam que, se pensamos ou os invocamos constantemente, pedindo para ficarem conosco para nossa própria gratificação sem pensar no bem deles, nós os forçamos a continuarem confinados àquela personalidade em particular, que está conectada aos corpos físicos que eles deixaram para trás. A personalidade está sempre conectada com o corpo material. A cada nascimento do corpo, nós temos uma determinada personalidade de acordo com os ambientes, e se mantemos uma alma confinada a uma personalidade ou a um grupo de ambiente, não haverá progresso para a alma nos planos mais altos. Sendo assim, é melhor não trazer nossos queridos amigos que partiram para este nosso plano de existência, é melhor continuar ajudando-os mandando bons pensamentos a eles.

Os escritores mais antigos das eras védicas mostram que acreditavam no mundo espiritual dos Pitris, ou Antepassados, para onde as almas iam após a morte.[14] O rei ou governante deste lugar é chamado Yama. Ele foi o primeiro dos mortais a entrar no mundo da morte e se tornou o governante daqueles que vieram depois.

Os hindus acreditam no paraíso, mas não acreditam em nenhum tipo de inferno. Novamente, o paraíso hindu é diferente daquele dos cristãos ou muçulmanos. Os hindus acreditam que o paraíso é um reino para onde as almas que partiram vão para colher os efeitos prazerosos de suas ações boas e virtuosas, e permanecem lá por algum tempo até que os resultados de suas boas ações sejam completamente colhidos. Então, após este período, elas vão retornar a este mundo fenomênico novamente.[15]

Os cristãos, muçulmanos e zoroastrianos acreditam em um paraíso com todos os tipos de desfrutes sensórios, onde prazeres virão incessantemente sem problemas ou qualquer tipo de dor. Isto, de acordo com os hindus, não é um estado desejável. Os hindus dizem que todos esses desfrutes celestiais são fenomênicos e transitórios. Suponha que um espírito permaneça no céu e aproveite por um milhão de anos ou por um ciclo, ainda assim, comparado à eternidade, este tempo é muito curto. Então, eles dizem que após aproveitar os resultados das boas ações nesses reinos, a pessoa está destinada a nascer novamente, seja aqui ou em algum outro planeta, de acordo com as tendências e capacidades dela.

Portanto, no *Bhagavad Gita* é dito:

“Todos os diferentes mundos dos espíritos, começando desde os mais altos paraísos, são estados dos quais teremos que retornar. Porque eles estão dentro dos reinos dos fenômenos e são mutáveis. Mas aquele que se atém à realização da Verdade absoluta transcende todos os fenômenos e leis que o governa.”[16]

Os antigos persas acreditavam que a alma surgiria três dias após a morte e iria para o paraíso ou para o inferno, de acordo com seus pensamentos, palavras e ações. Essa ideia persa de paraíso foi mais tarde adotada pelos judeus e pelos cristãos. Os antigos hebreus não se preocupavam com a vida após a morte. Eles acreditavam que Deus assoprava vida dentro das narinas dos homens e que este sopro que vinha de Jeová voltava para Ele mesmo, e que todo sopro vital de todas as criaturas retornaria para a sua fonte. Aquilo que acontece ao homem, acontece também aos animais inferiores. O sopro vital era às vezes chamado de Nephesh, ou Ruach, ou Neshama.

Os antigos egípcios acreditavam em um duplo, que era como uma sombra do corpo e que permanecia enquanto o corpo durasse. Isso deu origem à ideia de mumificar os corpos dos mortos. Se o corpo estivesse machucado em qualquer parte, o duplo, ou a alma, estaria também machucado. Então, para manter a alma intacta, eles preservavam os corpos.

Os antigos caldeus[17] também acreditavam em um duplo que seria aniquilado se o corpo fosse destruído. Eles esperavam por uma ressurreição do corpo. Muitos dos cristãos têm uma ideia ou crença parecida. Esta ideia deu origem ao costume de embalsamar e enterrar o morto.

Alguns cristãos ainda acreditam que o corpo se levantará após a morte. Outros não acreditam na ressurreição do corpo. Eles acreditam que a alma continuará e existirá através da eternidade, embora ela tenha tido um começo.

A ideia cristã a respeito do começo da alma é que, no momento do nascimento, cada alma nova é criada pelo todo poderoso Deus. Mas os hindus dizem que aquilo que tem um começo não pode viver toda a eternidade e deve ter um fim. Os hindus não acreditam que a alma é criada por Deus ou por qualquer outro ser sobrenatural. Ela é eterna por sua própria natureza. Ela não tem nascimento e não pode morrer. Os hindus não referem-se à destruição e aniquilação pela morte.[18] O que eles querem dizer é sobre a mudança do corpo, da forma. Este tipo de morte é uma constante na vida. A vida fenomênica é impossível sem a morte, ou sem a mudança de forma. Na verdade, estamos morrendo todos os dias. A cada sete anos, todo o nosso corpo muda e junto a ele cada partícula e átomo são renovados.

O Professor Huxley diz:

“A fisiologia escreve sobre o portal da vida, *Debmur morti nos nostraque,* com um significado mais profundo do que o poeta romano atribuía à essa frase melancólica. E seja qual for o disfarce em que ele se refugie, seja fungo ou carvalho, verme ou homem, o protoplasma vivo não apenas morre em última instância e se transforma em seus constituintes minerais e sem vida, mas está sempre morrendo e, por estranho que possa parecer o paradoxo, não poderia viver a menos que morra.”

Embora cada partícula do corpo mude, ainda assim continuamos a existir. Nossa continuidade não é quebrada de quando somos bebês até a idade avançada - nós continuamos com o mesmo sentido de “eu” e com a identidade pessoal. Essa continuidade do agente consciente “eu” não pode ser explicada por nenhuma lei física ou química.

De acordo com a filosofia Vedanta, pensamento, ou sentimento, ou inteligência, não podem nunca ser produzidos por nenhum movimento mecânico ou molecular. “Movimento produz movimento e nada mais”, diria a ciência moderna. Sendo assim, como pode o movimento dos átomos do corpo produzir a consciência? Isso deve ocorrer devido a um poder ou força mais leves. Esta força é comumentemente chamada de alma. A alma não está sujeita às mudanças atômicas ou moleculares do corpo. Ela é a própria causa delas. Ela está além de todas as mudanças e, consequentemente, está além da morte. Ela é a base da continuidade do estado consciente e também do senso de identidade do indivíduo. Como sobrevivemos e mantemos nossa individualidade após cada sete anos de mudança e renovação, nós viveremos como almas individuais até a dissolução final das formas de nossos corpos.

No *Bhagavad Gita* é dito:

“Assim como durante nossa vida sobrevivemos à morte do corpo de bebê, do corpo jovem e do corpo maduro sucessivamente e mantemos nossa individualidade, também após a morte do velho corpo, nós sobrevivemos, vivemos, manteremos nossa individualidade e continuaremos a existir através da eternidade.”[19]

Capítulo 3

A visão científica da morte

Nesta época de comercialismo e materialismo, poucas pessoas pensam sobre a morte. Elas têm medo. Elas não se importam em saber o que acontece após a morte, preferem viver neste mundo, aproveitar os prazeres da vida, fazer o máximo uso de tudo, escrever um testamento e fazer seguro de vida ou guardar dinheiro para pagar os custos de um funeral e assim continuam vivendo.

Das milhões de pessoas que habitam este pequeno planeta Terra, quarenta milhões de corpos humanos são descartados todos os anos e milhões de toneladas de carne humana, ossos e sangue podem voltar a seus estados elementares. Durante a última guerra na Europa[1], muitos milhões de pessoas foram mortas e destruídas. Algumas delas foram explodidas em átomos.

Mas, não pensemos nesta cena terrível. Melhor quase nos esquecermos dela. Nós não pensamos nem por um momento que iremos morrer. Nós estamos vivendo e fazendo as mesmas coisas como fazíamos antes. Nosso interesse não está em resolver o problema da morte, embora isto seja um grande mistério no mundo. É tão misterioso quanto a chegada da vida a este plano. Mesmo assim, não pensamos muito sobre isso. Mesmo as igrejas cristãs não têm um grande interesse neste problema da morte hoje em dia como tinham no século passado. Elas preferem se ocupar com questões de problemas sociais, educacionais e especialmente políticos. Os homens da medicina não solucionam o problema da morte, embora centenas estejam morrendo em suas mãos todos os anos. Eles reúnem tudo aquilo de que gostam e seus ideais são os de aproveitar os prazeres da vida e também aproveitar o máximo das oportunidades.

No *Mahabharata*, o épico hindu mais antigo, lemos uma questão premiada que foi perguntada a diferentes grandes homens dos tempos antigos: “Qual é a maior maravilha do mundo?”. Várias respostas foram dadas, mas não eram satisfatórias.

A resposta que Yudhishthira deu foi aceita e era: “Todo dia e dia após dia, animais e seres humanos morrem, mas não pensamos sobre a morte; achamos que nunca vamos morrer. O que pode ser mais maravilhoso que isso?”. Esta resposta foi dada quase trinta e cinco séculos atrás e a mesma verdade prevalece até hoje. Nós não pensamos sobre a morte, embora a gente veja todos os dias corpos sendo carregados até seus túmulos bem debaixo de nossos olhos.

O mistério da morte não é solucionado com as crenças mitológicas dos povos antigos, crenças que vêm sendo passadas para nós por gerações. As escrituras dos judeus, cristãos, persas e muçulmanos não explicam o que a morte é. Porém, em

algumas dessas escrituras, encontramos que Deus ordenou ao primeiro homem que fizesse certas coisas e que não comesse da fruta da árvore do conhecimento, mas quando o primeiro homem comeu do fruto da árvore do conhecimento sobre o bem e o mal, Deus o amaldiçoou e esta maldição trouxe a morte para este mundo. Lemos em *Gênesis*, Deus ordenou:

"Você pode comer livremente de todas as árvores do jardim, mas da árvore do conhecimento sobre o bem e o mal, você não deve comer, porque no dia que você comer dela, você certamente morrerá."[2]

É claro que Adão não morreu no dia em que foi tentado e comeu o fruto, mas ele colheu as consequências logo depois e mais tarde morreu. Esta passagem mostra que, a princípio, Deus não pretendia que o homem pudesse morrer, mas a morte veio ao mundo por conta da má influência de Satanás, o diabo. Foi ele quem trouxe a morte para o mundo. Na verdade, a maldição foi a causa, mas esta maldição aconteceu por influência do diabo. Aqueles que acreditam nisso, que a morte foi causada e trazida por Satanás, não se importam em avançar nesses pensamentos. Eles deixam esta questão como resolvida e, com naturalidade, vão fazer outras coisas e não tentam resolver o problema. Eles pensam que se isso é uma maldição de Deus, é inevitável o fim da vida e devemos nos dar por satisfeitos com isso.

Pesquisas científicas que tentam traçar as causas da morte já trouxeram várias verdades e leis que eram desconhecidas para os escritores de *Gênesis* e outras escrituras de nações diferentes.

A ciência ortodoxa, ou ciência materialista, como é conhecida por nós, que nega a existência da alma como uma entidade e também nega a existência da mente, ou vida, ou inteligência, como distintas do resultado das matérias, governadas por forças físicas e ações químicas, diz que a morte não é nada além da cessação da vida e é um fim inevitável para o qual todos os seres caminham. Os cientistas não explicam elaboradamente porque eles não sabem muito. Ainda assim, eles tentam explicar que, quando as partes vitais do corpo se desgastam dentro desta máquina, então, a máquina como um todo vai parar. As partes vitais são o coração, os pulmões e o cérebro. Quando qualquer um destes centros vitais se desgasta, ou é machucado por doença ou acidente, então, naturalmente, toda a maquinaria do corpo é interrompida.

Mas aqui uma questão pode surgir: "A morte da consciência implica na morte da vida de cada órgão?". Ou, em outras palavras, quando uma pessoa morre, isso significa que os órgãos também estão mortos? Esta é uma questão difícil de responder. Por outro lado, a ciência nos diz que os órgãos não morrem imediatamente após a morte do corpo ou da consciência de vida. Por exemplo, se a cabeça de uma galinha é cortada e seu coração arrancado e observado, ele continuará a viver muito tempo após a morte da galinha. No Instituto Rockfeller tem

o coração de uma galinha que está sendo mantido por oito anos e ainda continua fazendo suas ações normais. Isto demonstra que os órgãos têm uma vida independente que pode continuar a existir mesmo depois que a vida consciente do indivíduo morra.

Da mesma forma, é possível demonstrar que células e tecidos têm vida própria. Eles não morrem, mas continuam vivendo mesmo após um longo tempo da morte da vida consciente. A ciência moderna nos diz que há dois tipos de morte: uma é a morte da vida consciente e a outra é a morte da vida orgânica e celular, chamada "vida somática". Porém, uma independe da outra. De fato, a vida continua a existir dependendo do processo natural da força vital, que é conhecida como força da vida. Mas esta ciência materialista não explica como os órgãos, células e tecidos continuam a existir, uma vez que ela nega a existência de uma energia vital, ou força vital, tão distinta de todas as outras forças da natureza. Por outro lado, é considerado que esta força vital seja resultado de ações químicas dos átomos e moléculas do organismo e é assim que eles explicam.

O Professor Charles Minot, da Escola de Medicina de Harvard, escreve em seu livro *Velhice, Crescimento e Morte* (tradução livre):

"A diferenciação leva, como conclusão inevitável, à morte. A morte é o preço que estamos dispostos a pagar por nossa organização e também pela diferenciação que existe em nós. A morte do todo chega, como bem sabemos, assim que alguma parte essencial do corpo começa a ceder. Às vezes um, às vezes o outro, talvez o cérebro, o coração, talvez um dos outros órgãos internos pode ser o primeiro, onde as mudanças na citomorfose vão tão longe que não conseguem mais fazer sua parte do trabalho e, ao falharem, acabam fazendo falhar todo o restante."

Esta é a visão científica da morte. Ela deixa a morte com seus mistérios e toda sua sacralidade. Não somos minimamente capazes no momento presente de dizer o que é a vida e, ainda menos talvez, o que é a morte.

Assim, ao estudar a ciência materialista, não temos uma ideia muito clara sobre o que a morte realmente significa. Mas a ciência continua tentando traçar as causas da morte e descrever seus sinais. A ciência nos diz que os sinais reais da morte são difíceis de encontrar. Os sinais populares, como o cessar dos batimentos cardíacos e o pulso ou a respiração, não são os reais sinais da morte, porque há milhões de casos em que os batimentos e respiração param e mesmo assim são reavivados um pouco depois. Os batimentos podem parar por várias horas, mesmo por dias, e depois podem ser recuperados. A respiração pode parar por um longo tempo, mas pode ser restaurada. A ciência já registrou muitos casos em que a animação é suspensa e a respiração ou o batimento cardíaco param por no mínimo quarenta e oito horas. Mas há outros casos de homens que foram enterrados vivos em uma caixa hermeticamente fechada por quarenta dias e depois foram retirados e

reanimados. Eles viveram, casaram e aproveitaram todas as bênçãos da vida depois disso. É muito difícil dizer qual seria o sinal final ou apropriado da morte. A ciência nos diz que a decomposição e putrefação são os sinais finais da morte e nada mais, e isso mostra que as pessoas podem ser enterradas prematuramente.

Há muitos casos de enterros prematuros registrados nos diários médicos do mundo todo ano. E, por este motivo, alguns países da Europa firmaram uma lei que ninguém deve ser enterrado imediatamente após a morte até que a decomposição comece. Porque é algo muito sério enterrar seres ainda vivos. Há muitos casos de pessoas assassinadas prematuramente por terem sido colocadas em caixões e enterradas debaixo da terra antes da morte de fato.

Assim como um enterro prematuro é repreensível, um embalsamento prematuro também é repreensível. Os embalsamadores mataram muitos antes que eles estivessem mortos de verdade. Eles poderiam ter sido reavivados e poderiam ter vivido por um bom tempo. É um fato provado hoje em dia que mesmo quando uma pessoa é considerada morta, ela pode, na verdade, estar em transe, ou em um estado de catalepsia, ou em um estado de êxtase.

Transe, catalepsia ou êxtase[3] são condições que lembram a morte. Os sinais exteriores são semelhantes. Mas o que acontece com a alma após o transe ou êxtase? A ciência não sabe porque ela nega a existência de uma alma que não seja a mente. Uma pessoa pode entrar em estado de êxtase e ficar assim por horas. Há pessoas que conseguem parar os batimentos cardíacos quando querem. Conheço um *Yogi* hindu que veio para a América uns anos atrás e que, em Nova York, passou por todos os testes médicos para provar que conseguia parar seus batimentos quando quisesse. Os praticantes da medicina ficaram estupefatos e perguntaram como ele conseguia fazer aquilo. Isto é possível porque os batimentos seguem a vontade do indivíduo e ele irá comandar e dirigir as funções orgânicas. Mas a ciência materialista não pode explicar como isso é possível através das leis conhecidas que são aceitas por esses pensadores científicos.

O antigo método babilônio de embalsamar o corpo[4] e enterrar os mortos, que foi passado a nós desde a era pré-cristã e que é praticado ainda hoje em todos os países civilizados, é baseado na crença supersticiosa de que o corpo, no final, levantará e irá para o céu. Mas, após a decomposição e quando o corpo acaba, o que se levantará? A ciência mostra que é uma impossibilidade absoluta do corpo se levantar e ir para o céu. Ainda assim, algumas pessoas acreditam nisso e acham que seus amigos e parentes se levantarão de seus túmulos e irão para o céu com seus corpos físicos.

Mas o melhor método para descartar o corpo é com a cremação, porque isso é uma questão sanitária. É o melhor método do ponto de vista da saúde, assim como da segurança dos seres vivos. Por que temos tantos corpos mortos atravessando o

processo de decomposição ao nosso redor? É melhor livrar-se deles e deixá-los voltar a suas condições elementares.

Esta cremação tem sido praticada na Índia desde tempos muito antigos. Nos *Vedas*, encontramos que a cremação é considerada o melhor método.[5] Mas, entre as outras nações, enterro ou mumificação são considerados como o melhor método. Como eu já disse, a ideia deles era a de manter o corpo intacto por um longo tempo, porque a alma voltaria ao corpo no final. Os egípcios também tinham este tipo de crença. Eles acreditavam que se o corpo físico fosse mantido intacto e sem ser mutilado, então a alma voltaria para retomar aquele corpo, e se alguma parte do corpo estivesse mutilada, aquela parte no duplo (alma) também estaria mutilada. Eles acreditavam em um duplo exatamente da mesma forma e mesmo formato do corpo físico.

Na Índia, encontramos que os hindus têm uma crença na existência de um duplo, mas que não dependia de um corpo físico denso. Eles têm uma filosofia totalmente diferente daquela dos egípcios e outras nações dos tempos antigos. Acreditavam que o duplo poderia manter o corpo e continuar a viver mesmo após o corpo físico ser destruído pelo processo de cremação, que mesmo hoje em dia ainda é considerado como o melhor método para descartar corpos.

Existe uma outra classe de pensadores científicos que são um pouco mais avançados que os cientistas ortodoxos. Eles asseguram que a mente é um determinante em casos de doença e morte. Eles não negam a existência da mente, da inteligência, da consciência e nem acreditam que a mente, inteligência e consciência são resultados de ações químicas dos átomos e moléculas do organismo.

Ao contrário, acreditam que a fonte da consciência e da mente é indestrutível. Assim é a vida. A vida também é indestrutível. Eles consideram que a força vital (*prana*) não é um resultado de ações químicas. Ela não é o mesmo que a eletricidade ou qualquer outra força que seja conhecida pela ciência ortodoxa, mas é distinta e separada. Eles dão por exemplo os casos em que a mente pode trazer a morte por conta de emoções extremas. Algumas das funções da mente, as quais chamamos de paixões, criam doenças e morte.

O Dr. John Hunter, um notável psicólogo, era um gênio de extraordinária natureza. Ele era cientista, mas acreditava no poder da mente e, ainda assim, não tinha muito controle sobre suas paixões. Ele não podia controlar a raiva. Uma vez, ficou com uma raiva extrema causada por uma pequena provocação, e por conta desta raiva extrema, imediatamente caiu morto. Existe um registro histórico de que a raiva mata uma pessoa instantaneamente. O físico francês Tourtelle testemunhou duas mulheres que morreram de raiva extrema. A raiva extrema produzirá uma parada cardíaca e envenenará todo o sistema. Assim como uma raiva extrema pode matar uma pessoa, uma leve expressão de raiva, ou raiva de maneira mais branda,

também trarão doenças do pior tipo. Na verdade, quando uma mãe amamenta seu bebê em um estado de raiva, ela o alimenta com veneno, e este veneno trabalha e cria todo tipo de problema no sistema do bebê. Isto é um fato científico hoje.

Assim como a raiva é perigosa e uma força destruidora que cria desastres em um sistema, assim também é o medo. Agora a expressão popular de que “morremos de medo” adquire algum significado. O medo extremo trará a morte, bloqueará a atividade cardíaca, os pulmões e outros órgãos simultaneamente também. Depois, ainda tem as paixões, o ódio e a tristeza. A tristeza causará uma destruição no sistema. Tudo isso já são fatos registrados. Quando acontecem casos de doença e morte por causa de ódio ou tristeza extremos, como podemos negar o poder da mente? Se a mente e os estados mentais podem produzir tais efeitos no corpo físico e trazer uma morte prematura, como podemos negar a existência da mente como a coisa mais poderosa que temos? Por isso, os cientistas que são pensadores avançados e não fanáticos como os ortodoxos materialistas consideram a mente como a força mais maravilhosa que está operando neste corpo físico.

Há muitos casos de mortes falsas, até mesmo entre os animais. Alguns insetos simulam sua morte. A raposa, quando está sendo perseguida por algum inimigo e não sabe como fugir, deita-se no chão, simulando a morte e permanece neste estado por algum tempo. Há outros animais que ficam até mesmo duros e seu *rigor mortis* será visível no corpo físico. Isto pode ser produzido pelo animal. Esta simulação da morte pode ser causada por coisas diferentes, como intoxicação, apoplexia, problema cardíaco, etc. Assim, é demonstrado que a mente pode produzir todas essas coisas sob condições como ter um sinal iminente da morte e, por isso, aqueles pensadores e cientistas avançados consideram que a morte pode ser causada pelo poder da mente. Eles consideram que este estado ordinário ao qual chamamos de morte é causado por aquela força viva autoconsciente que atua nos órgãos, e quando ela é retirada, causa-se a morte. Na verdade, a alma viva autoconsciente tem uma força vital (prana), ou mente, com ela. A mente é inseparável da força ou energia vital, mas a mente não pode funcionar a menos que tenha um instrumento. Então, ela fabrica o instrumento, que é o corpo físico. Ela deriva dos ambientes ao redor, como átomos, moléculas ou partículas de matéria e os carrega com a força vital, ou as vibrações do prana, e quando as vibrações da força vital são fracas ou não sustentam o padrão de condições da vida, então a alma viva, ou a mente autoconsciente, tenta aumentar a vibração da vida celular acima do padrão, e se ela falha ao aumentar este padrão da vibração das células e dos tecidos, então ocorrerá a morte do todo. Toda a maquinaria morre.

Os órgãos podem vibrar de um jeito próprio, mas este não é o padrão da vida. Deve haver coordenação. As ações cardíacas devem corresponder em alguma medida com as ações pulmonares, e todo este intrincado mecanismo deve ser ajustado de acordo com que um auxilie o outro. De outra maneira, não haveria vida. Se uma rosca está solta em algum lugar, ela deve ser apertada, caso contrário, a máquina

não vai funcionar. Agora, quem aperta essa rosca? É a força vital individual autoconsciente, que é chamada, em termos comuns, de alma viva. A alma viva significa a força vital individualizada, autoconsciente com o senso de "eu", e é este senso de "eu" que a mantém inteira. Este senso de "eu" mantém tudo inteiro, unifica e faz com que as partes separadas vibrem e produzam uma harmonia perfeita. A esta harmonia chamamos de vida. Assim como uma orquestra pode ter uma centena de instrumentos, se cada instrumento começar a tocar de sua maneira sem seguir a direção do maestro não haverá harmonia, similarmente, se os órgãos do corpo continuarem a bater cada um de seu próprio jeito, sem produzirem uma harmonia, sem terem nenhuma coordenação, sem serem dirigidos por seu condutor, então o condutor não tem utilidade. Quem é o condutor dos órgãos? Quem é o diretor? A ciência ortodoxa não enxerga o condutor, mas a ciência avançada nos diz que há um diretor e que ele tem o controle absoluto sobre todo o organismo. Ele é a alma viva. No momento da morte, ela se desconecta dos órgãos e deixa o corpo.

Em caso de transe, catalepsia e êxtase, esta alma viva deixa o corpo, mas não é completamente separada. Ainda permanece um tipo de conexão. É como o cordão umbilical de um bebê recém-nascido, que mantém sua entidade conectada ao corpo físico. Por isso, o corpo ainda pode ser reavivado. Mas quando a conexão é completamente acabada, o corpo não pode ser reavivado. Aí é chamado de morte. Esta é a diferença. Esta diferença poucas pessoas compreendem.

Mas esta alma viva que sai do corpo no momento da morte pode ser fotografada. Os instrumentos mais delicados e sensíveis já foram utilizados para pesar o corpo bem pouco antes da morte e imediatamente após, e, dando concessão aos gases que vazam, foi descoberto que a substância que vai embora do corpo no momento da morte tem um peso definido de mais ou menos meia onça ou três-quartos de onça. *[N.T.: Meia onça (0,5 oz) equivale aproximadamente a 14g; três-quartos de onça (0,75 oz) equivalem aproximadamente a 21g.]*

A substância fina que emana do corpo no momento da morte tem uma luminosidade. Esta substância luminosa pode ser fotografada e vista por médiuns saindo do corpo. O corpo todo fica envolto de uma névoa luminosa. Me lembro do caso de uma garota cujo irmão morreu em Los Angeles alguns anos atrás. Ouvi isso de sua mãe. No leito de morte de seu irmão, a garota disse: "Mamãe, veja, tem uma névoa em volta do corpo dele, o que é isso?". Mas a mãe não conseguia ver. A menina dizia que aquilo saíra do corpo. Os cientistas começaram a estudar o assunto na Europa e estão experimentando sobre essa emanação. Eles a chamam de ectoplasma. É uma substância parecida com vapor e não tem nenhuma forma em particular. É como uma nuvem e pode adquirir qualquer forma e ser fotografada. Qual substância é, eles não sabem, mas também não conseguem negar sua existência.

Nossos corpos humanos estão emanando essa substância o tempo todo. Ela pode ser vista especialmente no momento em que um médium está em condição de transe. Os médiuns materializadores emanam ectoplasma fortemente. Eu já vi ectoplasma em sessões espíritas privadas, quando não havia nenhum médium profissional. Eu o toquei e mexi nele. Não há nenhum sentimento particular quando sentimos o ectoplasma. Não pode ser descrito. Mas quando ele assume uma forma definida, torna-se quase como algo sólido e quase como nosso próprio corpo. Ele pode adquirir qualquer forma.

No momento da morte, todas essas forças vitais que governam órgãos diferentes ficam concentradas e centralizadas em um ponto antes de deixarem o corpo, e vemos que a visão de uma pessoa prestes a morrer diminui, as sensações do corpo começam a falhar e gradualmente todo o corpo passa por uma transformação. E, durante essas transformações, há casos em que os poderes psíquicos do indivíduo se manifestam. Algumas pessoas prestes a morrer desenvolvem clarividência e clariaudiência. As pessoas podem aparecer na hora da morte, seja logo antes ou logo depois, para amigos distantes em forma de aparição e podem passar suas mensagens. Tais casos já foram registrados pelos cientistas.

O astrônomo francês Camille Flammarion escreveu o livro *O Desconhecido* sobre este assunto, coletando casos autênticos submetidos a testes em diferentes famílias, que descrevem a experiência de diferentes pessoas que apareceram no momento da morte ou imediatamente após. Cento e cinquenta casos foram reunidos e, depois, Flammarion selecionou alguns, que eram absolutamente autênticos, e os publicou em seu livro. Estes registros mostram que há algo que não é resultado do corpo físico. Este ectoplasma é uma substância que contém matéria mais fina em vibração, e esta matéria forma uma roupa de baixo da alma, o corpo físico denso e o corpo mais fino, ou etérico, existindo em cada um de nós. Talvez não sentimos o ectoplasma no momento presente porque nossa visão e sentidos estão prestando atenção aos objetos densos, materiais e tangíveis.

Mas ele não se torna tangível até ser trazido aos planos de nossos sentidos. O plano de nossos sentidos depende de um certo degrau de vibração. Podemos ver luz quando a vibração da luz está ao alcance de nossa visão. Nossos olhos podem enxergar do vermelho ao violeta, mas se há vibrações menores que o vermelho, não as vemos. Para tornar-se visível, é preciso que vibre de um certo jeito para que nossos órgãos possam perceber, assim como o som. Assim, há sons que não ouvimos porque nosso órgão de ouvir é imperfeito. Similarmente, o corpo etérico não pode ser visto, mas pode ser trazido ao alcance de nossa visão através de um processo chamado materialização. Este é um processo no qual a matéria mais fina, que está vibrando a uma alta velocidade, é levada a uma velocidade menor para que possamos percebê-la ou ter um vislumbre dela.

A filosofia Vedanta está em perfeita harmonia com as conclusões deste segundo tipo de cientistas avançados, que afirmam que a mente e a alma viva são fatores distintos ao criarem doenças e também ao produzirem a morte e fabricarem o corpo físico. Essas ideias encontram-se na filosofia Vedanta, que é o sistema mais antigo de filosofia do mundo. A verdade nunca envelhece. A verdade que foi descoberta há cinco mil anos é a mesma verdade de hoje, mesmo se for redescoberta pelos cientistas modernos. Devemos então lembrar que a verdade Vedântica é única e singular. Existe apenas uma condição que pode ser absolutamente verdade. As outras são imitações da verdade. Essa verdade absoluta pode ter sido descoberta tempos antes, mas por conta do lapso temporal, a verdade nunca muda. Ela é a verdade eterna.

Portanto, descobrimos que este corpo mais fino que acabei de descrever, é chamado na Vedanta de corpo sutil (sukshma-sharira), que é a roupa de baixo da alma, e o corpo físico é a roupa exterior. Depois que a alma executou certas funções, aproveitou certos prazeres e preencheu certos desejos, ela acha que este corpo físico denso não tem mais serventia e que não está mais funcionando bem. Então, a alma viva deixa o corpo denso e fabrica um outro. Do mesmo jeito como se você andasse em uma máquina motorizada por dois anos e depois disso descobrisse que as peças estão gastas e que ela já fez o serviço que pôde, você a deixa e arranja outra. É exatamente isso que a alma viva faz. Você não pode culpar a alma por fazer isso. Porque o corpo é o instrumento pelo qual a alma deve manifestar seus poderes, ganhar experiências, aprender lições e reunir conhecimento. Desta maneira, a alma viva estará progredindo no processo de evolução, saindo de um estado baixo para um mais elevado e cumprindo sua missão a cada etapa da manifestação.

Essa ideia de vida explicará o mistério da morte. A morte deixa de ser misteriosa quando sabemos que há uma entidade que fabricou o instrumento, que está existindo dentro dele e que o deixa quando chega a hora. A morte não significa a aniquilação de nada, ou destruição, ou redução ao nada, mas significa desintegração.

Significa que o instrumento que já serviu ao seu propósito deve ser jogado fora e outro instrumento deve ser reconstruído a partir do mesmo material. Quem poderá dizer que os átomos e moléculas que construíam o corpo de Cleópatra há milhares de anos não estão sendo usados nos corpos dos seres vivos de hoje? Os mesmos átomos e moléculas que são enterrados com os corpos se dissolvem e são usados pela vida vegetal, reaparecendo na forma de plantas e cereais, e nós podemos estar comendo e absorvendo isso. E isso forma pedaços de nosso próprio corpo. Então é uma revolução. Nada neste universo é destruído. Os átomos e as moléculas entram no corpo, saem e entram em outro corpo.

Neste contínuo processo da vida, suas manifestações de evolução e involução continuam, e a alma viva é o Mestre delas. Esta alma viva não tem morte. A ciência nos diz que aquilo que existiu anteriormente continuará a existir para sempre. Mas a forma física do corpo será destruída. Ela não tem uma existência permanente e está mudando constantemente. A forma que você tinha quando bebê acabou. A forma que você tinha ontem, você não tem hoje. A forma que você tem neste minuto não será a mesma no minuto seguinte. É um fluxo e refluxo constante de matéria. É exatamente como um vórtice. As partículas de matéria ficam girando e mantêm a forma de acordo com o modelo (de corpo) que você fabricou para que assim haja identidade.

Já neste vórtice de partículas da matéria, que estão em constante movimento, há algo que é constante e imutável dentro de nós. É nossa consciência. Se você olhar para sua própria mão ou qualquer outra parte do corpo por um raio-x, você terá como que uma revelação de que seu corpo consiste de partículas mais finas da matéria, de uma matéria parecida com névoa que está pairando do lado de fora do corpo. O corpo físico que aparenta ser sólido não é nada sólido. Ele se parece com uma nuvem e achamos que é sólido apenas sob algumas circunstâncias.

No momento da morte, a alma deixa este plano material e entra em outro plano de consciência, que pode ser chamado de outra dimensão. Estamos neste momento vivendo em três dimensões. Há uma outra dimensão onde os objetos dos sentidos não existem. Ela está além das limitações de nosso corpo físico. Nem mesmo o movimento da Terra e do sistema planetário existem lá. Não conseguimos imaginar tal estado a menos que tenhamos um vislumbre daquela outra dimensão. Ela é chamada de quarta dimensão.[6] Para onde vai a alma humana? Ela não vai para nenhum lugar depois da morte, mas continua na quarta dimensão e corta todas as conexões com o mundo físico das três dimensões. A terceira e quarta dimensões estão relacionadas uma à outra, assim como uma roda dentro de outra roda. Sabemos pelos estudos da ciência que as células do corpo estão constantemente se movendo. Mas nós podemos sentir esse movimento? Quando nos sentimos quietos, estamos aproveitando a quietude, porém, há um movimento constante dentro de nosso sistema do qual não temos consciência. Da mesma forma, a alma que vai embora não tem consciência das mudanças e das condições do corpo físico denso.

Nossos corpos não são nada além de instrumentos, ou roupas, da alma. A Vedanta nos diz que quando uma pessoa morre, ela não está realmente morta, ela apenas troca sua velha roupa do corpo físico e pega uma nova. A Vedanta diz que a morte significa uma mudança, por exemplo, uma mudança de um estado de consciência para outro, e a alma joga fora o corpo físico no momento da morte assim como também nos desfazemos de nossas velhas roupas. Esta ideia é belamente expressa no *Bhagavad Gita*:

“Assim como uma pessoa coloca uma nova roupa após desfazer-se das velhas, similarmente, a entidade viva, ou a alma individual, adquire um novo corpo após jogar fora o velho corpo.”[7]

Capítulo 4

A alma após a morte

A pergunta sobre o que acontece com a alma humana após a morte é tão velha quanto a primeira aparição do homem na Terra. Quase todas as nações e tribos, de todos os climas e épocas, fizeram esta pergunta e tentaram resolver o problema, cada qual com seu próprio poder, capacidade, compreensão e conhecimento.

Alguns tentaram explicar a questão com teorias e crenças peculiares; alguns com mitologia, ou poesia, e outros com razão apropriada e demonstração científica e lógica. Todas essas tentativas de diferentes pensadores em resolver este antigo problema acabaram em diferentes conclusões que satisfazem mais ou menos as mentes de várias pessoas em países diferentes. Todas as religiões do mundo são baseadas na solução deste grande quebra-cabeça. Todas as filosofias, antigas ou modernas, e mesmo a ciência atual, não pouparam dores para decifrar este enigma da existência.

Muitos falharam e muitos pararam após profundas investigações e pesquisas sem encontrar qualquer explicação satisfatória, e finalmente gritaram em desespero: "Está além de nosso conhecimento e além do alcance da compreensão humana". Alguns se tornaram agnósticos e outros negaram a existência da alma. Alguns diziam que a alma do homem existe enquanto houver corpo e enquanto existir a combinação de matéria que produz esta alma. Quando o corpo morre, a alma também morre e vai embora. Alguns chegaram à conclusão que não há algo como a individualidade. É como a chama de uma lanterna. Quando não tem lanterna, não tem luz; similarmente, quando não há corpo, não há alma. Tudo termina com a morte do corpo. Nenhum sinal de individualidade é deixado após a dissolução da forma física e do corpo denso.

Mas, após ouvir tantas conclusões variadas, nossa mente para de se perguntar essa mesma questão? Não, porque cada indivíduo precisa de uma explicação que irá satisfazer o seu desejo íntimo de saber sobre a vida imortal, ou sem morte, com o qual cada um de nós nasceu. Se ouvirmos um milhão de vezes que não existe alma, ainda assim não conseguimos nos convencer inteiramente que vamos deixar de existir após a morte. Não podemos pensar em tal estado e não podemos acreditar que nossa individualidade será perdida após a morte. Tais soluções não agradam nossa razão e não satisfazem nossa mente, nem trazem consolação de qualquer tipo.

No *Katha Upanishad*, encontramos que Yama, o Deus da Morte, diz:

“Tolos existindo na sombra da ignorância, convencidos com conhecimentos vãos e engrandecidos com a ideia de que são realmente sábios, ficam girando e girando como os cegos que guiam cegos”.[1] “O que vem depois nunca aparece na mente de uma criança ignorante, iludida pelo desejo de riqueza e prosperidade mundanas. Tais pessoas que dizem: 'Este é o mundo, não há outro', vêm repetidamente sob meu domínio.”[2]

Essas palavras foram proferidas talvez há mais de mil anos antes do nascimento de Jesus. Uma das principais características das escrituras dos antigos videntes da Verdade na Índia era o conhecimento da preexistência, continuidade e imortalidade da alma humana. Se analisarmos as escrituras mais antigas, quero dizer o *Rig Veda*, lemos orações que demonstram que eles acreditavam na existência da alma após a morte e na vida imortal.

No *Isha-Upanishad*, do *Sukla-Yajur-Veda*, também encontramos:

“Ó Deus! Leve-me para lá, onde está a fonte de luz eterna do universo, que é indestrutível, onde a imortalidade reina suprema e faz-me imortal.”[3]

Em um hino fúnebre, lemos:

“Siga em frente, siga em frente por estes caminhos antigos pelos quais nossos antepassados partiram, tendo deixado todos os pecados, volte para casa e, radiante em seu corpo, venha junto com eles.”[4]

Há centenas de passagens nos *Vedas* que mostram claramente que os antigos Aryas acreditavam na existência da alma após a morte. Eles acreditavam no mundo espiritual dos antepassados, ou Pitris, para onde as almas iam após a morte, e o rei deste mundo dos antepassados é Yama, o primeiro ser mortal que se tornou imortal.

Os antigos hindus acreditavam em um céu que chamavam de Brahmaloka, ou o reino de Brahma, o Criador e Pai do universo. Depois, gradualmente quando as ideias éticas de certo e errado ficaram muito fortes nas mentes dos hindus e eles puderam entender a lei de ação e reação, começaram a acreditar que aqueles que fazem o bem e são virtuosos nesta vida, com a esperança de receber alguma recompensa, vão para o reino dos antepassados (Pitriloka) e ficam lá até que o tempo resultante de suas boas ações termine. Quando uma alma individual colheu os frutos de todas suas ações boas e virtuosas, que a levaram para aquele reino, ela deverá descer à Terra e nascer novamente de acordo com seus desejos e ações do nascimento anterior.

O mundo espiritual dos antepassados ficava na lua. Desde tempos muito antigos, os hindus tinham uma crença de que a lua era a terra dos mortos e repositório das almas que falecem, e todos os embriões de vida chegaram à nossa Terra vindos da

lua. Chovia da lua nesta Terra. O caminho pelo qual as almas vão para a região lunar, e lá aproveitam os prazeres e alegrias como resultado de seu trabalho e depois voltam à Terra e nascem novamente, foi chamado de Pitriyana, ou o caminho dos antepassados.[5] Todos os mortais devem passar por esse caminho e retornar para a Terra.

Mas aqueles que fazem bons trabalhos não pela recompensa, nem procurando nada em retorno, e que vivem uma vida de pureza e retidão, irão para Brahmaloka, o reino de Brahma. Lá, eles permanecerão em glória até o final do ciclo da evolução. Em meio a isso, se qualquer um deles puder adquirir conhecimento da sabedoria mais elevada sobre o Um, que é a Realidade Absoluta, ele será liberado e permanecerá uno com o Ser Supremo por toda a eternidade.

Brahma, o Criador, que é o rei deste reino dos deuses, será, ao final de um ciclo, liberado. No começo de um outro ciclo, outro Brahma surgirá da fonte infinita da Existência, Consciência e Bem-Aventurança absolutas. Ele será o Criador, ou Projetor, daquele ciclo. Este processo acontecerá para sempre.

Este Brahma, o Criador, é como o governador de um estado. Uma pessoa preenche a vaga por determinado tempo, faz seu dever e depois se aposenta. Outra pessoa, enquanto isso, se torna candidata a ser o Brahma e assim ela se torna. Desta maneira, centenas de Brahmas já foram e vieram, mas aquele que após atingir este reino dos deuses e não conseguir a sabedoria superior sobre o Um, voltará para o começo de um ciclo nesta Terra e, de acordo com seus desejos e ações, renascerá como ser humano da mais alta ordem. Aqueles mais corretos e virtuosos se esforçarão pelo conhecimento superior, ou pela realização do Um. A isso eles chamam de Devayana, o caminho dos Devas, ou seres iluminados.

Esses dois caminhos são completamente descritos nos *Upanishads*, com uma linguagem metafórica, que é geralmente difícil de entender. Eles descrevem como as almas que partiram vão da Terra àquelas regiões, por quais estágios elas passam, quais experiências coletam, de que maneira retornam, como nascem e assim vai. Aqueles que vão pelo Pitriyana, ou o caminho dos antepassados desencarnados, são geralmente pessoas caridosas, que fizeram o bem aos outros e praticaram ações virtuosas. Quando essas pessoas morrem, elas passam pela fumaça, depois pela noite, depois pela escuridão por quinze dias, então, vão para os seis meses em que o sol se move para o sul, e de lá para o mundo dos antepassados, e deste mundo para a lua.[6]

Esses são os estágios principais, como a fumaça, a noite, os quinze dias de escuridão e cada um desses estágios tem um espírito que é seu governante. Esses espíritos cuidam das almas e ajudam da mesma maneira que guias fazem em países estrangeiros. Cada um desses espíritos apresenta as almas a outros espíritos e, assim, elas vão rapidamente para seus destinos corretos. Lá, encontram

seus parentes e amigos que já faleceram, e se tornam favoritas dos deuses, vivendo o tanto que seus trabalhos lhes permitirem. Depois, elas voltarão, “primeiramente, adquirem corpos invisíveis (como embriões com apenas minutos de vida), depois passam do éter para dentro do ar, do ar para as nuvens e depois caem como gotas de chuva na terra. Após isso, entram nos corpos humanos através de alguns tipos de alimentos e depois renascem”.[7]

Neste processo, você deve se lembrar que a lei do que os evolucionistas modernos chamam de “seleção natural” atua, e por essa lei, as almas virão através dos alimentos para tais corpos, onde encontrarão ambientes adequados e condições para cumprirem seus desejos e colherem os resultados de seus próprios trabalhos. Durante o processo de retorno, todos seus sentimentos mentais e inteligência se contraem e elas não sentem nada, nem podem lembrar de nada. Depois, tornam-se boas ou ruins de acordo com as tendências latentes que possuem e que querem manifestar.

Mas aqueles que adoram a Deus com o coração puro e devoção sincera, aqueles que são retidos e trabalham pelos outros sem nenhuma esperança de recompensa e que são inegoístas e acreditam em um Deus pessoal extra-cósmico com um certo nome e forma, ou que são dualistas ou monoteístas em suas ideias sobre o pós-morte, irão para o céu pelo Devayana, ou o caminho que leva a Deus. Assim foi dito no *Upanishad*:

“Elas [as almas] vão primeiro para a luz, da luz para o dia, depois para a meia lua crescente, depois para seis meses quando o sol segue para o norte, depois para um local de espíritos iluminados, ou Devas, depois para o sol, depois para a região dos relâmpagos; lá, um espírito de ordem mais elevada vem e as levam para o mundo de Brahma, onde elas existem até o fim do ciclo.”[8]

Depois, elas podem retornar em um ciclo seguinte, caso não tenham realizado a verdade mais alta do Um. Neste caso, você terá que compreender que todos esses elementos, a luz, o dia, etc., devem ser interpretados como os estágios sob orientação dos espíritos, que são seus diretores, ou comandantes.

Essas descrições mitológicas e imaginações poéticas dos antigos pensadores simplistas da Índia são consideradas por muitos como infantis e por outros como absurdo. Seja lá o que for, um ponto que aprendemos com todas essas descrições é que aqueles pensadores antigos compreendiam que a alma não pode ser destruída após a morte e que ela tem um propósito a cumprir, e deve continuar a se manifestar, seja nessa Terra ou algum outro planeta, de acordo com seus desejos e ações, e que todos esses paraísos são transitórios e não a Realidade imutável.

Este é um grande ganho, com certeza. Em poucas religiões será possível encontrar tal ideia. Todas as religiões, como Zoroastrismo, Cristianismo ou Islamismo

terminam em ir para o céu, e elas descrevem o céu como um lugar eterno e imperecível. No entanto, a religião hindu não ensina isso. Em outras religiões, o ideal superior é ir para o céu, onde podemos conseguir várias coisas que não temos aqui e onde todos os prazeres virão incessantemente sem qualquer dor ou problema. Mas, com os hindus, este não é o estado superior desejável. Todos esses céus e locais de divertimento são fenomênicos e transitórios (mesmo que durem por milhões de anos, ainda assim milhões de anos comparados à eternidade não são nada).

É por este motivo que Sri Krishna, a Encarnação do Espírito Universal, diz a Arjuna:

"Todos os diferentes mundos dos espíritos, deuses e outros, começando com o mais alto céu de Brahma, são lugares para onde as almas devem retornar, mas aquele que Me alcança, o Espírito Supremo, permanecerá em Mim para sempre e nunca estará sujeito à qualquer lei da natureza."[9]

Portanto, na Vedanta, você não encontra nenhum valor especial nesses paraísos e nem mesmo nega a existência dos mesmos. É claro que nos paraísos a alma ficará frente a frente com Deus diante de Seu trono, e Deus lhe perguntará: "Quem sois vós?"; a alma responderá: "Aquilo que vós sois, assim sou também". Mas juntamente às mais altas concepções da Vedanta, todos esses paraísos e desejos pelo paraíso gradualmente se tornam um tanto insignificantes. Essa ideia de um Deus pessoal, sentado em um trono recebendo as almas piedosas encontramos nos antigos escritos hindus, quero dizer, nos *Vedas*.

No *Zend Avesta*, encontramos uma ideia similar de um Deus pessoal, Ahura Mazda, sentado em um trono julgando a condução da alma e recompensando ou punindo a cada uma de acordo. Os hindus não acreditavam primeiramente em qualquer tipo de inferno, mas os persas acreditavam. No *Avesta*, lemos o que acontece a um homem após a morte. As ideias de paraíso e inferno que encontramos no *Avesta* influenciaram grande parte dos judeus e mais tarde os muçulmanos. Sabemos que o *Velho Testamento* não fala sobre o destino da alma após a morte. No *Novo Testamento*, no entanto, encontramos ideias que coincidem perfeitamente com as descrições persas. Os persas acreditavam no dia do juízo final e uma ressurreição geral quando a vitória do bem sobre o mal fosse certa.

Os antigos hebreus não se incomodavam muito sobre o que acontecia com a alma após a morte. Eles acreditavam que Deus respirava vida dentro do homem e que aquele sopro, chamado de Nephesh, Neshama ou Ruach, vinha de Deus e retornava para Ele após a morte do corpo. Mas, mais tarde, quando os judeus tiveram contato com os persas, eles aceitaram as ideias deste povo. Os egípcios, como já foi dito, tinham uma crença de que a alma de um homem é um duplo, como uma sombra que continua enquanto o corpo continua, mas se o corpo é mutilado ou destruído, então a alma será também mutilada ou destruída.

Os caldeus também acreditavam em um duplo que seria aniquilado se os corpos fossem destruídos. Eles esperavam pela ressurreição do corpo. Encontramos essa crença entre os cristãos de hoje. Os filósofos gregos Pitágoras, Platão e seus discípulos acreditavam na imortalidade da alma e na teoria da transmigração. As ideias de Platão sobre a natureza da alma e suas descrições sobre o que acontece após a morte são exatamente as mesmas que encontramos nos *Upanishads*. Mas Platão acreditava em um lugar de castigo para os que praticavam o mal. Aqueles que tiveram ações incorretas e pecados passavam por sofrimentos e penalidades, e quando estivessem purificados, poderiam obter recompensas por seus atos bons e virtuosos. Platão acreditava que a alma humana pudesse migrar para um corpo humano ou para um corpo animal e depois voltar ao corpo humano.

Sendo assim, há muitas especulações sobre uma existência futura. Agora, vamos entender melhor o que a Vedanta tem a dizer sobre este ponto. Em primeiro lugar, a Vedanta diz que não há algo como a morte, que significa destruição. Ela admite a morte no sentido de uma mudança de forma. Este tipo de morte é uma constante na vida. A vida é impossível sem a morte, que significa as mudanças das formas. Já foi dito antes que estamos morrendo a cada momento, e que a cada sete anos nossos corpos são completamente renovados em seus elementos constitutivos. Mas, ainda assim, a forma é preservada. Embora cada partícula do corpo tenha mudado, continuamos a existir. Nossa continuidade não é interrompida e ainda podemos nos lembrar de eventos que aconteceram catorze, vinte e um anos atrás. Esta continuidade do agente consciente não pode ser explicada por nenhuma lei química ou física. Então, novamente, a Vedanta dá uma cartada final na teoria materialista dizendo que o pensamento, ou o sentimento, ou a inteligência, não podem nunca ser produzidos por qualquer movimento molecular ou mecânico. Movimento produz movimento e nada mais. Portanto, os átomos do corpo nunca produzirão sentimentos sobre o estado consciente, mas isso acontece por conta de um poder mais elevado, que chamamos de força do pensamento, ou potência da alma.

Essa potência não é sua, nem minha, mas ela existe na natureza. Todo o universo é como um oceano de uma substância viva que contém a potência da alma e a fonte da inteligência e da consciência. Nossa presente consciência é um reflexo, ou manifestação, daquela infinita fonte de consciência. Neste oceano da fonte de consciência, inúmeras ondas de consciência se levantam. Se estudamos isso a cada minuto, veremos que cada onda continuará a se mover, e se o oceano é infinito, a onda nunca vai parar e se moverá da eternidade para a eternidade, e, em última análise, voltará para o mesmo lugar de onde começou. Da mesma maneira, nossas vidas individuais não são nada além de um monte de ondas individuais nesse oceano infinito. Como cada onda se move para completar o infinito círculo, assim cada um de nós tem um passado sem começo e um futuro sem fim.

Os chamados cientistas rasos de hoje não admitem isso. Eles estão muito ocupados pensando sobre raça ou sobre as espécies. Ignoram o fato de que, se não houvesse indivíduo, não haveria nenhuma raça ou espécie. A raça, ou espécie, é um conceito abstrato que existe em nossa mente. Ele resulta de nossa generalização, enquanto os indivíduos são os fatos inegáveis da natureza. Cada uma dessas ondas começa como um simples embrião de vida, que contém todas as potencialidades que se manifestarão no futuro e que tentarão se tornar realidades através da expressão ou manifestação de muitas formas. O processo que demonstra isso é chamado "evolução", o que significa uma mudança de formas. Esta manifestação não teria sido impossível se as formas não mudassem e se as formas antigas não fossem deixadas de lado para que as novas surgissem. Sendo assim, essa mudança de forma é o que chamamos de morte. A morte é a morte de uma forma particular, e não da substância ou da força. A morte de uma forma reproduz, ou traz, o nascimento de uma outra forma, como a morte da forma-semente produz a forma-árvore, e assim vai. Novamente, aquilo que foi reproduzido irá morrer, depois reproduzir outro e assim por diante.

Portanto, a Vedanta diz que aquilo que nasce deve morrer, e aquilo que está morto deve renascer novamente.[10] Mas, não há nascimento nem morte para a vida da alma. A vida da alma é eterna e imortal. Ela toma a forma que ela quiser. A forma exterior tem sua causa na forma mental, e a forma mental, ou pensamento, é resultado de nosso desejo, ânsia ou anseios internos. Assim, nossa vida futura será determinada por nossos desejos, tendências, anseios e pelos trabalhos que fazemos agora. A Vedanta não liga para o paraíso ou inferno. Ela diz que aqueles que querem ir para o céu vão criar um céu e irão para lá aproveitar. Aqueles que pensam no inferno verão o inferno. Aqueles que se consideram pecadores são realmente pecadores. "O que você pensa, você se torna." Então, todos esses céus e infernos são as diferentes condições de nossa mente. Eles não existem fora. Enquanto estivermos em estado de ignorância, teremos tais sonhos. Mas quando tivermos a realização da unicidade de nossa natureza real com o Espírito universal, seremos livres do nascimento e da morte, e do céu e do inferno. Daí, nossa natureza verdadeira retorna a suas condições puras e reina em sua própria glória por toda a eternidade.

Capítulo 5

O renascimento da alma

O renascimento da alma pressupõe a existência de uma entidade inteligente que é separável e independente do corpo físico. Pelo termo Atman, queremos dizer o centro da atividade autoconsciente que pensa e reage aos fenômenos pessoais ou externos e, conscientemente, executa as funções da vida. Como essa alma chega à existência e para onde ela vai após a dissolução do corpo são perguntas que surgem na mente de quase todos os seres humanos. Essas perguntas são tão velhas quanto a primeira aparição do homem nesta Terra.

Desde tempos antigos, os filósofos e videntes da verdade de todos os países e nações fizeram inúmeras tentativas para revelar os mistérios do nascimento, vida e morte dos indivíduos neste planeta. Muitas e muitas vezes foi perguntado: por que animais e seres humanos repentinamente tomam uma existência, vivem por algum tempo, preenchem certos desejos, fazem trabalhos maravilhosos, mostram poderes incríveis e, inesperadamente, morrem, sendo forçados a deixarem seus planos, projetos, e com suas vidas meio acabadas e meio preenchidas? Por que é que alguns adquirem uma existência apenas para morrerem após poucos dias, semanas ou anos, sem obterem uma oportunidade de conhecer ou ganhar alguma experiência neste vasto mundo dos fenômenos? Esses eventos são acidentais ou existe uma lei que governa todos esses eventos e fenômenos que acontecem todos os dias diante de nossos olhos? Essas almas individuais vêm e vão embora sem qualquer propósito, ou existe um objetivo por trás de todas essas aparências?

As mentes humanas não conseguem descansar até que essas questões de importância vital sejam resolvidas. Os pensadores materialistas dos países ocidentais descartaram todas essas perguntas ao negarem o plano e propósito da vida do indivíduo e também da existência da alma. Eles explicam este fenômeno dizendo que a inteligência é causada pelas forças ininteligentes da natureza, governadas por leis mecânicas; algumas têm formas grosseiras e outras, formas mais sutis; as aparências de homens e animais são causadas por alguma combinação anatômica de átomos e moléculas durante o processo de evolução. De acordo com tais pensadores, não há alma nem vida após a morte, consequentemente, é inútil se perguntar tais coisas. É um desperdício de tempo e energia preocupar nossas cabeças sobre a existência da alma ou sobre seu nascimento e renascimento. Mas a explicação materialista não satisfaz as mentes dos buscadores da verdade, nem ajudam cessar essas perguntas que surgem espontaneamente nas mentes humanas; ao contrário, é possível ser mostrado que a combinação de átomos e moléculas nunca pode produzir consciência e inteligência, isso é um fato importante e uma propriedade apenas da alma viva.

É dito que movimento não produz nada além de movimento. É impossível para as funções orgânicas produzirem o conhecedor ou tradutor destas funções em sensações, ideias e pensamentos. Nos órgãos, a função do movimento nunca será outra que não a do próprio movimento - como consciência ou inteligência. Nenhuma consciência ou inteligência é uma ação de movimento. Se, no entanto, estudarmos os fenômenos da natureza com a ajuda da ciência moderna, compreendemos que os fenômenos por acidente, ou acaso, não têm espaço nesta corrente dos fenômenos, mas são guiados pela lei universal de causa e efeito, que é conhecida como a lei de causalidade.

Todo evento que já aconteceu no passado ou que acontecerá no futuro deve ter uma causa definida por trás e, ao negar esta lei, nós não apenas negamos a natureza, como negamos um princípio fundamental da ciência moderna, que é: “Algo não pode surgir do nada”. Aplicando essa verdade aos fatos do nascimento e da vida dos indivíduos, sejam de animal ou humano, entendemos que eles estão sujeitos à lei de causa e que são governados pela lei de causa e efeito; a causa da vida na Terra de todos os indivíduos é diferente uma da outra, ela não é uma ocorrência acidental, ela não pode ser acidental. Investigamos sobre a atividade consciente do indivíduo: será que ela vive para além do efeito, assim como alguns acreditam que a causa do ser humano é algo sobrenatural, que existe fora do universo? Essa causa existe para além do efeito ou ela forma uma parte, uma parcela, do próprio efeito? Isso é muito intrigante e muitos dos pensadores mais avançados falharam em seus esforços de entender a relação correta que existe entre a causa e seus efeitos. A solução do problema depende do conhecimento adequado da relação de uma causa com o seu efeito.

Todos os pensadores científicos do mundo chegaram à conclusão que a causa verdadeira de algo não está fora desse algo, mas permanece com esse algo, assim como a causa de uma árvore não se encontra fora da árvore, mas está na própria árvore. Causa significa um estado imanifesto de efeito, e efeito significa o estado manifesto da causa. Toda árvore se encontra em um estado adormecido de semente. Nada pode vir de fora da semente que já não estivesse nela, e condições e ambientes externos apenas trazem à tona aquilo que já existia potencialmente, ou ajudam na manifestação do poder latente. Uma semente de carvalho nunca poderá produzir nada além de outro carvalho, por mais poderosas que sejam as condições ambientais. As condições do ambiente não acrescentam em nada para a semente que já não existisse na semente desde o princípio. Portanto, aquilo que encontramos no efeito deve ter existido no estado causal desde o princípio. Todas as peculiaridades, assim como são manifestadas no efeito, e as tendências que podem ser encontradas nos efeitos, não são nada além de expressões das mesmas particularidades, as mesmas tendências e as mesmas propriedades que existiam no embrião da vida desde o princípio.

Ao aplicar esta verdade sobre os fenômenos do nascimento e morte dos indivíduos, podemos compreender o processo de cada passo da evolução do embrião da vida. A ciência moderna nos diz que um embrião de vida, ao atravessar o processo de evolução, pode aparecer [mais tarde] como um ser humano. Se isso é verdade, então tudo que existe em um ser humano deve ter existido também em um embrião de vida em estado potencial desde o princípio.

Precisamos admitir que a mente e todas as suas funções, tais como desejos e tendências, devem ter existido no embrião de vida e devem ter ficado latentes até o momento em que esses poderes adormecidos encontraram condições favoráveis para sua expressão. Eles não vieram a existir partindo do nada, porque a lei é: o que existe agora, deve ter existido desde o princípio. De outra maneira, correríamos o risco de cometer um erro admitindo como certo o argumento falacioso de que algo pode surgir do nada, ou que pode surgir de um estado desconhecido.

Esses embriões nada mais são do que minúsculos centros invisíveis de força, revestidos de minúsculas partículas de matéria etérea e como não têm uma forma definida, podem aparecer em qualquer forma, seja humana ou animal, para que possam manifestar e expressar alguns poderes que se encontram dormentes em alguns desses embriões. Embora estejam sujeitos à evolução, crescimento e progresso, ainda assim não são destrutíveis como as forças físicas densas do universo. Esses embriões possuem força vital, assim como poderes mentais e inteligência. Se você estudar as formas dos poderes psíquicos das tribos-de-animais microcósmicas ou os microorganismos, entenderá que os minúsculos embriões expressam poder e inteligência, e mesmo esses embriões manifestam esses poderes através das formas grosseiras ao fabricá-las eles mesmos, mas essa fabricação depende da lei que governa o universo material denso. No momento da dissolução das formas densas, todos os poderes manifestados conservam-se e mantêm-se latentes em um minúsculo embrião por conta da lei de persistência da força, até que chegue o momento em que as condições se tornam favoráveis para a remanifestação daqueles poderes que estavam adormecidos.

Esses embriões de vida são chamados de muitas maneiras. Podemos chamá-los de veículos da consciência. Alguns os chamam de almas individuais ou egos. Os filósofos indianos os descrevem como corpos sutis (*sukshma-sharira*) dos indivíduos. Esses corpos sutis, sendo governados pela lei de causa e efeito, e sujeitos à lei de ação e reação, aparecem novamente, seja neste plano ou em algum outro, para expressar alguns poderes, para manifestar tendências latentes e para ganhar conhecimento e experiência ao entrarem em contato com os objetos dos sentidos que existem no plano material. O reaparecimento dos embriões em formas grosseiras, sejam humanas ou animais, é chamado de “manifestação”, que é conhecido e compreendido pela teoria do renascimento da alma, ou doutrina da reencarnação, como é chamado na filosofia Vedanta.

Por renascimento da alma, a Vedanta não quer dizer o mesmo que transmigração, ou metempsicose. Em países ocidentais, há muitos pensadores e escritores que não compreendem a diferença que existe entre a teoria da transmigração e aquela da reencarnação, ou renascimento, e, por consequência, escrevem e criam uma grande confusão nas mentes dos leitores.

Porém, transmigração, ou metempsicose, tem um sentido completamente diferente daquele da reencarnação. Elas significam que uma alma passa de um corpo para outro após a morte, ou, em outras palavras, a alma, após existir em um corpo por um certo período de tempo, deixa-o no momento da morte e entra em outro corpo que esteja pronto para recebê-la, para obter experiência e conhecimento naquela outra vida, ou naquela outra forma; ou para colher os resultados dos trabalhos ou ações das vidas anteriores. Ela pode entrar em um corpo humano ou animal. Aqueles que fizeram boas ações entrarão em formas humanas ou angélicas, mas aqueles que fizeram maldades aparecerão em forma animal e, após ficarem como animais por um tempo, talvez terão uma forma humana e depois uma forma angélica, e depois voltam novamente para a Terra na forma de um animal superior. Assim, transmigração significa a revolução da alma de um corpo para o outro e exclui a ideia de crescimento, progresso e evolução dos mais baixos até os mais elevados estados da consciência.

A substância migratória, sendo de quantidade e qualidade constantes, escolhe as formas e corpos de acordo com as inclinações de seu caráter ou desejos. Ela é governada pela lei da causalidade, ou lei de ação e reação. No antigo Egito, eles acreditavam que após a morte do corpo, as almas viajavam por milhares de anos de um corpo até o outro. Pitágoras, Platão e seus seguidores acreditavam na teoria da transmigração, ou metempsicose da alma. Pitágoras dizia:

"Após a morte, a mente racional, tendo sido liberta das correntes do corpo, assume um veículo etérico e passa pela região dos mortos, onde fica por um tempo até que é mandada de volta a este mundo para habitar outro corpo, humano ou animal. Após passar por sucessivas purificações, quando estiver purificada o suficiente, será recebida entre os deuses e retornará para a fonte eterna de onde ela primeiramente se originou."

Platão também acredita nessa teoria da transmigração. Ele descreve de maneira alegórica como e para onde as almas vão durante o progresso da transmigração. Ele descreve no *Fedro*:

"No paraíso, Zeus, o Pai e Senhor de todas as criaturas, dirige seu carro alado, ordenando todas as coisas e supervisionando-as. Assim, quando a alma é incapaz de seguir e falha ao observar a visão da Verdade, ela afunda sob a carga dupla de esquecimento e vício, suas penas caem, ela cai na Terra e renasce novamente como ser humano ou como animal."

Platão diz que um milhão de anos podem decorrer antes que a alma possa retornar ao local de onde veio, porque ela não pode fazer crescer suas asas em menos tempo. Após os primeiros mil anos, as almas boas e ruins se juntam para escolher suas vidas e, ao invés de colher as consequências naturais de suas ações e delitos, elas têm permissão de escolher os corpos de acordo com a experiência e inclinação de seu caráter. Alguns, desgostosos com a humanidade, escolhem um corpo animal. Eles gostam de ter vidas como a das águias e outros seres, enquanto outros desejam ter novamente um corpo humano para verem quais experiências terão.

Com essa teoria mitológica, podemos entender qual ideia é transmitida pela teoria da transmigração ou metempsicose. Na Índia, desde tempos antigos, a teoria da transmigração prevaleceu, mas era diferente da teoria de Platão. Os hindus nunca acreditaram que as almas poderiam ter permissão de escolher estágios inferiores de vida de acordo com as inclinações de caráter, mas elas teriam que colher as consequências naturais de suas ações e delitos, aproveitar ou sofrer ao ter voltado ao corpo, seja animal ou humano. Mas, mesmo hoje, há muitos que acreditam na transmigração das almas, de que a alma após a morte pode voltar como animal e viver como animal por algum tempo, e depois subir ao céu e viver lá mais algum tempo. Mas as mentes racionais na Índia não acreditam nesse retrocesso das almas humanas em formas animais, e sim acreditam na doutrina do renascimento das almas, ou reencarnação.

A doutrina da reencarnação é baseada na teoria da evolução e depende da lei de causa e consequência, ou de ação e reação. Esses embriões de vida chegam à existência para cumprir certos poderes e desejos, e também adquirir certas experiências. Eles não voltam à forma de animal, mas sim continuam no plano humano e continuam a existir neste plano, sendo sujeitos à lei de evolução. Esta lei admite o crescimento e progresso através da experiência e conhecimento do mundo fenomênico. É verdade, no entanto, que há passagens nos escritos dos *Upanishads* que aparentemente se referem ao retrocesso das almas humanas à natureza animal, mas não necessariamente querem dizer que essas almas terão que assumir formas animais.[1] Quão absurdo é pensar que as almas humanas, após manifestarem poderes humanos, escolherão um corpo de cachorro para manifestar seus poderes? Como pode um animal inferior conter aquilo que é superior? Mas podem haver pessoas que vivam como animais mesmo quando têm corpos humanos, assim como podemos encontrar, dentre muitas pessoas, gatos, cachorros e cobras em forma humana, que geralmente são mais nocivos que os gatos, cachorros e cobras reais. Este tipo de retrocesso à natureza animal é resultado de ações e pensamentos ruins que estão no nível dos animais. Tais ações e pensamentos podem produzir seus resultados na manifestação da natureza animalesca. Este retrocesso é apenas temporário. Ele ajuda as almas individuais a adquirirem experiência no plano animal por um tempo até que saem desse estado, após o qual manifestarão os poderes latentes mais elevados daqueles embriões de

vida. As ações e pensamentos ruins são apenas erros nossos, que cometemos devido à nossa ignorância. Ninguém nasce para cometer qualquer erro. Então, cada erro é um grande professor a longo prazo. Precisamos entender isso. Mas, assim como é possível para uma alma humana adquirir experiências em um curto período de uma centena de anos mais ou menos, temos que admitir a doutrina da evolução e, consequentemente, a teoria do renascimento ou reencarnação das almas, ou embriões de vida, para que possam preencher o propósito de vida e ganhar experiências em todas as diferentes fases da evolução.

A reencarnação da alma não significa a mesma coisa como experimentada pelos filósofos budistas, que negam a permanência da entidade da alma, ou a entidade permanente da alma. Eles dizem que uma alma individual, após a morte do corpo, aparece novamente em outra forma, mas que aquele ser não é o mesmo ser, mas um ser de natureza semelhante. Isso cria uma dificuldade. Se executamos certos atos a fim de colher os resultados deles, precisamos da mesma entidade individual; devemos admitir que há uma continuação do mesmo ser, senão, seria como uma pessoa comendo e outra sentindo-se satisfeita. Assim, não haveria nenhuma lei ou harmonia neste universo.

Aqueles que não acreditam na doutrina da reencarnação, acreditam ou na teoria do nascimento único ou na teoria da hereditariedade, mas essas teorias não satisfazem as questões das mentes humanas e não explicam a diferença.

Os que acreditam na teoria do nascimento único não conseguem explicar porque as almas individuais vêm à existência, vivem por algum tempo e vão embora, nem para onde elas vão. Eles não compreendem o propósito da vida, que é adquirir conhecimento e experiência, e não conseguem entender porque crianças pequenas vivem e morrem com poucos dias, semanas ou meses, sem qualquer oportunidade de conhecer nada. A qual propósito de vida isso serviu? Os teólogos cristãos, acreditando no dogma do nascimento único, explicam que essas crianças, que morrem logo após o nascimento, irão para o céu, serão salvas pelo Pai eterno e desfrutarão a graça celestial por toda a eternidade. Se os cristãos acreditarem apenas neste dogma, eles deveriam rezar para que seus filhos morram após o nascimento e deveriam agradecer ao misericordioso Pai quando seus bebês morrerem e forem enterrados. Porém, essa teoria não explica as dificuldades, ao contrário, assume certas soluções dogmáticas que não explicam nenhuma das dificuldades. Essas soluções não são racionais nem científicas.

Três grandes religiões do mundo, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, ainda mantêm aquela teoria de vida e morte. Elas acreditam que chegamos à existência, ficamos por um curto período e morremos, indo para o céu ou para o lugar de eterno castigo. Aqueles que acreditam em tal teoria não conseguem livrar suas mentes das impressões que receberam durante suas infâncias. Os seguidores dessas três grandes religiões acreditam que as almas começam a existir, sendo criadas na

primeira vez a partir do nada, e continuam fazendo certos trabalhos sendo forçadas pelo Criador, mas elas terão que aproveitar ou sofrer por toda a eternidade por conta dos trabalhos feitos durante aquela curta existência à qual ela foi forçada e não pelo livre arbítrio, mas por desejo do Criador, que colocou esse livre arbítrio, ruim ou virtuoso, dentro dos seres. Isso é tão absurdo quanto uma pessoa que é forçada a fazer todos os atos de outra pessoa, sendo forçada a receber o castigo ou a recompensa pelo atos que não são feitos por vontade própria. A única saída para esta dificuldade é admitir a permanência do embrião de vida. Se essas almas existem hoje e continuam a existir pela eternidade, elas devem ter existido desde a eternidade, e deve haver um reaparecimento daquilo que já existiu em algum forma ou outra.

Há outra consideração que é, o começo, fim e continuação são concepções das mentes humanas, que dependem da concepção de tempo, mas todos sabemos que o tempo não tem existência absoluta.[2] Ele é apenas uma forma de conhecimento de nossa natureza, no que se refere à natureza exterior.[3] Esta concepção se dissipa no momento da morte, assim como acontece todas as noites quando entramos em sono profundo. Você pode se lembrar ou tem uma ideia do tempo quando sua mente está descansando completamente no sono profundo?

Não, você não consegue, porque a concepção se dissipa por algum tempo e as almas acordam depois do sono da morte, da mesma maneira como insetos acordam na primavera após dormirem por todo o longo inverno, ou como uma crisálida em um casulo, fiado por ela mesma durante os meses de outono. A natureza nos ensina essa verdade do renascimento pela semelhança entre sono e morte, e pelo rejuvenescimento da crisálida na primavera. As almas acordam após o sono da morte e colocam corpos novos para que possam cumprir certos propósitos e adquirir certas experiências, e para colherem os resultados de suas ações anteriores, sendo sujeitas à lei de causa e efeito, da mesma maneira como jogamos fora nossas velhas roupas e colocamos novas. Portanto, é dito na Vedanta:

“Assim como jogamos fora nossas velhas roupas e colocamos roupas novas, da mesma maneira, o ego individual, ou embrião da vida, após jogar fora o velho corpo, fabrica uma forma nova com o propósito de cumprir o objetivo da vida.”[4]

Através desta doutrina da reencarnação, muitas pessoas na Índia, China e Japão encontraram consolo para suas vidas e resolveram problemas extremamente difíceis que perturbam as mentes dos cientistas e outros pensadores do mundo. Mesmo nos países ocidentais, há filósofos como Platão, Plotino, Proclo, Kant, Schelling, Fichte, Schopenhauer, Lessing, Bruno, Goethe e outros; poetas como Wordsworth, Tennyson e outros; teólogos como Dr. Julius, Mueller, Dr. Dorner, Ruckert e outros, que acreditam na doutrina da transmigração, ou renascimento da alma. Filósofos antigos, como Origen, acreditavam na doutrina da reencarnação

porque ela é a única que satisfaz as mentes humanas, responde cientificamente a todas as perguntas sobre esse assunto e explica os fatos.

Se as teorias do nascimento único e da hereditariedade não explicam todas as dificuldades, devemos tentar outra teoria que é melhor e mais satisfatória. Houve um tempo em que a ideia de reencarnação e renascimento da alma se espalharam imensamente entre os cristãos dos tempos antigos, o que obrigou Justiniano a formular uma lei no Concílio de Constantinopla, em 538 d.C., para que parassem de espalhar essa doutrina que mataria o dogma cristão. A lei era:

"Qualquer um que apóie a apresentação mística da preexistência da alma e, consequentemente, a brilhante opinião de que ela retorna, que ele seja excomungado."

Aqueles que não acreditam na doutrina da reencarnação tentam explicar as dificuldades pela lei da hereditariedade. Mas essa teoria explica todas as questões?

Suponha que haja um jovem homem de vinte e cinco anos e que ele herdou certas peculiaridades e características, como talento para música, ou ter o nariz torto, ou uma risadinha peculiar com a qual ele lembra o avô. Agora, este jovem, de acordo com os apoiadores desta teoria, herdou tudo isso de seu avô que faleceu seis anos antes de ele nascer. Todas essas peculiaridades foram passadas ao jovem antes de ele nascer e ter um corpo humano, enquanto estava ainda como uma célula protoplasmática ou parecendo uma substância gelatinosa que não tinha nem nariz, nem boca.[5] Mesmo nesses momentos, ele herdou uma risadinha engraçada e nariz torto de seu avô. Essa célula protoplasmática era menor que a cabeça de um alfinete, e se você a observar em um microscópio, não conseguirá distinguir se é de um cachorro, gato ou árvore. Mas, mesmo assim, ela tinha todas aquelas peculiaridades. Antes que os centros nervosos e cerebrais começassem a tomar forma, os talentos musicais e tendências possuídas por este jovem existiam em células protoplasmáticas que vieram de seu avô.

Não parece absurdo para você pensar que uma célula protoplasmática possa conter todas essas tendências, o nariz torto, a risadinha, os talentos, mesmo quando não tem nem sequer cérebro, nem boca, nem nariz? Há muitos cientistas que acreditam na teoria da hereditariedade, mas eles não conseguem explicar como uma única célula pode conter todos os traços mentais, físicos, características e peculiaridades do pai ou avô, mãe ou avó. Mas que tipo de célula é essa que pode reproduzir todos esses poderes e tendências que são possuídos por cada um de nós no tempo presente? Este é o mais difícil de todos os problemas com que as mentes científicas já se depararam.

Já tiveram muitas teorias contra a teoria da hereditariedade. Não devemos esquecer que um organismo só pode herdar de onde há predisposição para herdar, de outra

maneira, isso não poderia acontecer. Supondo que essa teoria da hereditariedade seja uma verdade, o que aprendemos com ela? Aprendemos que todo o jovem existia antes de seu nascimento na célula protoplasmática e todo seu caráter estava lá. Isso não parece ser a mesma coisa que a preexistência do ser humano? Realmente se parece, uma vez que toda a natureza humana deve ter existido naquele embrião de vida em uma forma ou outra. Todos os poderes, inteligência e desejos também devem ter existido lá, senão, teríamos que admitir que todos aqueles poderes surgiram do nada, o que seria um absurdo e não científico.

Mais uma vez, a teoria da hereditariedade não pode explicar todas as causas que produzem gênios e prodígios. Pelo contrário, a doutrina do renascimento da alma, ou reencarnação, explica todas esses pontos satisfatoriamente. Como pode ser que o pastor Mangiamelo conseguia calcular de forma autômata quando ele tinha apenas cinco anos de idade? A criança Zerab Cloburn, quando tinha menos de oito anos, podia responder as mais difíceis questões matemáticas sem qualquer figura. Mozart, o grande músico, podia repetir uma sonata quando tinha apenas quatro anos e, quando tinha oito, escreveu uma ópera. Hoffman sabia tocar música lindamente antes de ter dez anos. Blind Tom *[N.T.: Escravo que se tornou pianista prodigioso, EUA, 1949 - 1908.]* não herdou seus poderes de seus pais. Ele foi um escravo e nasceu de pais escravos em uma plantação. Um dia, ele foi à casa de seu dono enquanto a família estava jantando e sentou-se ao piano e começou a tocar música que ele nunca tinha ouvido. Mas na música ele era um mestre. Ele conseguia compor sozinho e tocar suas próprias composições por três quartos de hora, e, após ouvir uma música pela primeira vez, podia repeti-la nota por nota. Ele nunca teve aulas e nem poderia compreendê-las. Essas ilustrações desaprovam a teoria da hereditariedade familiar, ou teoria da “hereditariedade cumulativa”. Aqueles que acreditam nessa teoria dizem que o gênio é resultado de uma hereditariedade cumulativa, que se apresenta gradualmente, i.e., de menos embriões para mais e mais e assim vai. Mas, em toda a história da genealogia dos gênios, em todos os grandes exemplos como Shakespeare, ou Lincoln, Jesus, Buda ou Shankaracharya, não encontramos traços de gênios na família desses grandes homens, ao contrário, seus pais e avós não demonstravam tais poderes.

Havia muitos pastores na Galiléia naquela época, mas Jesus, o Cristo, foi o único que não herdou nada da natureza pastoreira de seus pais e parentes. Houve muitos jovens príncipes e reis na Índia, mas apenas um Buda. Por que isso é assim? A teoria da hereditariedade explica tais exemplos? Não.

Se nós existimos agora, não temos como pensar em nossa aniquilação ou destruição. Destruição com o sentido de aniquilação é impossível neste mundo de realidades. Se existimos hoje, não temos como pensar em nossa inexistência, nem antes nem depois. Onde a alma existia antes do nascimento deste corpo, ninguém consegue dizer. Não podemos encontrar nem o começo e nem o final da alma.

Há algumas objeções que foram levantadas por muitos que não acreditam na doutrina da reencarnação. Uma pergunta é feita com frequência: “Se nós existimos antes, por que não nos lembramos?”. Se examinarmos nossa própria vida, não lembramos de muitas coisas e mesmo assim sabemos que as fizemos. Você se lembra do que fez em oito de fevereiro, vinte e cinco anos atrás, durante a tarde? Talvez você diga que não sabe porque não pode se lembrar. Nossa memória é apenas aquele poder mental pelo qual podemos recobrar impressões e ideias alojadas em nossa mente. A memória cresce e, se a desenvolvemos, lembraremos de muitas coisas que não lembramos agora.

Na Índia, há muitos Yogis que se lembram de suas experiências passadas. Na Grécia antiga, é sabido que os antigos filósofos iam à Índia para descobrir o segredo do maravilhoso conhecimento dos hindus. Alguns dizem que se eles pudessem lembrar do passado, ficariam muito felizes, mas talvez se soubessem disso, fariam mau uso do presente momento.

Se você soubesse que teria alguns grandes infortúnios em poucos dias ou meses, você seria capaz de desempenhar suas tarefas focado no presente? Ao contrário, você ficaria lembrando desses infortúnios. Não devemos alimentar nossa curiosidade vã ao tentar descobrir o que fomos no passado, mas vamos tornar nosso presente útil e fazer as tarefas que nos ajudarão a sermos melhores do que hoje. Que façamos o melhor uso de nosso presente até que chegue o momento de uma iluminação mais elevada, que nos revelará todo o passado e futuro, como um panorama diante de nosso olhos espirituais, depois, poderemos dizer como Sri Krishna disse a Arjuna no *Bhagavad Gita*:

“Tanto você quanto eu passamos por inúmeros nascimentos; você não conhece nenhum deles, enquanto eu conheço todos.”[6]

Capítulo 6

A alma e seu destino

A questão sobre a alma e seu destino surge espontaneamente em todas as mentes, sejam cultas ou incultas. Nenhuma outra questão toca os corações de homens e mulheres tão profundamente. Nenhum outro problema levanta tanto o interesse deles, ou coloca suas mentes para pensarem como este problema universal a respeito da natureza da alma humana e seu destino. Desde tempos antigos, os filósofos, sábios, pensadores e profetas deram o seu melhor para resolver este grande problema que responde a tal importante pergunta.

Em suas tentativas, chegaram a várias conclusões de tempos em tempos. Algumas conclusões agradaram algumas mentes. Alguns dizem que não existe nada como a alma que possa existir independentemente do corpo e que seja separada do corpo, enquanto outros negam sua existência completamente. Aqueles que acreditam na existência da alma como algo independente do corpo dizem que ela continuará a existir após a morte, i.e., ela é imortal. Porém, esta questão não perturba as mentes daqueles que negam a existência da alma, ou que acreditam que a alma não seja independente do corpo, mas que dependa do corpo enquanto ele viver, ou enquanto a alma viver no corpo. Podem haver pessoas entre nós que têm certeza de que elas mesmas não possuem uma alma.

Porém, todas as religiões objetivam levar a mente humana à crença de que a alma é eterna, que ela continua a existir após a morte e vai desfrutar o prazer e felicidade do paraíso, ou sofrer com castigos. Porém, tais ideias são baseadas em escrituras ou em escritos e dizeres de alguns grandes sábios e videntes.

A crença popular entre os cristãos é de que a imortalidade da alma, ou a vida imortal, foi trazida à luz por Jesus, o Cristo, e que, antes do advento de Jesus, esta ideia era desconhecida do mundo e que ninguém atinge a vida eterna exceto por meio de Jesus. Mas, quando estudamos as religiões pré-cristãs e suas Escrituras, vemos que a ideia da vida eterna era quase universalmente conhecida e aceita entre os antigos egípcios, caldeus, hindus, zoroastrianos, romanos, gregos e escandinavos. Na verdade, o estudo das religiões antigas do mundo refuta o dogma cristão de que Jesus, o Cristo, sozinho, trouxe a luz eterna para a vida e que ninguém pode alcançar o paraíso se não através Dele. Ele pode ter iluminado as mentes de certas tribos de judeus que não acreditavam nas Escrituras, ou que eram ignorantes a elas. Mas, a respeito de trazer a luz eterna para a vida pela primeira vez, não temos como aceitar.

Embora a maioria dos seguidores de diferentes religiões acredite em uma alma eterna, que é imortal e que continua a existir após a morte, ainda há um grande

número de pensadores avançados que questionam a autoridade das afirmações das escrituras. Após fazerem pesquisas independentes, chegaram à conclusão de que não existe algo como a alma, ou que a alma é uma com o corpo, ou que ela é um resultado das forças, ou das partículas materiais do corpo. Eles têm argumentos fortes que apoiam suas conclusões.

Da mesma maneira, os cientistas têm argumentos fortes que provam suas teorias. Eles não deixaram pedra sobre pedra para descobrir uma resposta satisfatória ou um resultado para este grande problema. Instrumentos finos de todos os tipos foram inventados para capturar o segredo, ou para descobrir aquilo que sai do cérebro no momento da morte. Cérebros dissecados de animais foram muito cuidadosamente examinados e assistidos minuto a minuto para descobrir o que é que sai do corpo no momento da morte. Mas, todas as tentativas, ou todo esse esforço humano, falharam. Todo o esforço humano para capturar esse algo invisível, ou a existência do magnetismo visível dos animais e do corpo humano, também falhou e isso levou muitos buscadores da alma às mesmas conclusões dos agnósticos, dos ateístas e dos materialistas.

Esta inabilidade de capturar a alma faz com que muitos neguem a existência dela como um todo, ou sua continuação após a morte; eles não conseguem acreditar em nada que esteja além do senso de percepção. Nenhum argumento pode convencê-los. Eles tentam extrair a inteligência da matéria e dizem que a inteligência, consciência e mente são produzidas pelo corpo material. Acreditam que a consciência e a mente não tenham existência independente por si próprias e que elas duram pelo tempo que o corpo dura, e que, após a dissolução do corpo, não fica nada, porque não conseguem perceber com seus sentidos aquilo que sai do corpo. Mas, ao mesmo tempo, ninguém pode provar que a matéria e as forças inconscientes da natureza já produziram consciência ou inteligência.

Se negarmos a existência da alma como independente do corpo, ou como algo que governa o corpo, regula e dirige as funções orgânicas do corpo, então somos imediatamente confrontados com dificuldades éticas, psicológicas e filosóficas. A negação da existência da alma como independente do corpo destruirá a aptidão ética das coisas como se nós não fôssemos nada além de máquinas.

Se dizemos que nossa vida se apaga como a fumaça de uma vela, então, por que deveríamos lutar por uma existência e por que nos preocuparmos com problemas, desgraças e sofrimentos? Qual seria a utilidade de viver uma vida virtuosa se não continuamos a existir depois que este corpo morre e acaba? Por que não devemos matar nossos vizinhos e tirar tudo deles para que a gente se torne rico? A posteridade dará conta disso por si mesma. Cada indivíduo seria extremamente egoísta e não haveria um padrão de moralidade.

Se negarmos a existência da alma que continua após o corpo morrer e acabar, então qual é a função de construir nosso caráter e o que de bom tem nisso, se todos os indivíduos morrerão em eterno esquecimento? Todos os problemas para se adquirir educação seriam em vão. O amor por esposa e filhos, que cresceu através do autossacrifício, será impedido de seu pleno desenvolvimento. Estaríamos, então, apenas jogando um longo e desesperado jogo com contadores inúteis se nossos desejos não servirem para nada? Isso é possível? Não, porque se isso fosse verdade, então cada um e todos nós deveríamos cometer suicídio e nos livrarmos de todos esses sofrimentos e tristezas. Deveríamos jogar todas as Escrituras no mar, demolir todos os templos e igrejas, e viver como bestas no plano dos sentidos. Se nossas almas não são imortais, ou se negamos a existência da alma, não haveria motivo para viver uma vida virtuosa ou treinar nossos filhos para serem corretos.

Esta dificuldade ética nunca será removida por aqueles que não admitem a existência da alma como independente do corpo. Então, novamente, na psicologia teremos que encarar a mesma dificuldade se negarmos a existência do corpo. A velha teoria materialista de que a alma, ou a mente, é o resultado das funções do cérebro está terminada. Ela não serve mais para muitas pessoas. Ao mesmo tempo, se negamos a existência da alma, não poderemos explicar as funções autoconscientes e sempre a postos do cérebro, que podem ser traduzidas em ideias e pensamentos sensíveis, e também não seremos capazes de explicar por qual força elas são desenvolvidas em um montante harmonioso, por qual força elas são trazidas à forma da memória e quais forças atuam nas células cerebrais para produzir a identidade consciente do ego individual. Temos o sentido da visão, o sentido da audição e o sentido do toque, etc. Podem as vibrações do éter produzir qualquer um desses sentidos? Pode alguma força mesmérica produzir os sentidos de ver e ouvir? É simplesmente impossível. Nunca ninguém foi capaz de ver isso. Estas e outras dificuldades psicológicas terão que ser removidas.

A autoconsciência nunca foi produzida pela combinação do éter ou da matéria, ou pela eletricidade. Novamente, quando analisamos todo este material psicologicamente, o que conseguimos reunir? As pesquisas psicológicas nos levam a princípios primários, matéria, conhecimento e consciência. Todo o universo pode ser entendido dentro destes grandes princípios: primeiro, a matéria, depois, o conhecimento ou força, e terceiro, a consciência. Destes, a matéria é imutável ou imortal, e pesquisas psicológicas também provaram que a matéria não foi criada por ninguém, nem por essas forças. A matéria é indestrutível e não-criável, é conservada e continua a existir. Se essa conservação da matéria e das forças é verdadeira, então, naturalmente, perguntamos porque o terceiro princípio, através do qual o reconhecimento de tudo que conhecemos não é conservado? Se a matéria e o conhecimento são preservados e se eles são não-criados e indestrutíveis, então, como sabemos disso? Você sabe disso por conta de sua consciência e sua inteligência. Você pode conhecer isso através de qualquer outra

força? O reconhecimento da matéria e força depende de sua [o leitor] consciência, e se ambos são preservados, então como nossa própria consciência não será preservada? Se matéria e conhecimento são não-criados e indestrutíveis, então como podemos provar que a consciência é criável e destrutível? De onde você adquiriu este conhecimento? Como você soube disso se não tinha consciência e inteligência?

Aqui não devemos nos esquecer que matéria e conhecimento formam apenas uma metade do universo e que a outra metade é o mundo subjetivo. Se estivéssemos todos inconscientes neste minuto, a existência desta sala não seria nada para nós. Nós a conhecemos através de nossa consciência. A existência da matéria e a existência do conhecimento dependem da consciência do indivíduo. Se uma delas pode ser conservada, a outra deve ser conservada também.

Se analisarmos esses fenômenos do universo e chegarmos aos princípios que fabricaram esses fenômenos do universo, chegamos à conclusão de que matéria e conhecimento são conservados e, se eles são conservados, sua inteligência e consciência também são conservadas. Para remover essas dificuldades, temos que admitir a existência da alma independente do corpo, que é a fonte de consciência e inteligência em nós, através da qual conhecemos nossa própria existência e a existência de outras coisas do universo. A alma não pode ser produzida pela matéria, já que a matéria não produz nada além de matéria. Newton descobriu a gravidade, mas a gravidade nunca descobriu Newton.

Se você acredita na permanência de sua própria existência, você é, claramente, um só com o corpo, então você pensa sobre si mesmo como corpo. Mas é muito óbvio que o corpo está mudando constantemente. Então, onde fica a permanência em nossos corpos? Esta forma material, ou organismo físico, será destruída. Onde então ficará nossa permanência? Não no corpo, mas na alma. É o senso de “eu” que continuará a existir após o corpo acabar.

Tendo compreendido esta solução ao problema a respeito da existência da alma, questionamos: se a alma continua a existir, o que será dela depois e qual será seu destino? A ciência moderna não colabora em responder a questão sobre o destino da alma. Isso é muito profundo. Podemos apenas adivinhar a partir das premissas sob as quais a indução pode ser formada. Obtemos a resposta na Vedanta, que é mais universal e não-sectária.

A Vedanta nos diz que a alma, que produz a forma material densa, é separável do corpo e pode existir independente do corpo. Ela possui o poder dos sentidos, força vital, mente e intelecto, assim como impressões de suas atividades físicas e mentais, e esta alma fabrica o corpo através dos veículos, que são os pais.

Agora, uma questão pode surgir: se a alma continua a existir após a morte, ela perde sua individualidade? Obtemos essa resposta na Vedanta, de que ela retém sua própria individualidade. Ela pode se lembrar onde esteve, quem são seus pais, etc.

O Espiritualismo moderno e o resultado de pesquisas psicológicas nos deram prova ampla sobre a alma individual após a morte. Aqueles que são altamente avançados na vida espiritual não se importam com suas ligações às regiões terrenas, mas eles se levantam acima delas. As almas mantêm sua individualidade e podem ir para qualquer um dos reinos. Elas podem ir para o reino angélico ou para o paraíso.

De acordo com a Vedanta, há muitos paraísos, não apenas um. Por paraíso, entendemos o reino de uma existência para onde vamos para desfrutar os prazeres da vida espiritual. Aqueles que aspiram por uma vida espiritual mais elevada irão procurar por coisas mais elevadas. Eles irão para frente e para cima até que se tornem um com o Ser infinito.

As ideias cristãs e muçulmanas de paraíso e inferno são as mesmas. O paraíso deles é um local de eterna felicidade e glória aos justos, e o inferno é um local de eterno castigo aos maldosos. Mas, na Vedanta, você descobrirá que não é assim.

Aquelas almas que têm desejos por objetos materiais terão que descer à Terra. Algumas almas permanecerão presas à Terra por um determinado período de tempo, alguns dizem que cem ou mil anos. As condições variam e essas almas, que têm desejos de serem rei ou imperador, ou terem uma grande fortuna, uma família grande ou qualquer outro tipo de ambição, terão que descer a este plano. Elas nascerão novamente. Então, o destino da alma humana é determinado por pensamentos, desejos e tendências. Criamos nosso próprio destino a partir de nossos pensamentos, desejos e trabalhos. O que somos hoje é resultado de nossa existência passada. Deus não é o responsável por nossas condições. Nós mesmos somos responsáveis e, se compreendermos este mistério secreto da alma, então, poderemos moldar nosso futuro de tal maneira que não mais teremos que descer, mas iremos mais alto e mais alto, até que tenhamos atingido o objetivo de nossa existência.

Aqueles que executam bons trabalhos e levam vidas virtuosas virão para o plano humano e renascerão novamente até que elevem suas aspirações e desejos. Aqueles que têm tendências baixas e que morreram em absoluta ignorância, tornarão-se tolos sujeitos ao sofrimento e à miséria por um certo período de tempo, até que percepções mais elevadas se abram a eles. Então devemos tentar nosso melhor para fazer boas ações que alimentem nosso caráter e que nos guiem a uma vida virtuosa, e assim iremos aproveitar a felicidade eterna e a imortalidade mesmo nesta vida.

Capítulo 7

Preexistência e reencarnação

É muito misteriosa a administração da vida e da morte dos indivíduos neste plano. Desde tempos muito antigos, filósofos e pensadores de todos os países tentaram desvendar este grande mistério da natureza.

Muitas e muitas vezes foi perguntado: por que as pessoas vêm para esta existência por pouco tempo? Alguns nascem e morrem em poucas semanas, ou em poucos meses ou anos, sem terem qualquer oportunidade de preencher todas as vontades que tiveram, como se fossem forçados por algum poder externo a deixarem este mundo inesperadamente antes que tivessem completado seus desejos e experiências. Por que isso é assim? Por que algumas pessoas vêm e vivem por um curto período e outras vivem mais? Seria tudo isso acidental? As almas vêm e morrem sem qualquer propósito definido e sem serem governadas por nenhuma lei? Ou existe uma lei por trás de todas essas aparências? Esta pergunta surge em nossas mentes e cada indivíduo deve resolver este problema, senão, ele ou ela não podem permanecer em contentamento. A mente quer uma solução porque nossa tendência é o saber. Então devemos saber e devemos resolver todos os problemas da vida e da morte.

Quando nos voltamos a classes diferentes de pensadores, encontramos uma classe deles que é conhecida como materialistas, ou cientistas, ou agnósticos. Eles negam a existência da alma enquanto entidade inteligente autoconsciente, mas tentam explicar tudo através das forças materiais que são governadas por leis mecânicas. Alguns foram tão longe que afirmam que o aparecimento e o desaparecimento dos seres humanos neste planeta não são nada além dos resultados de combinação fortuita ou acidental de matéria, ou da desintegração das partículas materiais, que é causada pelo processo natural de evolução da matéria. Não existe algo como a alma, não existe algo como propósito de vida, tudo isso acontece acidentalmente. E esses aparecimentos dos corpos, ou seres humanos, no momento da morte deixam de existir.

Porém, essa explicação não satisfaz as mentes dos buscadores da verdade. As perguntas não são solucionadas. No mais íntimo de nossas almas, sabemos que isso está errado, que não é verdade e que a matéria não produz inteligência ou consciência. Não vemos a matéria produzindo inteligência ou consciência. Seria muito difícil para qualquer cientista provar que a combinação de matéria, ou de partículas materiais, que são governadas por leis materiais, produzir inteligência e consciência. Por outro lado, é uma verdade científica que o movimento não produz nada além de movimento. Porém, a alma inteligente, ou a consciência, não é movimento e nem resulta do movimento, mas é distinta dele. Ela é a conhecedora

do movimento e de todas as atividades. Movimento não produz nada além de movimento. Ele não produz o conhecedor que detém todo o poder de traduzir as atividades moleculares das células cerebrais em sensações, percepções, desejos e pensamentos. Tudo isso são as propriedades vivas de uma alma viva que funcionam na mente. Ninguém provou que o cérebro cria a mente ou a inteligência, ao contrário, os grandes pensadores do mundo teriam compreendido o segredo da verdade a respeito da relação entre a mente e o cérebro.

Por exemplo, o Dr. Thompson, em seu livro *Cérebro e Personalidade*, explica que o cérebro é apenas o instrumento, mas a personalidade, ou a mente, ou a entidade inteligente autoconsciente, está ofuscando o cérebro. Ele compara o cérebro a um violino. Assim como o violino não pode produzir som sem um músico, então o som não é o violino e sim está na mente do músico, e o músico deve fazê-lo aparecer ao tocar suas cordas, que, por sua vez, tocam nossas almas. O violino sozinho não pode fazer isso. Similarmente, a personalidade é como o músico que está tocando as cordas dos nervos e das células cerebrais do lado de fora, por assim dizer, ofuscando-as e produzindo harmonia ou dissonância. Se o músico não é bem treinado, bem avançado e bem desenvolvido, em vez de trazer harmonia, ele cria dissonância, assim como uma criança que brinca no violino não produziria música e sim dissonância, o que seria algo muito desgradável.

Desta maneira, se analisarmos, veremos que nossa alma, a entidade autoconsciente e pensadora, não é um resultado da atividade das células cerebrais, mas é algo distinto e imaterial, ainda assim, ela tem o poder de controlar e governar todas as forças materiais que estão sob seu domínio. Se compreendemos que existe uma entidade que é o nosso eu real e que possui todos os desejos, pensamentos e ideias, então queremos saber: o que é este algo que é a autoconsciência? Onde ela existe? Como ela produz este corpo físico e organismo?

Bem, em primeiro lugar, se estudarmos a natureza, encontramos que a lei de causalidade é inexorável e onipotente. A lei de causa e efeito governa tudo neste universo. Todo efeito deve ter uma causa. Se negarmos a lei da causalidade, não apenas negaremos a verdade da natureza, como também destruiremos o princípio fundamental da ciência moderna, que é o de que algo não pode surgir do nada. Esta teoria tem sido adiantada pelo *Sankhya*, de Kapila. Na verdade, a não-existência não pode produzir a existência, ou a existência não pode surgir da não-existência. Se existimos hoje, devemos ter tido uma causa. Esta causa é algo e não uma não-existência. Em outras palavras, nós não viemos a partir do nada. Aplicar essa verdade ao fenômeno da vida e morte nos faz entender que todos os aparecimentos dos seres humanos e dos animais neste plano têm causas definidas. Tendo compreendido isso até aqui, queremos traçar o tipo de causa que produz todas essas atividades humanas ou as atividades de um ser inteligente. Qual é a causa que produz tudo isso? Esta causa está fora de nós mesmos ou ela está em nós? Esta é outra compreensão clara sobre a relação da causa com o efeito, que é

absolutamente necessária para uma solução apropriada para qualquer problema que tivermos que encarar.

Em vez de entrar nos detalhes dos métodos pelos quais a verdade científica final foi estabelecida, vamos supor que esta verdade científica de que a causa de uma coisa não está fora da própria coisa, mas na coisa em si, é científica e correta. Mas é fato que a causa de uma árvore não está fora da árvore, mas na árvore em si; a causa de um ser humano não está fora do ser humano, mas nele próprio. Então, não temos como traçar a causa fora de nós. Em outras palavras, a causa é o estado imanifesto do efeito e o efeito é o estado manifesto da causa. Toda a árvore permanece na semente em um estado visível ou em forma potencial. O ambiente apenas oferece condições favoráveis, sob as quais aquilo que está latente na semente torna-se verdadeiro, real e manifesto. O ambiente não oferece nenhum poder à semente que já não estivesse nela. Os ambientes simplesmente oferecem condições apropriadas. Se entendermos isso claramente, encontraremos que o ambiente não cria, mas o poder criativo está na própria semente e esta semente não manifesta o estado causal até que tenha atingido a forma de árvore.

Agora, aplique esta verdade ao ser humano, ou à sua manifestação. Se a causa está em nós, então qual é a causa? A causa deve ser algo que contenha as particularidades que um ser humano pode manifestar durante seu período de vida. A causa retém todas as potencialidades das forças, ou poderes da mente, do pensamento, do desejo e da inteligência, assim como a semente de um carvalho contém todas as particularidades de um carvalho.[1] Essas condições, ou poderes, que são latentes na semente de um carvalho não podem ser modificadas pelo ambiente e serão manifestadas em um carvalho e não em uma castanheira. Isso é um fato e já foi cientificamente provado. Portanto, o estado causal de um ser humano se manifestará no futuro e este estado causal é invisível, já que não vemos na semente toda a árvore latente que já está lá.

A semente de um baniano, por exemplo, é tão pequena quanto os grãos de mostarda e, se dada a você, você não saberia o que é, mas ela contém um gigantesco baniano que cobrirá a área de uma milha de circunferência e produzirá, talvez, setenta e cinco ou cem galhos a partir de uma única árvore. Existe uma árvore dessa no Jardim Botânico próximo de Calcutá. Uma árvore cobre uma área de uma milha e tem setenta e cinco troncos. Ela lança primeiramente suas raízes, que depois tornam-se troncos da árvore. Esta árvore gigantesca, que poderá durar por milhares de anos, como uma dessas grandes árvores aqui em Mariposa Grove, está contida naquela semente. Nenhuma outra semente a produzirá. Todas as peculiaridades de um baniano estão naquela semente.

Similarmente, o embrião invisível, que você pode chamar de ameba, bioplasma ou protoplasma, e que, mais tarde, aparecerá como um ser humano, contém todas as potencialidades daquele ser humano em estado invisível. Se negarmos isso,

correremos o risco de cometer a tolice de que algo possa surgir do nada. Mas a verdade científica é a de que, seja lá o que exista no final, existiu desde o começo. Se no final encontramos um ser humano como Abraham Lincoln, ou Shakespeare, ou Platão, então o embrião, ou a semente, que fabricou aquela manifestação particular, continha todos aqueles poderes em um estado invisível. Você pode chamar isso de embrião ou de qualquer outro nome. Nomes não fazem muita diferença. Leibniz chamava de Mônada. Os cientistas chamam de Embrião da Vida. A filosofia Vedanta chama de Corpo Sutil. Os corpos sutis são embriões invisíveis, ou núcleos, que contêm a mente, a inteligência, a razão, o poder de pensar, a força de vontade e todos os sentidos, i.e., os poderes da visão, audição, olfato, gosto, toque e assim por diante. Todos esses poderes estão lá no embrião da vida. Ele também contém as impressões das manifestações anteriores e elas estão contidas naquela substância. A substância é etérica e elétrica, i.e., as partículas minúsculas que são mantidas juntas pela força que é chamada de força vital, ou energia vital.

Agora, este ser sutil é o homem verdadeiro. O ser aparece na forma de um corpo humano que ele fabrica e onde ele vive. Assim como uma ostra, ou um caranguejo, fabrica a concha para ser sua casa, da mesma forma, o embrião de vida, ou corpo sutil do indivíduo, seja humano ou animal, assume uma forma de acordo com sua vontade, ou de acordo com sua tendência. O embrião de vida humana fabricará um corpo humano e, se assim desejar, fabricará o corpo de um animal. Não há forma particular e pode assumir qualquer forma. Este corpo sutil contém tudo. Não ganhamos nada de fora - já está lá. Ele tem infinitas potencialidades e infinitas possibilidades.

No momento da morte, o embrião individual contrai todas suas forças e poderes, e todos ficam centralizados em um núcleo, e este núcleo retém a vida, a mente, os poderes dos sentidos e todas as impressões e experiências que o indivíduo coletou. Então, ao longo do tempo, quando as condições favoráveis aparecerem, ele fabricará uma outra forma.

Os pais não são nada além de os principais canais pelos quais esses embriões de vida, ou corpos sutis, encontram as condições apropriadas para fabricarem os seres humanos ao obedecerem as leis da natureza. Os pais não criam a alma. Na verdade, eles não podem conceber uma criança apenas por vontade própria. Seria absolutamente impossível. A menos que a alma venha até eles e alimente o embrião, seria totalmente impossível.

Esses corpos sutis são como glóbulos de água. Assim como um glóbulo de água pode permanecer na forma de água no oceano, ele pode subir, ficar invisível em um estado de vapor em uma nuvem e depois descer novamente como uma gota de chuva. Depois, ela pode ficar novamente na lama ou pode ser congelada em uma substância sólida, momento em que você poderá manuseá-la, como na forma de uma pedra de gelo. Mas ela nunca é destruída e pode se tornar visível ou invisível.

Essas condições não mudam o glóbulo de água. Ele está lá e ele é o corpo sutil que surge no passado sem início no oceano da vida eterna e contém o reflexo do Espírito supremo na forma de inteligência. Ele pode aparecer nesta Terra ou pode ir para outro planeta, tem o poder de viajar na velocidade da luz e pode seguir pelo caminho da luz de um planeta para o outro pelas vibrações ou ondas do éter. Ele pode ser lançado instantaneamente e tem muito poder. Este corpo sutil pode permanecer neste plano na forma humana. Então, após a morte, ele pode ir ao paraíso ou para algum outro planeta, ou continuar em um estado invisível até que as condições apropriadas e ambiente cabível sejam encontrados. Depois, ele gravitará de acordo com suas vontades.

Todo esse processo é governado por uma lei e esta lei é chamada de lei da reencarnação ou remanifestação da forma sutil em forma física. Esta lei é inexorável. Não importa o que façamos, ou se admitimos sua existência ou não, ela funciona da mesma maneira. As mesmas forças que nos trouxeram aqui desta vez, nos trarão para cá novamente. Quem pode detê-las? A sua vontade ou a minha vontade não as detém até que entendamos, superemos e ultrapassemos tal lei. Podemos achar que a negamos ou mesmo que não acreditamos nela. Bem, o ignorante pode dizer que não acredita na gravidade e negar sua existência, e ainda assim todo seu ser está contido pela força da gravidade. Ele não poderia viver sem ela. As moléculas de seu corpo cairiam aos pedaços se não houvesse força da gravidade para mantê-las juntas. Ele não poderia viver na superfície da Terra se não fosse contido pela força da gravidade. Ainda assim, ele pode negá-la, mas sua negação é o mesmo que nada e simplesmente reforça sua própria ignorância que não pode compreender tal lei. Da mesma maneira, alguém que negue a reencarnação reforça sua própria ignorância porque desconhece a lei.

Aqueles que não crêem em reencarnação acreditam na teoria do nascimento único. Algumas grandes religiões, como o Judaísmo e suas ramificações como o Cristianismo, o Islamismo e o Zoroastrismo, preferem crer na teoria do nascimento único e tentam explicar todas as desigualdades e diversidades que existem entre nós, mas sem obter sucesso. Eles acreditam que as almas dos indivíduos foram criadas a partir do nada pela primeira vez e alguns dizem que elas continuarão a existir para sempre. Agora, como é possível que algo que tenha um início em uma parte continue a existir para sempre em outra? Isso é um absurdo. É absolutamente impossível. Tudo que tem um começo deve ter um final. Se você acredita que as almas individuais foram criadas a partir do nada pela primeira vez e que continuarão a viver para sempre, então, você tem que admitir que essas almas não foram criadas a partir do nada, mas que elas existiam anteriormente.

Em *Gênesis*, lê-se no primeiro capítulo que Deus criou o homem à Sua semelhança. No segundo capítulo, lê-se que Ele fez o homem do pó da terra e soprou o sopro da vida em suas narinas. Estas são as duas afirmações. Havia duas histórias que prevaleciam entre os fenícios dos tempos antigos e os antigos judeus. O escritor de

Gênesis aceitava ambas as histórias e as compilou em capítulos. Mas essas duas ideias são radicalmente opostas. Qual você irá aceitar? Se Deus criou o homem à Sua semelhança, como Ele o criou? Bem, o segundo capítulo diz que Deus o criou a partir do pó da terra. Porém, é necessário lembrar que a terra é uma matéria inanimada e, assim, não se explica como o sopro da vida chegou à existência. Todas essas dificuldades que surgem em nossas mentes após estudar essas declarações não podem ser resolvidas de nenhuma outra maneira que não seja aceitando a ideia de que o espírito, ou inteligência, ou consciência, nunca foi criado, mas que o corpo foi criado, ou fabricado, pelo processo de evolução. Como o sopro da vida nunca foi criado, da mesma maneira a mente e a alma nunca foram criadas, porém a alma retém a semelhança de Deus, ou do Espírito Supremo. Em outras palavras, como explica a Vedanta, o sopro da vida contém o reflexo do Espírito Supremo que é onisciente.

Não temos como explicar nada com a teoria do nascimento único, ou com a teoria da criação da alma a partir do nada, porque se Deus criou a alma do nada, por que Ele fabrica tantas variedades de características? Alguns nascem para aproveitar e mostrar sua genialidade e talentos maravilhosos, outros para manifestarem nada além de ignorância e outras fraquezas. Como você pode explicar algo assim? Uma pessoa pode ter cinco filhos, um pode ser um assassino, outro pode ser um gênio, outro um artista e assim por diante. O que faz todas essas desigualdades e diversidades? Se Deus cria cada um separadamente no momento do nascimento do corpo, então, quem deveria ser responsabilizado? Não os pais e sim o próprio Deus. Por que Ele não fez melhor? Esta pergunta costuma surgir em nossas mentes e devemos encontrar a solução.

Então, outra pergunta surge: por que crianças nascem para viver por pouco tempo, por um dia, ou por poucas semanas? Por que elas morrem sem ter qualquer oportunidade de alcançar nada, ou adquirir experiência neste vasto mundo dos fenômenos? Quem é o responsável e o que acontece com essas crianças? Bom, pode ter uma teoria de que elas vão para o paraíso e desfrutam a vida eterna. Para aqueles que acreditam nessa história, é melhor orar pela morte de seus filhos antes que eles cometam qualquer mal e agradecer ao Senhor quando seus corpinhos estiverem enterrados. Eu faria isso se tivesse filhos pequenos e acreditasse em tal coisa. Por que as crianças deveriam passar por essas desgraças e problemas? Se pudéssemos ir para o paraíso diretamente após morrer na infância, preferiríamos morrer a viver. Logo, essa teoria não explica nada, mas é absurda e irracional.

Assim, se você aceita a teoria da predestinação e da graça, isso também não nos ajuda muito. Se somos predestinados e preordenados a fazer tais coisas, e se um assassino é preordenado a matar alguém e, antes que ele tenha vontade própria, essa conta será arranjada pelo Criador, então por que deveríamos enforcar o assassino? Deveríamos enforcar o Criador porque Ele é o responsável. Sendo assim, não temos como encontrar qualquer solução.

Existe ainda outra crença, a da hereditariedade. A hereditariedade pode explicar todas as desigualdades e diversidades? Não, não pode. Como pode a hereditariedade explicar os casos de prodígios e gênios? Tome o exemplo do jovem menino polonês que é um exímio jogador de xadrez. Ele tem apenas oito anos e está em Nova York, acredito. Ele começou a jogar quando tinha cinco anos e ganhou de todos os grandes experts e campeões de Londres e Paris após disputar trinta e três partidas de uma vez e vencer todas elas. Qual poder mental ele possui? Ele tem irmãos e irmãs que não são incomuns, tampouco os pais são incomuns. O garoto é único. Como pode a hereditariedade explicar isso?

Veja o caso de Goethe, o grande poeta alemão. Ele foi um poeta e filósofo octogenário. Quando tinha dez anos, era um mestre do grego e de outros dezesseis idiomas. Tem um senhor francês, agora vivendo em Colúmbia (EUA), que sabe mais de uma dúzia de idiomas. Ele sabe mais do que seu professor pode ensiná-lo. A teoria da hereditariedade não pode explicar esses casos de prodígios e gênios.

Porém, há outra teoria que poderia explicá-los. O que quer que uma pessoa tenha manifestado nesta vida, ela já possuía no momento do nascimento desde o início, i.e., adquiriu este poder na vida passada. Então, qualquer talento ou gênio é apenas uma expressão daquilo que fora desenvolvido naquela alma em particular. Vi uma garota de apenas seis anos em Nova York. Ela sabia tocar Bach e Beethoven ao piano e qualquer música difícil com tanta facilidade e perfeição que você se surpreenderia. Ela dificilmente podia ultrapassar a oitava e, mesmo assim, tocava músicas rápidas com uma linda expressão. Sua mãe estava com ela e a mãe não era musicista. Seu pai também nunca fora músico. Como pode-se explicar isso? A hereditariedade não pode, mas podemos explicar isso com facilidade. Como essa criança era musicista e a alma dela era a de uma musicista na encarnação passada, agora ela fabricou essa outra forma [o corpo] com seu cérebro. Seu cérebro ainda não está suficientemente desenvolvido para compreender tal música, mas ela [a alma] está ofuscando o cérebro e manipulando todas as cordas cerebrais e células neurais para produzir essas músicas maravilhosas. Esta é a única explicação racional.

Se negarmos a preexistência da alma, não podemos explicar a imortalidade. Imortalidade não quer dizer que exista um começo de um lado e uma existência infinita do outro. A preexistência explica a continuidade da vida no passado e a imortalidade explica a continuidade da vida no futuro. Imortalidade significa uma vida eterna. Você não tem como aceitar uma metade e refutar a outra metade, porque cada uma delas estaria incompleta. Assim, a vida completa da alma significa passado eterno e futuro eterno. A alma nunca nasceu e nem foi criada do nada. Esta é a maior das teorias e é satisfatória. É reconfortante que não tenhamos vindo a existir do nada, mas que já temos tudo desde o início. Se somos a imagem de Deus, então possuímos todos os poderes. Deus não é uma substância que veio a

existir repentinamente como um cogumelo, mas Ele é eterno e, naturalmente, a vida de nossa alma deve ser eterna como a vida de Deus. Na verdade, somos partes integrantes Dele.

Desta maneira, se compreendermos quão bons, grandes e belos somos, não precisamos aceitar tal ideia de que após a morte não continuaremos a viver. Ao contrário, podemos dizer que enquanto tivermos desejos que sejam preenchidos no plano humano sob nossas condições presentes, teremos que retornar a este plano. Se os desejos mudarem, iremos para outros planos. Por exemplo, se tenho um desejo de me tornar um artista como Michelangelo e se eu, nesta vida, não puder me tornar um Michelangelo e ainda assim possuir o desejo em minha alma, você acha que este desejo não será preenchido ou manifestado? Nada deterá o preenchimento deste desejo, porque ele me trará de volta ao ambiente propício e a outras condições, e começarei desde a infância a ter tendências para me tornar um artista. Nada poderá me parar e continuarei enquanto meu desejo for forte. Continuarei até ser um mestre artista e esta é a lei da natureza. Assim, qualquer desejo que possuirmos, se ele for forte, moldará nosso futuro, criará nosso destino e nos fará de acordo com ele.

Esta ideia foi passada no *Bhagavad Gita*:

“Qualquer desejo que seja intenso durante a vida, torna-se predominante no momento da morte, e este desejo molda a criação do corpo sutil do indivíduo e isso determina o futuro deste indivíduo.”[2]

Assim, isso nos dá uma oportunidade de descobrir o que poderemos ser no futuro. Faremos nosso futuro de acordo com nossos pensamentos e desejos. Se você deseja ser um grande político, você o será. Se você deseja ser um grande salvador, você o será. Se você deseja ser um grande artista, você o será. Na verdade, você vive na eternidade. Não se desespere. Se você não pode ser um grande artista nesta vida, há centenas de vidas que chegarão a você até que você atinja aquele desejo. Quando um conjunto de desejos é cumprido, outros surgirão. Como cada alma individual possui infinitas potencialidades e possibilidades, ela pode expressar uma variedade infinita de manifestações. Porque somos todos eternos e partes do Infinito.

As ideias de preexistência da alma e reencarnação responderam as perguntas e resolveram os problemas da vida e da morte entre antigos filósofos, como Platão, Pitágoras e neo-Platonistas, e também entre poetas como Wordsworth, Tennyson, Walt Whitman e outros. Walt Whitman disse:

“Quanto a você, vida, considero que você seja a partida de muitas mortes. Sem dúvidas, já morri dez mil vezes antes.”

Ele aprendeu esta verdade através do estudo da Vedanta, assim como Emerson aprendeu sobre a crença da reencarnação a partir do estudo da Vedanta. É também verdade que não há outra filosofia que manifeste esta ideia tão fortemente quanto a Vedanta o faz. Claro, Platão e Pitágoras tiveram suas ideias vindas da Índia, através da Pérsia e do Egito. Os hindus compreenderam o segredo desta lei da preexistência e reencarnação mesmo durante a decadência da civilização da Terra. Essa ideia se espalhou entre os primeiros cristãos até o período de Justiniano, que condenou todos aqueles que acreditavam nesta ideia durante o Conselho de Constantinopla, em 638 d.C.. Ele dizia:

“Qualquer um que acredite nesta doutrina da preexistência da alma, faça com que ele seja condenado.”

As igrejas daquela época não aceitavam a ideia da preexistência da alma, mesmo que ela estivesse presente no *Velho Testamento* e também no *Novo*. Mas, fora os ortodoxos, há milhões que encontram conforto nesta ideia, como os budistas, japoneses, hindus, poetas e pensadores de todos os países. Portanto, esta é a solução racional e ela explica todas as causas de desigualdades, diversidades e o aparecimento dos prodígios. A hereditariedade, ou a teoria do nascimento único, como explicada pelos teólogos ortodoxos, não explica ou resolve a questão da vida.

Você deve ter notado que há pessoas que não conseguem aceitar esta teoria da preexistência e da reencarnação porque elas não conseguem se lembrar. Elas dizem: "Bem, se existimos antes, por que não lembramos daquilo que fizemos?". Você se lembra do que fez na infância? Você diria que você não existiu porque não pode se lembrar? Certamente que não. O que você fez quando era criança? Toda aquela existência que você teve e os detalhes desapareceram de sua memória, mas o conhecimento que você ganhou através dessas experiências é uma parte de seu ser, e isso moldou você do jeito que você é. A memória tem curta duração e, às vezes, ela é poderosa, às vezes é fraca.

O Espiritualismo atual jogou uma luz diferente neste assunto. Ele conta que as almas que partiram lembram-se de seus parentes e das condições pelas quais morreram. Então, a memória continua. Pegue o caso de Raymond, filho de Sir Oliver Lodge, ele se lembra de tudo sobre sua morte e se comunicou com seu pai e mãe e lhes contou. Assim, isso demonstra que mantemos nossa memória. Porém, os instrumentos, o cérebro e o sistema nervoso, são destruídos. Portanto, a memória não é produto da função cerebral, mas ela é um poder da mente que mantemos enquanto houver uma mente.

No entanto, a memória não é tão importante. Se nos recordássemos do passado, poderíamos fazer mau uso do presente, logo, isso não é desejável. Suponha que alguém conheça ou compreenda sua vida passada, e saiba que cometeu atos ruins, ele sofrerá por isso e ficará constantemente pensando no assunto. Perderia todas

as oportunidades de melhorar, faria mau uso de seu presente, não conseguiria executar nenhum trabalho apropriadamente, se preocuparia em como evitar o infortúnio que poderia chegar, não poderia dormir bem nem aproveitar uma boa refeição. Portanto, a filosofia Vedanta nos diz para não pensar sobre o passado, mas para modelar nosso futuro e presente, para, assim, fazer nosso futuro melhor.

É claro que existe um método pelo qual podemos nos recordar de nosso passado, porque todas as experiências que adquirimos durante nossa vida estão guardadas em nossa mente subliminar, ou subconsciente, onde todas as impressões estão rotuladas. Podemos trazê-las à tona se colocarmos nossa inteligência em um ramo particular da experiência que gostaríamos de lembrar.

Há casos como o de dois amantes que se apaixonam à primeira vista. Com isso, podemos explicar que essas almas se amavam antes e, naturalmente, lembram-se disso e se sentem como se tivessem se reencontrando. E o que é o amor? O amor não significa paixão, significa a atração entre duas almas. Isso não é no plano físico, mas no plano da alma, porque o amor é Deus. Ele é uma força divina, é uma atração divina entre duas almas. Se existe amor puro entre um homem e uma mulher, este amor continuará a mantê-los juntos mesmo após a morte do corpo, já que o corpo não pode interferir nisso. Porém, ao mesmo tempo, podemos nos lembrar que o amor deve ser mútuo. Se o marido ama a esposa e ela o ama verdadeira e inegoisticamente, então, este amor é mútuo. Mas, se você ama alguém e este alguém ama outra pessoa, não haverá uma reunião até que ambos sejam atraídos um pelo outro. Portanto, é necessário desenvolver aquele tipo de amor que seja mútuo e, então, este amor manterá o amante e o amado juntos pela eternidade. Não há separação neles. Assim, você não deve temer ficar separado de seu amado; se seu amado renascer, após você partir deste plano, você renascerá novamente e se encontrará inesperadamente e poderá aproveitar os belos efeitos do amor puro e divino.

Assim sendo, se analisarmos cuidadosamente, veremos que a preexistência e a reencarnação andam de mãos juntas e explicam todas as dificuldades e problemas da vida e da morte, tanto quanto da existência, e explicam também que somos os criadores de nosso próprio destino.

Nossa vida atual é resultante de nosso passado e nosso futuro será resultante de nosso presente. Se lembramos disso ou não, não faz diferença. Estamos sujeitos à esta lei eterna. Mas há almas que se lembram. Se nos erguermos à altura de nossa consciência espiritual, poderemos ver nosso passado e futuro como se eles fossem eternamente presentes. Sendo assim, Sri Krishna disse a Arjuna:

“Oh, Arjuna, você e eu passamos por muitos nascimentos. Você não se lembra deles, enquanto eu me lembro de todos.”[3]

Então, qualquer um que atinja o estado de superconsciência desenvolve uma visão. Ao desenvolvê-la, ele pode ver o passado e o futuro e lembrar-se de todas as experiências pelas quais passou e todas pelas quais irá passar. E, quando ele compreende que a vida é eterna, ele não se preocupa com as condições dos fracassos nem dos sucessos, ou doenças, ou sofrimentos neste plano terreno. Esta vida neste plano é apenas por um curto período, mas do ponto de vista da vida eterna, nós nunca nascemos e nem nunca morremos, porque somos sem nascimento, sem morte, eternos, imortais e também uma parte integrante do Espírito infinito, que é adorado sob nomes distintos entre raças distintas.

Capítulo 8

Preexistência e imortalidade

Um dos princípios fundamentais da filosofia e da religião Vedanta é a imortalidade da alma humana. De acordo com os ensinamentos da Vedanta, cada alma individual é imortal por natureza. Embora isso possa parecer pecaminoso do ponto de vista da moral, ela continuará a existir após a morte do corpo. Ela não pode ser aniquilada nem destruída até o nada; ela nunca deixa de existir.

Neste ponto, a religião Vedanta difere dos dogmas das religiões dualistas, que mantêm que a vida imortal pode ser obtida apenas por alguns poucos escolhidos, como uma dádiva especial de Deus, enquanto outros perecerão. Muitos dos teólogos cristãos ortodoxos afirmam que a continuação da vida após a morte no futuro eterno não é uma dádiva natural, mas uma dádiva especial, estando condicionada ao uso apropriado desta vida. Eles pensam que a imortalidade é uma recompensa pelos méritos e boas ações, por uma vida ética ou fé em Cristo. Aqui podemos questionar, quem vai decidir quantos graus acima de zero deve-se ser moral o bastante para obter a dádiva da imortalidade?

Se analisarmos minuciosamente, descobriremos que este dogma da imortalidade condicional não é fundamentado em uma base racional. Este dogma faz Deus, o Pai misericordioso, parcial e injusto. Como podemos imaginar que um Pai justo, imparcial e misericordioso concede imortalidade a alguns de Seus filhos e permite que os outros pereçam simplesmente por conta de seus atos imorais ou erros?

A religião Vedanta não ensina este dogma da imortalidade condicional, mas, ao contrário, diz que a vida imortal não pode ser uma recompensa ou um presente de qualquer ser superior, porque essa recompensa ou punição não é nada além do resultado, ou reação, de nossas próprias ações. Já que toda ação humana é finita ou limitada pelo tempo e espaço, e, por consequência, não é eterna, ela não pode produzir um efeito eterno na forma de uma vida imortal. Nenhuma ação humana, seja da mente ou do corpo, seja boa ou virtuosa, pode produzir um efeito eterno que seja ilimitado pelo tempo e espaço. Isso seria contra a lei de causa e efeito, que faz todo efeito, ou resultado, ser similar às suas causas, tanto em sua própria natureza, quanto em sua qualidade.

Há outro ponto importante em que a concepção de imortalidade na Vedanta difere daquela do Cristianismo. O Cristianismo, que acredita na teoria da criação especial da alma individual no momento do nascimento, nega a preexistência da alma antes do nascimento do corpo, mas ainda admite a continuidade da alma após a morte em um futuro eterno. Essa doutrina, novamente, não tem base racional, nem é apoiada por qualquer fator da natureza, porque é impossível que algo que tenha um início no

tempo dure para sempre. Ninguém jamais viu ou ouviu sobre qualquer substância que começou a existir em determinado momento e que tenha continuado para sempre no futuro. Podemos imaginar um graveto, que tem uma das pontas em nossa mão e a outra ponta é infinita e ilimitada? Não, isso é impossível. Não podemos pensar em algo que tenha, de um lado, um começo ou um limite, seja no tempo ou no espaço, e do outro lado seja ilimitado, tanto pelo tempo quanto pelo espaço. Como não podemos conceber qualquer objeto terreno, ou algo material desta natureza, como podemos imaginar que a alma que teve seu nascimento no tempo e espaço continuará a existir para sempre? Não podemos conceber que uma alma que veio a existir no momento do nascimento irá continuar para sempre após a morte em um futuro eterno ou no tempo infinito.

Portanto, a imortalidade, que significa a continuidade eterna da existência, pressupõe a existência da alma antes do nascimento do corpo. Se cremos na imortalidade da alma humana, temos que admitir sua preexistência também, porque aquilo que nasce deve morrer, e tudo que tem um começo deve ter um fim. Esta é a lei da natureza, não temos como ir contra isso.

As leis da natureza são sempre uniformes e universais, não há qualquer exceção. Todas as exceções são governadas por outras leis que podemos ou não conhecer. Essas exceções são apenas expressões de leis diferentes. Qualquer coisa que tenha nascido deve estar sujeita à morte e aquilo que tem um início deve ter um final. Se desejarmos ser infinitos e imortais no futuro, temos que admitir que somos sem início ou imortais desde o passado. Aqui, algumas pessoas podem pensar: como é possível que tenhamos existido no passado? Se aplicarmos a lei de que, como existimos hoje, não podemos ter vindo à existência do nada, então, teremos um vislumbre da ideia de preexistência.

É por este motivo que a Vedanta ensina sobre a imortalidade e a preexistência. Nenhuma teoria da imortalidade pode ser perfeita ou completa sem admitir a preexistência da alma. Nenhuma teoria provou com sucesso a necessidade de uma vida futura eterna no caso de alguém cuja existência no passado se provou desnecessária. Se você diz que sua preexistência foi desnecessária, então sua vida imortal será igualmente desnecessária. Se o mundo conseguiu progredir sem você antes, por que ele não poderia continuar progredindo sem você daqui para frente? Qual necessidade teria para uma vida imortal no futuro se você não existisse antes? Se você chegou à existência repentinamente, você pode deixá-la repentinamente. Quem nos impedirá de nos tornarmos uma substância tão efêmera?

Na Vedanta, a imortalidade real significa existência eterna, tanto no passado quanto no futuro. Preexistência e imortalidade estão tão intimamente relacionadas uma à outra que se negarmos uma delas não temos como aceitar a outra. Pela lógica, podemos estar incorretos, podemos ir contra as leis da natureza e nossa afirmação será baseada não em uma ideia racional, mas em algum dogma ou doutrina que

não tem fundamento. Na Vedanta, portanto, aprendemos que cada alma individual existia antes do nascimento do corpo. Se acreditamos que podemos continuar a existir após a morte, temos que admitir que existimos no passado, de outra maneira, não poderemos ter vida imortal no futuro. Não viemos à existência pela primeira vez a partir do nada, mas nosso presente é uma conexão à corrente de nossa existência passada e futura. Podemos não saber disso, podemos não possuir a lembrança de nossas vidas passadas e, ainda assim, existimos da mesma maneira.

Aqui pode ser questionado que se existimos antes de nosso nascimento, por que não conseguimos lembrar? Essa é uma das grandes dúvidas frequentemente levantadas contra a crença da preexistência. Algumas pessoas negam a existência da alma no passado simplesmente porque não conseguem se lembrar de acontecimentos do passado. Há outros ainda que mantêm a memória como padrão de existência e dizem que nossa memória do presente deixa de existir no momento da morte e com ela também deixamos de existir e, assim, não podemos ser imortais, uma vez que eles sustentam que a memória é o padrão da vida e, se não nos lembramos, é porque não somos os mesmos seres.

A Vedanta responde essa questão ao dizer que é possível que nos lembremos das existências anteriores. Aqueles que leram o *Raja Yoga* lembrarão do aforismo:

"Ao perceber os samskaras é possível adquirir o conhecimento das vidas passadas."[1]

Aqui, samskaras significa impressões de experiências passadas que estão adormecidas em nosso eu subliminar e que nunca se perdem. A memória não é nada além do despertar e ascensão de impressões latentes acima do limite da consciência. Um Raja Yogi, através de poderosa concentração nessas impressões adormecidas da mente subconsciente, pode se lembrar de todos os acontecimentos de suas vidas passadas. Há muitos exemplos de Yogis indianos que conseguiam não apenas saber sobre suas vidas passadas, mas também sobre a dos outros. É dito que o Buda lembrava-se de quinhentas de suas vidas passadas. Sri Krishna diz no *Bhagavad Gita*:

"Você e eu, Arjuna, já passamos por inúmeros nascimentos. Você não consegue recordar–se deles, mas eu me lembro de todos."[2]

Isso demonstra que Sri Krishna lembrava porque era um Yogi e Arjuna não lembrava pois não tinha o poder para isso.

Nosso eu subliminar, ou mente subconsciente, é o depósito de todas as impressões que reunimos através de nossas experiências durante o período de nossas vidas. As impressões são guardadas ou arquivadas na *chitta*, como é chamada na Vedanta. A *chitta* significa a mesma mente subconsciente, ou eu subliminar, que é o

depósito de todas as impressões e experiências. Essas impressões permanecem latentes até que condições favoráveis aparecem e trazem-nas ao plano de consciência. *[N.T.: Chitta pode ser entendida como consciência/mente individual.]*

Aqui podemos deixar uma ilustração: em uma sala escura, imagens são lançadas em uma tela com um epidascópio. *[*N.T.*: No original, o autor usa "lantern-slides", máquina antiga de projeção de imagens, também conhecida como "lanterna mágica".]* A sala está completamente escura e estamos olhando para as imagens. Suponha que abra-se uma janela e deixe os raios do sol do meio-dia chegarem à tela. Seríamos capazes de ver essas imagens? Não, porque o fluxo mais poderoso de luz do sol subjugaria a luz da lanterna e as imagens. Porém, embora as imagens fiquem invisíveis aos olhos, ainda assim não temos como negar que existam na tela. Da mesma maneira, as imagens dos acontecimentos de nossas vidas passadas, na tela de nosso eu subliminar, podem ser invisíveis a nós no presente, mas elas existem. Por que esses acontecimentos agora são invisíveis para nós? Porque a poderosa luz dos sentidos da consciência atual os subjuga. Se fecharmos as janelas e a porta de nossos sentidos do contato exterior e deixarmos a câmara de nosso eu interno mais escura, então, ao focar a luz da consciência e se concentrar nos raios mentais, podemos conhecer e lembrar de nossas vidas passadas tanto quanto dos acontecimentos e experiências passados. Aqueles que desejam desenvolver a memória e lembrar do passado devem praticar Raja Yoga e aprender o método de adquirir o poder da concentração ao fechar as portas e janelas dos sentidos. Este poder de concentração deve ser auxiliado pelo poder do autocontrole, i.e., pelo controle das janelas e portas de nossos próprios sentidos.

Essas impressões dormentes, quer nos lembremos delas ou não, são os fatores principais que moldam as características individuais com as quais nascemos. Elas são as causas das desigualdades e diversidades que encontramos ao nosso redor. Quando estudamos as características e poderes dos gênios e prodígios, não temos como negar a preexistência da alma. Não importa o que a alma tenha dominado em uma vida passada, ela manifestará isso no presente. Se possuímos sabedoria e conhecimento que conquistamos em vidas passadas, isso pouco importa se nos lembramos ou não dos acontecimentos em particular ou das lutas que atravessamos para obter aquele conhecimento. Esses assuntos podem não chegar até nós pela memória, mas não perdemos aquela sabedoria.

Agora, estude sua vida presente e verá que, nesta vida, você adquiriu um pouco de experiência. Os acontecimentos e lutas particulares que você passou morreram em sua memória, mas o conhecimento que você adquiriu através daquelas experiências formou seu caráter e te moldou de uma maneira diferente. Você não terá que passar por aqueles acontecimentos novamente para lembrar de como adquiriu aquela experiência. Isso não é necessário e o conhecimento obtido já é o bastante.

Tivemos entre nós pessoas que nasceram com alguns poderes incríveis. Pegue como exemplo o poder do autocontrole. Uma pessoa nasce com o poder do autocontrole altamente desenvolvido e esse mesmo tipo de autocontrole pode não ser obtido por outra pessoa após anos de luta árdua. Por que existe essa diferença? Bhagavan Sri Ramakrishna nasceu com a Consciência Divina e atingiu os mais altos estados de Samadhi quando estava com quatro anos de idade. Porém, esse estado é muito difícil para outros Yogis alcançarem. Teve um Yogi que veio ver Sri Ramakrishna, ele era um homem idoso e possuía poderes incríveis e dizia: “Lutei por quarenta anos para entrar naquele estado que é natural para você”. Shankaracharya, o grande comentarista da filosofia Vedanta, escreveu seus comentários quando estava com doze anos. Há poucos pensadores e filósofos no mundo que podem compreender o espírito de seus escritos; eles são tão profundos e sublimes que as mentes ordinárias não conseguem alcançá-los. Há inúmeros exemplos que mostram que a preexistência é um fato e que as impressões latentes, ou adormecidas, das vidas passadas, são os fatores principais que moldam o caráter individual sem depender de uma memória do passado. Mesmo sem poder recordar nosso passado por causa da perda de memória daqueles acontecimentos em particular, o progresso da alma não é interrompido. A alma continuará a progredir mais, ainda que a memória possa ser fraca.

Cada alma individual possui um depósito de suas experiências prévias no fundo de sua mente subconsciente. Tome como exemplo dois amantes. O que é o amor? Já foi explicado que ele é a atração entre duas almas. Esse amor não morre com a morte do corpo. O amor verdadeiro sobrevive após a morte e continua a crescer, e se torna mais e mais forte. No final, ele aproxima as duas almas e as torna uma. A teoria da preexistência pode explicar porque as duas almas, à primeira vista, conhecem uma a outra e se tornam atraídas uma pela outra pelo vínculo da amizade. Este amor mútuo continuará crescendo e ficará mais forte e, ao final, vai aproximar aqueles amantes não importa para onde eles vão. Assim, a Vedanta não diz que a morte do corpo acabará com a atração do apego das duas almas, e como as almas são imortais, suas relações continuarão para sempre. Mas não podemos nos esquecer que a relação e o amor devem ser recíprocos. Se você ama alguém e essa pessoa não te ama, o amor terá apenas um lado. Ele não vai aproximar as duas almas, então deve existir uma atração mútua para que se aproximem.

Na Vedanta aprendemos que, como a imortalidade significa a existência que continua no futuro eterno, então a preexistência também significa a existência que continuou pelo passado eterno. Uma não pode existir sem a outra. Cada uma apenas expressa uma metade da vida de nossa alma, que é eterna; porém, as duas juntas fazem o conjunto completo, isto é, a alma de vida eterna. Ela existiu antes e nunca teve nascimento, logo, ela continuará a existir no futuro para sempre. Nossa vida presente é resultado do passado e nosso futuro será o resultado do presente. Nada se perderá.

O Espiritualismo moderno colocou um pouco de luz sobre o futuro, a de que os espíritos que partiram podem se lembrar de suas relações passadas. Isso mostra que a alma não depende completamente do organismo físico, mas vai com o espírito para onde quer que ele for. Essa é a verdadeira memória. O organismo físico pode ser destruído, mas a memória vive. Ela é o corpo através do qual o eu subliminar reproduz os poderes que se encontram latentes nele. Assim, nossa vida presente é resultado do passado. Ela contém todas as impressões anteriores e experiências das vidas passadas e, apenas sob determinadas circunstâncias, elas podem ser recordadas.

Porém, neste ponto precisamos nos lembrar que a imortalidade não necessariamente implica que deveríamos ir para o paraíso para aproveitar eternamente dos prazeres celestes, ou ir para o inferno eterno por nossos atos ruins. Essas ideias não estão necessariamente incluídas no significado de imortalidade. De acordo com a Vedanta, a imortalidade inclui o significado de progresso, i.e., progresso de crescimento e evolução da alma dos estágios mais baixos para os mais altos do desenvolvimento. A imortalidade também inclui a ideia de que cada alma individual manifestará seus poderes que já estão latentes na alma ao atravessar estágios diferentes de crescimento e desenvolvimento até que a perfeição, onisciência e onipresença sejam adquiridas.

Para atingir isso e chegar ao final mais elevado, a alma deve manifestar a si mesma em estágios diferentes da vida e ganhar experiência. Aquela causa que nos trouxe ao plano de existência continuará a nos trazer para cá novamente no futuro. Se a mesma causa permanece em nós mesmo após a morte do corpo, então nada poderá nos impedir de retornar a esse plano de existência para preencher nossos desejos e propósitos.

Essa ideia leva às teorias do renascimento e reencarnação da alma individual. O renascimento e reencarnação da alma individual estão baseados na verdade da eternidade da vida da alma, que é expressa pela preexistência e imortalidade. O êxodo da alma após a morte para o paraíso, ou para algum reino de castigos, ou reinos mais baixos, depende inteiramente dos pensamentos e ações da alma individual. A estadia da alma nesses reinos é temporária e depende das condições para colher os resultados daqueles pensamentos e ações. Isso é, a alma continuará lá por quanto tempo tiver que colher os frutos de seus pensamentos e ações. Quando esse tempo expirar, os ocupantes do paraíso e dos outros reinos retornarão a este plano [terreno] para ganhar mais experiências e mais poderes e conhecimento, até que seja atingida a perfeição. A Vedanta não diz que o paraíso é eterno, mas temporário e não-eterno, e que a alma tem o poder de transcender o paraíso e até além de todos os reinos celestes. Por que deveríamos ser limitados por um lugar particular? Se não queremos voltar para este reino dos fenômenos, não podemos nos dar por satisfeitos mesmo se chegarmos ao paraíso. Depois,

chegará um momento em que deveremos tentar ir ainda mais além, até que nos tornemos absolutamente perfeitos e divinos. Assim, é dito na Vedanta:

“Mesmo o mais elevado paraíso é temporário e não-eterno. Os reinos que existem entre a Terra e o paraíso superior demonstram apenas o crescimento fenomênico e o progresso das almas individuais. Aqueles que vão para lá e permanecem lá estão sujeitos ao nascimento e renascimento. Eles voltarão novamente. Mas aqueles que atingiram a perfeição, transcendem todos os paraísos, compreendem a vida eterna e permanecem perfeitos para sempre.”[3]

Capítulo 9

Ciência e imortalidade

A crença popular no Cristianismo é de que Jesus, o Cristo, trouxe a vida eterna e a imortalidade para a luz e que a imortalidade não pode ser obtida senão através Dele, já que essa concepção de vida eterna, ou vida eterna após a morte, que é entendida como imortalidade, não existia antes do advento do ilustre Filho do Homem. Porém, os estudantes de religiões comparadas encontram que, em tempos antigos, muito antes da era cristã, a mesma concepção de vida eterna e imortal existia entre as nações antigas como os egípcios, caldeus, hindus e por outros ramos da nação ariana, como os zoroastrianos, os antigos gregos, romanos, escandinavos e assim vai.

Se estudarmos os registros mais antigos do Egito, que datam entre 12000 e 8000 a.C., encontramos que os antigos egípcios tinham uma crença na ressurreição do corpo, assim como na vida eterna para aqueles que eram corretos. A ideia bruta da ressurreição do corpo foi mais tarde rejeitada pelos sacerdotes e especuladores do Egito quando a ideia de um duplo, ou a alma independente do corpo material denso, se desenvolveu. Mas, as massas ignorantes mantiveram a crença na ressurreição do material, ou corpo corruptível, assim como encontramos hoje, sustentada pela maioria que acredita no Cristianismo ortodoxo. As classes ignorantes não conseguem acreditar que a alma possa ser separada do corpo e viver sem ele. Elas acreditam que a alma está ligada ao corpo. O apego à forma material é tão grande que não podemos pensar por um momento sequer que conseguimos viver sem o corpo, ou que podemos existir sem a forma material, que vestimos com tanto cuidado e a qual mantemos com coisas bonitas, boa comida e assim por diante.

Dentre os escritos dos antigos egípcios que viveram no tempo da quinta dinastia, isso é, em 400 a.C., encontramos ditados como:

“A alma para o paraíso, o corpo para a terra
O paraíso tem a sua alma, a terra o seu corpo.”

Você deve lembrar que 3500 anos antes do nascimento de Cristo, tais ditados foram proferidos e escritos pelos pensadores do Egito. Esses antigos egípcios acreditavam que as almas dos homens corretos iam para o paraíso aproveitar dos prazeres celestiais, e que comiam e bebiam porque possuíam um corpo etérico leve e ativo, portanto, precisavam comer e beber. Essa era a concepção deles e foi por essa razão que os parentes e amigos dos falecidos costumavam colocar comida na tumba e, às vezes, colocavam amuletos e outros objetos, acreditando que os falecidos poderiam precisar de tais objetos para se protegerem contra influências malignas.

Em outros escritos, encontramos que as almas dos falecidos iam para o paraíso e que aparentavam estar com roupas brancas, com sandálias brancas nos pés e caminhavam em campos de paz, sentavam-se com deuses e comiam os alimentos de Luz. Haviam canais, rios, estradas, barcos, charretes, cavalos e as duplicatas de tudo que temos neste plano estavam no paraíso. O desfrute de todos esses prazeres e confortos, durando por toda a eternidade, era o significado da imortalidade de acordo com aqueles antigos egípcios. Eles acreditavam que as almas dos falecidos iam para o céu e aproveitavam de todos os prazeres celestiais, os mais elevados ideais de prazer que podemos ter neste plano que se tornou imortal. O desfrute desses prazeres por toda a eternidade era o significado que eles davam à imortalidade. Devemos lembrar que por "eternidade" não queremos dizer um milhão ou mil milhões de anos, mas um tempo sem início. Você consegue entender o significado de eternidade, um tempo sem fim, aproveitando de todos esses prazeres?

Uma crença similar é encontrada entre os antigos gregos sobre os Campos Elísios. *[N.T.: Na mitologia grega, os Campos Elísios eram o paraíso governado por Hades.]* Eles acreditavam que as pessoas corretas que iam para os Campos Elísios continuariam a aproveitar os prazeres celestiais através da eternidade. Cada um dos falecidos retomaria os prazeres e ocupações dos quais gostava durante a vida na Terra. Tal crença prevalece entre os swedenborguianos e outras igrejas até os dias de hoje. *[N.T.: Os swedenborguianos seguem a doutrina proposta pelo teólogo e cientista sueco Emanuel Swedenborg, que viveu entre os séculos 17 e 18 d.C.]* Mas, faz muito tempo, um clérigo da cidade de Nova York escreveu um artigo em um jornal no qual diz:

"As atividades de nossos seres nesta Terra serão as atividades de nossos seres no paraíso. Não podemos alterar isso; isso não pode ser mudado, porém, devemos encontrar e procurar por tais ocupações. Em qualquer forma de existência que possamos conceber as ocupações da vida, devemos sombrear e tipificar a ocupação do céu e, em formas mais nobres e superiores, devemos continuar fazendo o que estamos fazendo hoje nesta terra."

Se esse comentário for verdade, gostaria de saber quantos de nossos cozinheiros, garçonetes, advogados, mensageiros e garis gostariam de continuar no mesmo trabalho por toda a eternidade, sem ter um final nisso. Gostaria de saber quantos gostariam de continuar trabalhando com isso.

Entre os cristãos piedosos, encontramos a crença que o aproveitar do paraíso e a concepção da vida eterna estão conectados com a crença de que tocar permanentemente uma harpa seria a principal ocupação no paraíso. Há um hino que é cantado nas igrejas que dá a descrição dos desfrutes celestiais onde os

Sabbaths nunca acabam. *[N.T.: Os Sabbaths são os sábados, o sétimo dia, tido como o dia do descanso, como dito na Bíblia.]*

Assim, vemos que antes do tempo de Cristo havia a crença na vida eterna dentre os caldeus, egípcios e gregos. Entre os chineses, hindus e zoroastrianos, encontramos uma crença parecida na vida eterna e nos prazeres celestiais no paraíso. Então, quando examinamos o dogma dos teólogos cristãos de que Jesus Cristo trouxe à luz, pela primeira vez, a vida imortal, paramos e perguntamos se aquilo é verdade ou não. Jesus Cristo pode ter iluminado algumas tribos dentre os judeus que não acreditavam em uma vida póstuma, ou vida após a morte, mas Ele não trouxe essa ideia para o mundo pela primeira vez; e mesmo a ideia cruel da ressurreição após a morte, que prevaleceu entre os judeus na época de Cristo, foi tirada dos persas durante o exílio na Babilônia (586 - 538 a.C.). Se lermos o *Zend Avesta*, podemos encontrar que cada indivíduo, seja lá quão bom ou maldoso possa ser, deve ressuscitar no terceiro dia após a morte e após isso irá para o paraíso ou algum local de punições. Esta ideia prevaleceu entre os judeus. Os persas aceitavam-na, os saduceus a rejeitavam e a outra classe de judeus ortodoxos a repudiavam.

Assim, descobrimos estudando as outras religiões do mundo que essa crença não foi introduzida pela primeira vez, mas passou a significar a vida eterna no paraíso. Ainda assim, a questão da imortalidade é um problema muito difícil. A maioria dos pensadores e metafísicos do mundo tentaram solucionar este problema da imortalidade. Alguns deles chegaram a certas conclusões, que são contra ou a favor da existência da vida eterna após a morte.

Porém, se analisarmos o significado da palavra imortalidade, ela quer dizer sem-morte ou o estado que não está sujeito à morte. Então surge a pergunta: o que é a morte? Se por morte queremos dizer destruição, aniquilação ou dissolução absoluta do universo ao nada, então não há ninguém neste mundo que esteja sujeito à morte ou aniquilação. A ciência provou que tanto a matéria quanto a força são indestrutíveis. Cada partícula de matéria, por mais minuciosa ou densa que possa ser, não está sujeita à destruição absoluta ou morte e, nesse sentido, devemos dizer que a matéria é imortal, a força é imortal e a energia é imortal, porque não estão sujeitas à destruição ou aniquilação.

A velha e bruta concepção da morte é que ela é um tipo de sono. O espírito, ou a alma, vai para a inconsciência no momento da morte. Nesta inconsciência adormecida, a alma permanece até a manhã da ressurreição, quando será novamente combinada ao corpo. Tanto o corpo quanto a alma vão para o céu ou inferno, aguardando o julgamento do piedoso Pai. A morte era tida por teólogos cristãos como o maior inimigo dos mortais e significava a ruína da alma através da eternidade. A alma boa permanecia boa para sempre e os maldosos sofriam por toda a eternidade. Essa concepção sombria da morte ainda prevalece entre certas classes de cristãos; o horror e o desespero também permeiam a atmosfera dos

santuários sagrados, sob as abóbadas dos lugares sagrados, e as pessoas tremem de medo quando cheiram a aproximação da morte. Como isso é marcante, essa ideia conserta a ruína da alma individual e estereotipa o indivíduo para que ela dure para sempre. Então, o homem maldoso que não tem religião terá que sofrer por toda a eternidade.

Agora a ciência abriu nossos olhos para o fato de que a morte não é tão ruim assim. Ela diz que a morte não é um inimigo que ataca a vida e não podemos viver sem morrer, e a morte é também uma constante continuação da vida. Na verdade, o crescimento seria impossível se não houvesse morte, então não há motivo para temê-la.

Um pensador científico não teme a morte, mas a considera uma necessidade para mudar ou crescer. Por morte a ciência quer dizer mudança, i.e., mudança de uma forma em outra. Em nossa vida, vemos que naturalmente a cada sete anos, temos praticamente um novo corpo e cada molécula de nosso corpo está constantemente mudando. Cada célula microscópica em nosso organismo está produzindo novas formas. As velhas formas estão morrendo e formas novas e diferentes estão surgindo. Quando você planta uma árvore, você verá como a semente morre antes que a planta comece a nascer. Assim, a morte é o início de um novo estágio da vida e, portanto, não devemos segurar-nos a velhas crenças, pensando que devemos considerar a morte como um inimigo constante da vida, em vez disso, devemos considerá-la como uma amiga da vida.

Se por morte entendemos uma mudança, então a palavra imortalidade receberá um novo significado, isto é, assumirá aquele estado que não morre e que não está sujeito à morte. Ou, em outras palavras, a imortalidade significa um estado que é absoluto, imutável, sem-morte. Assim, o real significado da imortalidade é persistir na existência, sem estar sujeita a qualquer outra mudança. Agora, se este for o significado de imortalidade, existe algum estado que está absolutamente livre de mudanças de qualquer tipo? Essa é uma grande questão. A resposta é muito profunda. Precisamos analisar o mundo fenomênico como um todo para descobrir se a imutabilidade existe. A ciência diz que tudo está sujeito à mudança e vemos os sinais de mudança e declínio em todos os lugares. Todos sabem como o sistema solar veio a existir a partir de uma massa de matéria nebulosa. Gradualmente, ele ficou congelado na forma gasosa e foi ficando sólido, depois voltou ao estado gasoso. Nossos corpos estão sujeitos à mudanças. Na verdade, eles estão mudando o tempo todo. Se você puder imaginar-se em um redemoinho de éter, ou se você já viu sua mão por um raio-x, você saberá como seu corpo é. Tudo ao seu redor é feito das mesmas partículas etéreas de matéria em uma massa homogênea, que é uma substância sólida impenetrável e espessa. Não há espaço entre as partículas e você não pode separá-las. Nessa massa, há pequenos ventos aqui e ali, e são eles que chamamos de nosso corpo.

Cada célula minúscula do corpo está sob mudanças constantemente. Compreendemos através da sensação que algo chega do mundo externo, seja na forma de vibração de luz ou na forma de vibração do ar, e isso afeta nossos sistemas nervosos e produz determinadas mudanças nos nervos ópticos, em outros nervos diferentes e nas células cerebrais, e é nessas células que uma certa vibração é produzida e ela é interpretada pela consciência como mudança. Vemos que a cada passo existe mudança e, sem ela, não temos como ouvir, ver cores ou cheirar qualquer coisa. Todos os sentimentos e pensamentos são certos tipos de vibrações. Eles crescem e desaparecem. Um tipo de vibração nos leva para uma região específica da consciência e outro tipo produz outras vibrações de emoções. Assim, todas as vibrações significam mudança. Nosso próprio ser está sujeito à mudança. “Onde está aquela existência imortal?”, podemos perguntar isso à ciência. Mas ela não tem a resposta. Não há nada no mundo que tenha imutabilidade completa. Os fenômenos do mundo devem mudar. Qualquer coisa que exista no tempo e espaço está sujeita à mudança, e isso se dará em formas que não podemos imaginar. A forma pode ser de matéria ou éter, mas em qualquer dos casos, ela está sujeita a mudar.

Por imortalidade podemos querer dizer que a alma vestirá uma nova forma e irá para o paraíso aproveitar os prazeres celestes durante a eternidade, vestida em uma forma etérea e sem qualquer mudança ao longo da eternidade? Podemos tentar imaginar uma forma etérea que vá durar como uma estátua, porque qualquer sentimento pressupõe algum tipo de mudança, ela teria um corpo que não está sujeito a qualquer tipo de mudança? Não, não temos como conceber algo do tipo. Logo, a imortalidade não pode ser aplicada a corpos celestiais, não importa o quanto possam ser finos ou etéreos.

Se analisarmos o conceito de prazer, encontramos que não podemos ter qualquer sentimento de prazer se não temos nenhuma concepção de dor. Da mesma maneira, se não temos nenhuma concepção de dor, não podemos ter qualquer concepção de prazer. Podemos saber apenas como é um sentimento ao compará-lo com outros sentimentos que tivemos anteriormente e também saberemos diferenciá-los. Se formos aproveitar os prazeres por toda a eternidade, devemos ter algum tipo de concepção de dor, de outro modo, não podemos aproveitar prazer por toda a eternidade. É por este motivo que aqueles que acreditam em uma eternidade, também terão que acreditar no fogo eterno do inferno. A verdade fundamental sobre isso é que não podemos aproveitar de um sem experimentar o outro.

Nas descrições do inferno e paraíso, encontramos que há uma parede de vidro separando os dois pela qual as almas que estão aproveitando os prazeres celestes podem ver os outros sofrendo e podem se comparar enquanto aproveitam seus prazeres. Seria bem impossível para nós aproveitarmos aquele prazer se o aproveitamos o tempo todo sem descanso. Se gostamos de música e ouvimos

música dia e noite sem fazer outra coisa, ela deixaria de ser um prazer para nós e em seis horas estaríamos cansados dela. Se vemos uma cor o tempo todo, ela deixaria de ser uma cor. Se formos para o paraíso e permanecermos lá por toda a eternidade não teria prazer algum. Agora, sob todas essas condições, não podemos pensar que a vida eterna no paraíso com um corpo mais sutil seja o significado de imortalidade, nem que o desfrutar dos prazeres celestes de um mesmo tipo sejam o significado de imortalidade.

Aqueles que acreditam que a imortalidade quer dizer uma imortalidade pessoal não compreendem o significado da palavra personalidade. Qual é o significado de personalidade? É como se fosse uma máscara, é um acessório da mente. Já lemos sobre personalidades duplas, triplas e quádruplas. Tinha uma garota na Inglaterra com dez personalidades e cada uma delas era distinta uma da outra. Assim, por personalidade não devemos entender um certo estado de consciência. É como um personagem interpretado no palco. Quando a alma individual interpreta um certo personagem e faz algum papel no teatro da vida, aquele personagem em particular é a personalidade particular daquele momento. Quando ideias diferentes se desenvolvem, e tendências e desejos diferentes desaparecem, uma personalidade diferente aparece. Aí esquecemos nossa personalidade antiga. Se sempre analisarmos nossa personalidade, encontraremos que ela está sujeita à doença, declínio e morte. Portanto, a personalidade não quer dizer um estado imutável absoluto, seja neste plano ou no paraíso.

Algumas pessoas acreditam que a imortalidade seja condicional, que ela não é uma dádiva natural, mas um tipo de presente de Deus para certos indivíduos. Então surge a pergunta sobre qual tipo de presente é este e quais são as condições para recebê-lo. Quem poderá decidir quantos graus acima do erro alguém pode estar para obter tal presente de Deus? Alguns podem dizer que alguns tipos de subsistência, trabalho e exercícios devocionais são suficientes para receber este presente. E mais, se analisarmos esses exercícios devocionais e trabalhos mentais e físicos, descobriremos que todas as nossas ações são governadas pela lei da ação e reação, ou lei de causa e efeito. Toda causa deve produzir um efeito. Agora, se o resultado é eterno ou perpétuo, a causa deve ser eterna ou perpétua, porque uma causa finita nunca poderá produzir um resultado infinito. Isso é contra a lei da natureza. Agora vamos para nossas ações, as boas e as más. Se colocarmos juntas todas as nossas ações ou trabalhos bons e maus durante uma vida toda, mesmo cem anos, eles não podem ser ilimitados. O efeito, portanto, não pode ser ilimitado. Perceba então que a causa deve ser ilimitada também. Deus não pode mudar essa lei porque, não importando o quanto Ele seja poderoso, ela é uma lei Dele mesmo. Dá para imaginar a lei de causa e efeito parando por um segundo? Não, porque isso faria o universo inteiro cair aos pedaços. Aqueles que acreditam que Deus altera a lei da natureza estão fazendo afirmações que não têm qualquer embasamento.

Deus não pode dar uma dádiva de graça para qualquer indivíduo indiscriminadamente só porque os teólogos dizem que deve haver algum tipo de exercício devocional que traga essa dádiva. Se dependemos de algum exercício devocional, isso também é uma causa limitada e deve produzir efeito limitado. Assim, a vida perpétua, como um prêmio por todos os nossos atos bons, é uma impossibilidade. Não conseguimos compreender isso porque seria o contrário das leis da natureza. Logo, os filósofos da Índia não acreditam em tal afirmação, eles acreditam em paraísos múltiplos. Pela lei da ação e reação, eles tentam explicar que a vida terrena está sujeita à mudança, assim como os prazeres celestiais. Assim, a vida eterna não é eterna, ela é temporária. Milhões e milhões de anos quando comparados à eternidade podem parecer para nós como um lampejo de luz, já que são temporários. Todos os filósofos da Índia diziam:

“Do mais alto paraíso até o limite do universo, todos esses lugares diferentes de existência estão sujeitos ao crescimento e à mudança.”[1]

Aqueles que praticam bons atos vão para o paraíso e podem permanecer lá até que seu tempo expire, depois vão para outros reinos. Eles podem voltar para a Terra ou, se forem para um [outro] paraíso, terão milhares de anos aproveitando os prazeres celestiais. Mas isso deve ter um fim. Mesmo que consigam corpos celestiais, esses corpos estão sujeitos à mudança. Todos aqueles seres superiores, os anjos e arcanjos que existem nas regiões celestiais, são limitados. Eles podem ter a percepção psíquica, mas ainda há limite. Essa concepção não pode ser encontrada em nenhuma outra religião ou filosofia, exceto nos escritos dos grandes pensadores da Era Védica. Como os pensadores e videntes da antiga Era Védica aprofundaram-se muito, eles não aceitavam nada que fosse um rumor. Uma revelação de Deus que não apela à razão, que não toca nossos próprios sentidos, que não está em conformidade com as leis da natureza, não pode ser a verdade.

Se Cristo possuía a vida imortal, então cada um de nós deve tê-la também como direito de nascença, de outra maneira, Cristo não a possuiria. Existe apenas uma lei universal que é a lei da luz, ou lei de ação e reação, ou lei de causa e efeito. Elas são as mesmas e encontramos, a cada passo, que essa lei [da luz] prevalece. Como diz a ciência cristã:

“Descubra as leis da natureza; se você não puder harmonizar as verdades de Cristo com as leis da natureza, você não terá descoberto verdade alguma.”

Você ir para o paraíso não quer dizer que obteve a imortalidade e ter um corpo celestial também não quer dizer isso. Qual o verdadeiro significado de imortalidade? Será possível ter qualquer coisa imutável neste mundo de mudanças? Essa pergunta perturbou também a mente de pensadores muito tempo atrás e hoje, Kant, Huxley e Ernst Haeckel tentam descobrir algo que seja a Realidade imutável e a

Verdade absoluta. Mas será que eles conseguem? Acho que não estão sendo bem sucedidos.

Aqueles que procuraram a verdade podem ser divididos em duas classes. Uma delas pode ser classificada como os materialistas, que negam a existência da alma como separada do corpo material e, de acordo com eles, todas as questões sobre a imortalidade, Deus e alma são mera perda de tempo e energia. Eles tentam descobrir tudo sobre a matéria e a força, e dizem que a força é imortal, a energia é imortal e que isso é tudo. Mas temos como nos contentar com as conclusões desses grandes materialistas do mundo? Os pensadores materialistas não são um produto do século XX apenas. Em tempos antigos e mesmo na Era Védica, tiveram aqueles que negaram a existência de qualquer coisa que existisse além da percepção dos sentidos. Eles refutavam qualquer coisa que fosse abstrata. Eles não achavam que a alma existia independente do corpo e misturavam a alma com o corpo material.

Também dentre os cientistas modernos, você irá encontrar que existe uma outra classe e seus argumentos também não satisfazem nossas mentes. Mesmo que digam que não exista alma, tem uma voz íntima que nos diz “Vá e pesquise novamente, você encontrará algo melhor”. Se você pesquisar, a cada passo escutamos uma voz falando do íntimo que há algo imortal. Se não fosse assim, essa questão da imortalidade nunca surgiria. Como nosso desejo pela imortalidade é muito forte, não conseguimos resistir. Tente pensar em você mesmo como se estivesse morto, você não consegue fazer isso. Você pode pensar no seu corpo como um cadáver, mas você está lá ao lado dele o vigiando. Você não consegue pensar em si mesmo como inexistente, porque a própria ideia de que você está morto ou deixou de existir pressupõe que você esteja consciente daquela ideia e, portanto, você não pode ser aquilo [o cadáver]. Aqueles que acreditam que o corpo e a alma possam durar por toda a eternidade estão enganados. Porém, assim como o corpo material, o corpo astral é também destrutível. A forma etérea mais sutil pode manifestar a si mesma, embora as células também sejam destrutíveis e são terrenas. Então, onde está a chispa imortal de nosso próprio ser? Após pesquisar no corpo e também nos reinos da mente e intelecto, os grandes pensadores e sábios védicos declararam que nossa alma é imortal.

A alma é como um receptáculo de uma substância mais fina, que é como a fonte de nossa existência consciente, e essa fonte é imortal, ela não está sujeita à mudança e é chamada de Atman. Ela não é o mesmo que o ego, mas é a Conhecedora do ego. Ela não é o mesmo que “eu”, mas é aquilo pelo qual nós conhecemos a nós mesmos, como em “eu” estou aqui, “eu” estou escutando, esse “eu” não é o Eu, ou *Atman*. Você pode dizer: “Como podemos conhecer a existência de tal coisa?”. Você não precisa procurar fora, já que isso já está dentro. Digam, vocês são conscientes de seus cérebros? Vocês dirão não. Vocês não sabem que são os intérpretes do cérebro. Da mesma maneira, também pode ser perguntado se a fonte de

consciência é a fonte da matéria, mas quem conhece a matéria? A matéria não conhece a si mesma, assim, deve haver algo além da matéria que conhece a matéria.

A ciência moderna resumiu todos os fenômenos do universo em três estados e explicou que eles são matéria, energia e consciência. Esses estados são os princípios fundamentais do universo. Se você estudou ciência ou qualquer outro filósofo no mundo, você encontrará esses três aspectos. Mas, na verdade, matéria e energia são inseparáveis. Eles são estados diferentes de uma mesma substância.

Depois, vem o terceiro estado, a consciência. A maioria dos pensadores materialistas tenta separar, ou divorciar, essa consciência da matéria e força, e os idealistas tentam separar matéria e força da mente, ou consciência. Há um moderno cientista cristão que diz que não existe matéria, é tudo mente e tudo consciência. Agora, pergunte a ele o que quer dizer por mente e o que quer dizer por matéria. Dirá que não sabe. Na verdade, todos esses três estados - matéria, força e consciência - são indestrutíveis, incorruptíveis e eternos. Surge a pergunta: qual é a natureza da terceira substância? Se a matéria é indestrutível, a força é indestrutível, o que é consciência? Deveríamos acreditar que ela é o resultado de matéria e força, como declaram os materialistas? Quando você tem a concepção de matéria, ela é um estado da consciência, i.e., conhecimento. Quando você tem a concepção de força ou energia, ela é um estado material. Essas concepções são incorruptíveis e indestrutíveis. Se dois estados da consciência são indestrutíveis, qual será a natureza da própria consciência? Seria ela indestrutível? Se o fruto da árvore é indestrutível e eterno, você consegue acreditar que a árvore seja destrutível e não-eterna? Esses são os frutos da árvore da consciência e, se os dois estados da consciência são indestrutíveis e eternos, então a árvore da consciência é também indestrutível e eterna.

Não temos como conhecer a existência da matéria realmente se estivermos inconscientes. Deixe um cientista inebriado com clorofórmio e pergunte se ele está consciente da matéria. Ele dirá que não sabe, ele estará inconsciente. Você pode olhar um átomo por um microscópio e dividi-lo em subdivisões, i.e., em um elétron ou um íon. Se eles forem incorruptíveis e indestrutíveis, logo os dois estados são também indestrutíveis. É sempre o Conhecedor que conhece. A matéria não conhece e a energia não conhece, o verdadeiro Conhecedor é nosso Eu real. Ele não está longe de nós, ele é o ser mais íntimo de nós mesmos.

Sua condição mental pode mudar, você pode estar bravo, você pode ter outra paixão, pode ter determinado desejo, você pode pensar sobre o corpo e pode pensar sobre si mesmo se é maldoso ou espiritual, mas você sabe o tempo todo que esses sentimentos não são nada além de diferentes estados de sua consciência. Esses sentimentos são o segundo plano do espírito de nossa personalidade, como o segundo plano de uma tela na qual sua personalidade é

pintada por uma mão divina. Você pode mudar a figura, mas a tela permanece a mesma. Podemos realizar nosso verdadeiro Eu, que é mais duradouro que os prazeres celestiais e que será tão eterno quanto divino ele mesmo.

Os livros não revelarão esta Verdade. Ao ler livros, escrituras e seus comentários, não podemos conhecer a Verdade absoluta. Não conseguimos compreender nossa natureza imortal pelo pensamento, nem através de trabalhos, nem exercícios devocionais, porém, se procurarmos dentro de nosso coração, podemos compreender nossa natureza imortal. Separe o estado de consciência do apego aos objetos materiais, analise sua própria natureza e separe uma coisa da outra, perceba em você qual é a parte que é imutável como a testemunha, que é o Conhecedor do corpo e da percepção dos sentidos, intelecto, apreensões e sentimentos. Adentre a caverna de seu coração e será capaz de perceber o Atman. Através das práticas de concentração e meditação, você adentra o estado de superconsciência e lá você será livre. Lá você irá perceber que está além do corpo, além da mente, além do intelecto e da morte. A morte não poderá te tocar e o medo da morte te deixará para sempre. Então, você saberá que o fogo não pode te queimar, a água não pode te molhar, o ar não pode te secar e armas não podem te ferir, porque você é imortal, imutável, eterno, perpétuo e divino.[2]

Assim, não existe medo da morte, porque todo o medo procede da ignorância e do egoísmo, e quando você tiver eliminado toda a ignorância, a iluminação Divina chegará, o sol do conhecimento brilhará acima do horizonte de seu plano mental e lá você verá a luz da Verdade eterna, e verá o que é real e imortal. Se você estudar as Escrituras dos hindus, encontrará que o divino pensamento da imortalidade é o ideal mais elevado das Escrituras. Mas como isso pode ser obtido? Será obtido ao estar consciente de sua natureza imortal. Porque conhecer é ser. Quando você conhece a si mesmo como imortal, você é imortal. Mas se você conhece a si mesmo como um objeto físico limitado, você morrerá. Todo o nosso conhecimento é um estado de consciência, então se você mudar esse estado de consciência, você nunca morrerá, porque você é o próprio princípio imutável, nenhum tipo de mudança o afetará. A mudança é efêmera e irreal, mas você é imortal. Quando você conhecer Deus, você terá ganhado tudo. Conhecer Deus significa ser Deus - “*brahmavid brahmaiva bhavatī*”.[3] Se você deseja conhecer Deus, deve conhecer seu verdadeiro Eu, que é imortal, divino, eterno, perpétuo e uno.

Capítulo 10

O Espiritualismo

Com frequência, a pergunta sobre o que existe após a morte é feita. Esta pergunta é feita hoje e surgirá sempre na mente de todos. A mesma pergunta foi feita por reis e mendigos, pelos sábios e pelos santos, pelos filósofos, pensadores e religiosos de todos os países de todo o mundo. Estamos tratando dela hoje e amanhã a mesma pergunta surgirá novamente em outras mentes. No momento, podemos esquecer, ou podemos não prestar atenção à condição após a morte do corpo físico, mas certamente chegará o tempo em que acordaremos e faremos a mesma pergunta. Podemos estar absortos em nossas ocupações diárias, nas lutas pela existência e nos problemas e tribulações que temos que nos deparar todo dia. Podemos esquecer de que iremos viver após a morte ou o que acontecerá após a morte. Mas, tão logo morre alguém, algum parente, os mais próximos e queridos amigos deixam o corpo, nós paramos e pensamos: para onde eles foram? O que acontece com o corpo? Ele vai decompor. O que tinha ali que mantinha o corpo vivo e onde está isso agora? A mesma pergunta surgirá de novo e de novo, perturbando a paz de nossa mente. Até que encontremos a solução apropriada para aquela pergunta, não teremos paz em nossas mentes.

Porém, antes de descobrir a solução do problema, descobrimos no limiar de nossa investigação uma parede de adamantina diante de nós, que é quase impossível de transpor. O intelecto fraco para aqui. As mentes fracas com esforços fracos não conseguem ultrapassar esse muro, que não é nada mais que a crença de que o corpo é o produtor da alma e de que a alma é o resultado das funções do organismo deste corpo material denso. A crença popular de que toda alma se erguerá após a morte, por causa da ressurreição miraculosa de um indivíduo em particular em determinada época, não agrada mais as nossas mentes. Nós ultrapassamos esses estados de crenças bobas e fé cega. Queremos ter provas positivas. Queremos discutir o assunto psicológica, metafísica e cientificamente. Agora vamos ver se essa teoria de que o corpo produz a alma está correta.

Há três teorias que buscam provar a existência da alma: uma é a teoria da produção, a segunda é a teoria da combinação e a terceira é a teoria da transmissão. A teoria da produção é a teoria descrita pelos ateístas, agnósticos, materialistas e evolucionistas. Eles acreditam que o corpo produz a alma, mas não respondem à questão de como o corpo produz a alma, que é uma massa de pensamento, ou uma massa de inteligência, ou seja lá como queiram chamá-la. Esses pensadores podem dizer a você que um corpo é produzido de outros corpos, i.e., os corpos dos pais. Mas que força é essa que segura todas as moléculas e partículas de matéria e as combina produzindo seu corpo de uma forma particular e meu corpo de outra forma? O que faz essas distinções? Eles não solucionam tais

perguntas e dizem que isso é desconhecido a nós, que é um mistério, mas os corpos dos pais produzem os corpos dos filhos e isso é verdade.

O que produz o corpo dos pais? Eles dizem que os pais dos pais produziram o corpo, mas essa não é a resposta correta. Ao tentar explicar essa teoria, eles produzem outra combinação de matéria sem explicar as forças que combinam e pré-produzem essas condições. Eles apenas fazem uma afirmação e ela leva à falácia de que o corpo produz um corpo, mas esta não é a real causa que produz o corpo humano. É como se explicasse a causa através de seu efeito, é como colocar o caminhão na frente do boi. Assim, a explicação não agrada nossas mentes.

Ao mesmo tempo, percebemos que dentre psicólogos, praticantes da medicina e patologistas, há uma crença de que o corpo produz a alma do pensamento, inteligência, consciência e qualquer coisa que você queira chamar de mente. Alguns foram tão longe quanto localizar as funções particulares da mente em algumas partes particulares do cérebro. Por exemplo, vemos um objeto diante de nós, convoluções particulares do cérebro são estimuladas, quando ouvimos um som, nossos tímpanos são estimulados e por aí vai. Aqueles que acreditam na teoria da produção dizem que a mente é contígua com as funções do cérebro e também aos estados nervosos. Eles tentam explicar que enquanto o cérebro estiver ativo, a mente existe, mas quando o cérebro para com suas funções, a mente estará morta porque ela não pode viver independente das funções cerebrais. A teoria deles é de que certas impressões chegam a nossos nervos e são derramados em nossos cérebros por funções peculiares dele próprio. As impressões são metamorfoseadas em ideias, pensamentos, emoções, sentimentos, sensações, expressões faciais, fala e assim vai. Assim como o alimento após chegar ao estômago é metamorfoseado e mudado em elementos diferentes pela digestão, e como o estômago está funcionando para produzir a digestão, e o fígado para secretar a bile, do mesmo modo, o cérebro secreta pensamentos, inteligência e consciência. E este é o argumento deles. De acordo com eles, as impressões são como corpos materiais, ou coisas do corpo que entram em nossos nervos e caem no pote do cérebro e instantaneamente mudam para pensamento, inteligência, ideias, etc.

Quando analisamos o cérebro apropriadamente, encontramos que um homem pode viver e executar suas funções mesmo que metade de seu cérebro esteja doente e deteriorado. Casos desse tipo já foram experimentados e registrados. Há um grande médico cirurgião e físico na cidade de Nova York, o Doutor Thompson, que é uma das autoridades no hospital Roosevelt. Ele escreveu um livro no qual descreve os registros e estatísticas que foram utilizados em exames pós-morte. Um homem perdeu metade do cérebro. Tinha desaparecido por completo e, em toda sua vida, ele não sabia dizer em que momento tinha perdido metade do cérebro e isso não fazia qualquer diferença em seu modo de vida, seus pensamentos e seu trabalho. Ele podia usar aquela metade que estava em boa condição e fazê-la executar as funções de ambas as partes.

Um homem que usa a mão direita tem seu centro de fala no lado esquerdo do cérebro. Esta é uma das mais importantes provas obtidas por homens científicos desta era. Nosso centro de fala depende da ação de nossos braços em grande medida. Um canhoto tem seu centro de fala desenvolvido no lado direito do cérebro, e o destro tem seu centro de fala no lado esquerdo do cérebro. Se uma metade do cérebro está deteriorada ou doente, e se esse homem for destro e o lado esquerdo do cérebro estiver doente, ele ficará completamente mudo e não conseguirá falar. Mas, se ele usar a mão esquerda, após alguns dias ou semanas, será capaz de desenvolver um centro de fala no lado direito do cérebro, e assim conseguirá falar fluentemente. Esses fatos foram experimentados e são provados.

O que isso prova? Prova que a mente é algo que é distinto do cérebro e que o cérebro é o instrumento utilizado pela alma, ou pela mente. Você pode chamar isso de personalidade, mas a personalidade não é o resultado da função cerebral. Ao contrário, é ela quem utiliza o instrumento que é cérebro, mas como se estivesse do lado de fora. Podemos comparar o cérebro ao piano. O piano pode produzir música quando há música na alma do músico, porém, não existe música no piano em si, ela deve estar na mente consciente do músico, que deve estar do lado de fora do piano e deve tocar as teclas. Existe música de todas as atividades harmoniosas de nosso corpo e mente, e essa harmonia é a mente da alma; a alma está tocando as células dos centros nervosos do cérebro pelo lado de fora. Como se o cérebro fosse ofuscado por alguma entidade invisível que está lhe tocando e produzindo harmonia, ou se não há harmonia na alma, haverá dissonância, que é manifestada em nós mesmos. Assim, a teoria da produção se tornou quase que um absurdo hoje em dia. Nenhum pensador cientista que tenha estudado esses experimentos, feitos por grandes cientistas do mundo, pode mais acreditar na teoria de que o cérebro secreta a consciência, assim como o fígado secreta a bile. Isso é uma declaração absolutamente irracional.

A teoria da combinação explica que a corrente neural é um fluxo que produz um fluxo de sentimentos. Não há conexão entre ambos, eles acontecem simultaneamente. Alguns dos psicólogos, que dão aulas em escolas e universidades, ensinam que a ideia de consciência é um fluxo, a consciência é uma coisa complexa feita de um fluxo de sentimentos, e quando essas correntes passam pelos gânglios nervosos e paredes corticais, as paredes criam uma resistência. Essa resistência produz um tipo de brilho nos nervos, ou um brilho de calor branco, e este brilho é a consciência. Isso é uma ideia muito absurda.

Temos uma outra explicação melhor que essa, dada pela teoria da transmissão, que é mais satisfatória. De acordo com essa teoria, a alma, ou a mente, está do lado de fora do cérebro, ela não é o resultado do cérebro, mas algo como a entidade autoconsciente que está usando o cérebro, assim como um músico usa o piano e toca em suas teclas. Essa teoria é geralmente aceita por todos os espiritualistas,

religiosos, metafísicos e filósofos, e eles compreendem a verdadeira linguagem da alma e sua relação com o corpo.

Aqueles que não acreditam na teoria da transmissão não podem explicar como esses tipos de fenômenos, que são gravados pela Sociedade de Pesquisa Psíquica da América, Europa e outros lugares, como a aparição do duplo, acontecem. Por exemplo, suponha que você esteja sentado em seu quarto, você está em repouso absoluto porém está consciente, reclinado sobre uma cadeira ou sofá. Você está sozinho e sua mente está muito perturbada por causa dos negócios ou problemas. Você não sabe como lidar com isso. Suponha que não haja ninguém que possa perturbá-lo ou interferir de qualquer maneira no quarto ou na casa, sua porta está trancada. Então, de repente você vê seu duplo. Aquilo é parecido com você, ele sai de você, vai até a escrivaninha, pega um pedaço de papel e um lápis na mão, resolve seu problema e deixa a resposta escrita no papel. Então você está sonhando e subitamente acorda, vai até a escrivaninha e encontra a solução. Você se lembra de que viu seu duplo, mas não sabe o que era. É como uma aparição. Há inúmeros exemplos disso.

Como você explica isso? Quem fez isso? Outra pessoa entrou na forma etérica, que é semelhante à sua própria forma, pelo lado de fora? Mesmo que você acredite nisso, você admite que há a existência da inteligência, ou uma entidade inteligente, que pode existir sem o corpo físico denso, que pode saciar sua mente. Porém, casos assim não podem ser explicados por outra teoria que não seja a de transmissão. Esta teoria nos diz que o duplo é o Eu astral do indivíduo e este Eu astral é algo que pode viver independente do corpo material; este corpo astral pode morrer e aparecer na forma etérica e executar muitas ações que nosso eu acordado não consegue. Os duplos astrais são, às vezes, percebidos por parentes e amigos da pessoa falecida.

É sabido que falecidos podem ter um apego muito forte aos filhos. Se os filhos forem ficar órfãos, se não há ninguém para tomar conta deles e se os parentes estão longe, o grande desejo do falecido de ajudar seus filhos pode fazer com que ele projete o corpo astral, ou duplo, e apareça diante dos parentes para dar uma breve mensagem. Às vezes, isso acontece logo após a morte do indivíduo e, em muitos casos, acontece no momento da morte, bem no momento em que o indivíduo está saindo do corpo ou um minuto antes. Há registros de ambos os tipos. Como você pode explicar isso se não acredita na teoria da transmissão? Se a alma é o resultado das funções cerebrais, então tudo chegará a um final. Mas isso não é um fato. Esses experimentos provaram que existe algo como a alma, ou uma personalidade, ou entidade, que é autoconsciente e que continua a viver mesmo quando o corpo físico é deixado para trás.

A Vedanta aceita a teoria da transmissão. Ela nos diz que a matéria é uma metade do universo, que é o objeto, e a mente é a outra metade, que é o sujeito. A primeira

metade do universo não pode produzir a outra metade, então elas permanecem juntas. Elas estão existindo desde o início, isso é, a existência da mente e da matéria juntas. A matéria é o objeto da percepção e a mente é a observadora. Assim, você não pode ter qualquer sensação ou percepção da matéria se não há um sujeito em você que a perceba. Nosso conhecimento sobre a matéria não é nada além de um estado de nossa mente. Isso é o estado de consciência. Essa consciência deve vir antes de qualquer condição da matéria, ou de qualquer experiência da sensação ou de sentimentos que são produzidos pelo contato da matéria com nossos sentidos. Ninguém pode negar a prioridade da consciência, ou da autoconsciência. Se você estiver inconsciente, você não consegue ter percepção nenhuma.

Assim, vemos que cada experiência que tivemos é mais ou menos subjetiva. Aquilo que chamamos de nosso conhecimento da matéria é apenas um conhecimento pessoal do objeto, mas uma grande parte deste conhecimento é subjetivo, isso é, estamos conscientes a partir de nossas mentes. Não conseguimos sair de nossas próprias mentes para lugar nenhum. Não podemos entrar na cadeira ou na mesa e descobrir o que está acontecendo ali, ou como a mesa afeta nossos sentidos e produz sensação; se tais sensações são os estados da consciência de nossa própria mente, então entendemos que existe um objeto, tal como uma mesa ou uma cadeira. De outra maneira, não teríamos como fazer isso.

Um dos fatos científicos é de que o movimento não produz nada além de movimento, porém, nossa consciência, ou inteligência, não é o movimento. Você consegue refutar isso? Não, ela está além do movimento. Ela é aquilo que compreende e conhece o movimento. Como pode o movimento produzir a atividade do cérebro, ou a atividade das moléculas, nervos e células cerebrais? Como esse movimento produz algo que não conhece a si mesmo? Esta é uma prova contra todas as teorias materialistas. Portanto, dizer que a alma é o resultado da função cerebral, que é a entidade inteligente, é uma impossibilidade.

Referindo-se àquela prioridade da mente, quando você disseca um cérebro, por exemplo, e não encontra nada como a entidade auto existente ou autoconsciente, você nega a existência da alma. Essa negação, neste caso particular, pressupõe a existência de outra mente, que deve pensar daquela maneira - a mente do anatomista. Em cada exemplo há a prioridade da mente ante qualquer concepção que você possa ter. Se você diz que não tem alma, seria um absurdo também, como se eu dissesse que não tenho língua. Estou usando a língua enquanto falo e se nego a existência da língua, eu seria um tolo. Do mesmo modo, se você negar a existência de si próprio enquanto entidade autoconsciente, você estaria usando a mesma entidade autoconsciente como base enquanto você a nega, o que é absurdo e ridículo. Após perceber essa condição, a de que a alma é a entidade autoconsciente, que vem antes de todas as condições materiais e que não resulta do movimento, questionamos se a alma pode manter sua individualidade. Aqui você

perceberá pouca distinção entre individualidade e personalidade. Muitas pessoas se confundem sobre isso.

Algumas pessoas interpretam a personalidade como se fosse identidade e identidade como se fosse personalidade. Nós iremos à raiz dessas suas palavras e vamos deixar o significado original delas em nossas mentes e assim não faremos mais confusão. A palavra “personalidade” vem do latim “persona’, a máscara. A personalidade é aquela consciência particular que está relacionada ao corpo físico. Assim, você é o Senhor ou a Senhora isso e aquilo. Isso é sua personalidade. Você é um homem ativo, você é um homem de negócios, você tem fome e sede, e todas as limitações do corpo. Esta é a máscara que o indivíduo está usando no momento presente.

Mas, a individualidade é algo que está além do corpo e é indivisível. Aquilo que é indivisível, você não consegue cortar e nem perturbar, assim como faz com seu senso de “eu”. Ela é como uma corrente indivisível, é a continuidade de um pensamento, o pensamento de “eu”. Já fui um menino de idade escolar e brincava com meus colegas. O mesmo “eu” passou por todas aquelas experiências. Agora, estou aqui sentado ou de pé, e isso é a identidade, ou a fundação, ou a individualidade, que é indivisível. Ela é propriedade do nosso eu espiritual, ou da consciência espiritual. Ela não tem relação com a sua personalidade de jeito nenhum. A personalidade será deixada aqui e pode mudar, mas sua individualidade, seu senso de “eu”, nunca pode mudar porque o senso de “eu” continuará a existir com você, não importa aonde você vá. Você é uma unidade de força e ela é uma unidade autoconsciente, e quando você deixar o corpo, você leva o senso de “eu” junto, tenha você um corpo físico, astral ou causal.

Você sempre tem o senso de “eu” com você. Quando sonha, você tem o senso do “eu” de dentro. Quando você está em sono profundo, você consegue esse senso de outro modo, você não se lembra de que dormiu e teve sonhos. Você nunca consegue se livrar do senso de “eu” a menos que atinja a mais elevada liberação, ou a liberdade da alma, e torne-se um com Deus. Sua individualidade é infinita. Assim, a individualidade de Cristo não foi perdida quando Ele percebeu que Ele e Seu Pai eram um, ela tornou-se ainda maior. Portanto, não podemos perder nossa individualidade nunca. Às vezes, algumas das almas, após saírem do corpo no momento da morte, contraem todas as forças que estão espalhadas pelo corpo e chegam a um núcleo, como um átomo, e lá podem perder sua personalidade por um tempo.

Essa personalidade está sujeita à mudança e pode ser mantida sob uma condição ligada à Terra. Se ela possui forte apego pelos parentes e amigos, e se não superar esses apegos, ela fica pairando sobre eles, fica perto deles, tenta ajudá-los, e durante isso, essa personalidade é consciente de si própria. Por exemplo, se eu construir uma bela casa e se ela está cheia de móveis bonitos e coisas assim, e se

eu tiver colocado bastante de meu tempo para decorar a casa, torno-me tão apegado à ela que, após a morte, eu não vou querer sair dali e ficaria por lá, invisível. Posso não ser visto pelos outros, mas meu forte apego me manterá naquele local. Eu ficaria me perguntando porque meus parentes e amigos não me reconhecem e então sofreria. É isso o que acontece com certas pessoas que não sabem que estão mortas: elas mantêm a personalidade.

Na época da guerra na Europa[1], soldados morreram com o sentimento de vingança, ódio e raiva em seus corações. Após a morte, achavam que ainda estavam brigando. Projetavam as formas de seus inimigos e tentavam lutar contra eles. Isso é um estado de inquietação. É a mesma coisa que o estado infernal. Existe uma condição ainda mais infernal no mundo espiritual após a morte. Às vezes, a alma sai do corpo subitamente quando ele é explodido em átomos durante uma explosão no plano terreno. O choque da explosão é tão grande que a alma fica inconsciente por um bom tempo. Não acontece muito progresso com essa alma. Aqueles que compreendem as leis espirituais nunca defendem a guerra, porque não temos qualquer direito de tirar as vidas dos indivíduos, especialmente de nossos próprios irmãos, que vieram para este mundo para desenvolverem suas condições. Em vez de ajudá-los, estamos tirando-lhes a vida, deixando-a mais curta de repente ao usar espadas e todos os instrumentos das guerras. Isso é uma terrível realidade e as almas, após saírem do corpo, ficam em estado de inconsciência. Elas não sabem onde estão, assim, ficam em uma confusão tremenda e precisam da ajuda de alguém que as guie para que percebam que deixaram o corpo. Elas precisam de ajuda para restaurar a consciência perdida.

Uma história vem à minha mente, sobre uma comunicação que deveria ser de um dos residentes de Los Angeles, que morreu em 1913. Ele foi juiz da Suprema Corte e se comunicaria com este mundo através de alguns amigos. A condição era terrível para uma mulher em particular, a quem ele encontrou no outro mundo, mas a quem também conhecia no mundo material. Ela vivia em uma pensão e, após sua morte, ainda estava vivendo lá, comia bife, carne e batatas, mas não gostava do café. O café era muito fraco e ela resmungava. Disse: “Está horrível. Não posso me sentar à mesa com os mesmos amigos. As batatas não estão tão boas”. Ainda assim, ela continuava com fome mesmo que estivesse comendo.

Isso dá uma ideia de o que podemos fazer quando estamos em uma condição presa à Terra. Ela não tinha percebido que havia morrido, achava que ainda estava viva. Achava esquisito que não conseguia ter os mesmos amigos, ou amigos melhores. Isso demonstra que levamos todos os nossos desejos conosco após a morte e que fabricamos os objetos de divertimento com nosso pensamento. O reino além da morte é o reino de ideais realizados, ou dos pensamentos realizados. Se pensarmos em um pedaço de pão, o pão estará lá e o comeremos. Se tivermos fome, comeremos. Se pensarmos em café, iremos tomá-lo. Assim, vemos como é importante para nós compreendermos que se morrermos com apego a qualquer tipo

particular de comida, ou qualquer tipo de roupa, jóias, ou qualquer outra coisa desta vida, levamos este apego conosco e, com nosso desejo, fabricamos essas mesmas coisas com um material mais sutil no mundo espiritual.

Em vez de progredir e abandonar essas primeiras condições, que são restritas e que limitam o progresso das almas, nós as levamos conosco e continuamos a aproveitá-las até que dormimos e acordamos. Se nossos bons pensamentos e atos nos ajudarem, poderemos continuar progredindo, porém, muitos dos espíritos que partiram continuam em estado de ilusão por bastante tempo. Nosso tempo não afeta os espíritos. Mil anos para nós podem ser cinco dias para eles, porque nosso tempo está de acordo com nosso padrão e o tempo deles está de acordo com o padrão deles. Assim, ninguém pode dizer o quanto uma alma permanecerá em uma condição específica, mas é importante que nos lembremos desta lei, a de que criamos nosso futuro, nosso destino e nosso caráter a partir de nossos pensamentos e ações.

Não é como se, subitamente, nos transformássemos e ganhássemos asas, mas isso tem continuidade nesta vida presente. A vida após a morte significa a continuidade desta vida em outro plano, porém isso não é um lugar. Não há qualquer relação de espaço. É como uma roda dentro de outra roda. Assim como você pode ouvir as vibrações de instrumentos musicais diferentes, um pode ter uma vibração mais baixa e outro mais alta, um pode existir sem interferir no outro. Ao mesmo tempo, você consegue ouvir ambos. Do mesmo modo, ao redor desta Terra há um mundo espiritual, que é como a quarta dimensão, ele está em outro plano. Tudo que existe neste plano material existe lá, mas não é a mesma relação de espaço.

Aqueles que têm fé firme e acreditam no paraíso, onde os anjos cantam as glórias do Senhor e onde há paz como um domingo na cidade quando tudo está fechado, encontrarão isso lá, porque todos os seres humanos são atraídos por tais estados parecidos com os sonhos, os quais chamamos de paraíso. E há muitos tipos de paraísos. Os muçulmanos que acreditam nas *houris [N.T.: Virgens prometidas ao homem bondoso após a morte.]*, beber vinho, respirar ar puro e aproveitar de bastante sombra, se eles se seguram a este ideal, irão para um plano de consciência onde projetarão todas essas ideias, fazendo assim seu próprio paraíso. No entanto, essas condições não são eternas, elas são como estados de sonho. Há muitos tipos de paraíso, cada nação, ou tribo dentro de países diferentes, mantém uma determinada crença daquilo que irá aproveitar após a morte em um reino celestial.

Mencionei anteriormente que a eternidade é um tempo longo e mesmo milhões de anos não podem ser considerados como eternidade. Eternidade significa tempo sem fim e sem começo. É exatamente como um círculo. A eternidade sempre forma um círculo. Todo progresso deve subir até um determinado ponto e depois descerá

novamente. Alguns vão para o paraíso subitamente. No momento que se expira o tempo da felicidade celestial, outros desejos que estão adormecidos despertarão, nos trarão de volta para este plano novamente e nasceremos como seres humanos mais uma vez.

Não fique preocupado com isso, sobre ter tais desejos. Não há ninguém que nos force a tê-los, o desejo é nosso mesmo. Eles estão criando suas próprias condições. Esta é a lei. Ninguém pune o mal, ninguém recompensa o virtuoso, mas é a alma que pune e recompensa a ela mesma, como resultado de seus próprios pensamentos e ações. Você está aqui porque você teve o desejo de vir para este mundo aproveitar de certos prazeres e adquirir certas experiências que não conseguiria em nenhum outro lugar. As mesmas condições prevalecem após você ir para o paraíso. Depois, você virá para cá novamente e ganhará um pouco mais de experiência. É uma benção que isso seja assim, de outra maneira, seria tudo muito monótono, como tocar a mesma harpa. Eu não iria gostar disso, talvez você goste porque foi treinado para acreditar que isso seja um estado elevado.

A condição é que, após a morte, continuamos a viver e passamos por reinos diferentes, onde desenvolvemos certos poderes e cada um deles contém potencialidades e possibilidades. Você não deve pensar que três *scores*[2] de anos mais dez em um plano possam ser tudo em sua manifestação. Isso não pode ser. Os cristãos foram ensinados que o Senhor os criou no momento de seus nascimentos e eles vieram para o mundo de repente, a partir do nada, mas continuarão a existir para sempre. Isso não é possível, porque a vida eterna não quer dizer que tenha um início em uma ponta e na outra ponta não tenha fim. Já foi dito que você não consegue imaginar um galho que esteja segurando por uma ponta e a outra entraria pela eternidade e seria infinita. Não, você não consegue, porque aquilo que tem um início, deve ter um fim. Esta é a lei da natureza. Ninguém pode conceber algo que tenha início mas não fim. Alguns pensam que este corpo físico possa ser mantido por toda a eternidade, mas isso é impossível porque aquilo que nasce deve morrer. O corpo pode não ser o mesmo quando há uma transformação, assim como não possuímos o mesmo corpo que tínhamos quando crianças. O corpo de bebê se transformou no corpo do jovem, que se transformou em um corpo maduro, porque a cada sete anos, todas as moléculas de nosso corpo são renovadas. Você não tem o mesmo cérebro, o mesmo senso de visão, mesmo senso de audição, eles estão mudando constantemente. Mas, em meio a essas mudanças, há algo imutável e, a menos que você perceba esse algo, não deve esperar que tenha paz e felicidade permanentes, já que em meio a todas as mudanças, você permanece como o centro, ao redor do qual todas as mudanças estão acontecendo como em um redemoinho. Você é a entidade autoconsciente que nunca poderá morrer. Então, tenha fé em você mesmo, porque você é imortal.

Imortalidade quer dizer vida eterna, tanto sem começo quanto sem fim. Ninguém criou você e ninguém poderia criá-lo a partir do nada. Nem mesmo o próprio Deus

poderia criá-lo, pois Ele projeta tudo a partir de dentro de Si. Assim, você existiu primeiro como uma parte de Deus e veio para este mundo através da experiência e manifestou seus poderes, e depois voltará a Deus. E assim você completa o círculo. Este é o jogo das forças divinas da natureza e você é apenas a manifestação disso. Cada unidade individual da entidade autoconsciente vai perceber sua natureza infinita ao atravessar muitas grandes manifestações, seja neste ciclo ou em algum outro por vir.

Você deve compreender que a alma desce do plano do paraíso para este plano de consciência e nasce novamente com poderes mais desenvolvidos, seja para ganhar mais experiências ou ajudar os outros a adquirirem conhecimento. Há determinadas almas que são perfeitas e que descem para cá conscientemente, lembrando de tudo que já passaram. Elas se lembram de tudo e vêm para cá por alegria pura, como que para ajudarem a humanidade sendo um exemplo, como Jesus, Buda e outros salvadores. Porém, nós não temos este poder. Nós gravitamos, sendo forçados por nossas ações passadas. Por exemplo, desejo ser um dos melhores artistas e antes que eu realize meu ideal, se eu morrer repentinamente, vou pensar que meu desejo foi em vão. Mas isso não é verdade, porque o desejo me trará novamente e me colocará no ambiente adequado, com os canais adequados, para que eu viva mais uma vez meu ideal de ser artista. É um grande conforto que isso seja assim. Um plano de vida não é o suficiente. Já ouvimos que tudo já tinha sido ajustado antes que chegássemos a este plano, mas como pode um indivíduo compreender ou conhecer tudo neste mundo de fenômenos infinitos sem que ele mesmo tenha vida infinita?

Por esse motivo, os ensinamentos da Vedanta estão em perfeita harmonia com a natureza. Ela não condena quaisquer ideias, mas as coloca no lugar certo. Alguns sonham com o paraíso e é para lá que eles vão. Mas, se somos ditos que este paraíso é um estado eterno, estamos ouvindo uma afirmação que não pode ser real. Devemos perceber que a vida após a morte é a continuação da vida presente e fazemos nosso futuro de acordo com nossos pensamentos e ações. Somos os criadores de nosso destino, de nosso caráter e nosso futuro, e continuaremos a viver e voltar a renascer nesta Terra ou em outro planeta. Podemos ir para outro planeta onde tenham condições diferentes e lá podemos desenvolver o reino infinito deste Espírito universal. Não há fim para as experiências, mas uma alma perfeita alcança tal estado, onde não há mais nascimento, morte, doença, tristeza ou sofrimento. Lá reina a paz e felicidade absolutas, conhecimento perfeito e sabedoria, que são os objetivos mais altos da vida humana.[3]

Capítulo 11

O Espiritualismo e a Vedanta

O *Gita* diz:[1]

"O Deus Supremo diz: 'Os devotos dos deuses e dos anjos vão para os deuses; dos ancestrais, vão para os ancestrais; os cultuadores dos espíritos vão para os espíritos. Mas aqueles que são devotos a mim, obtêm-me e atingem a perfeição'."

O Espiritualismo moderno afirma ter uma origem sobrenatural, assim como todas as outras grandes religiões do mundo que foram fundadas em revelações sobrenaturais. O Espiritualismo teve como seu papel mais importante suavizar os dogmas da teologia cristã ao reformar a crença religiosa da maioria dos americanos, e por começar novas averiguações e investigações sobre o reino além do túmulo. Nos últimos cinquenta anos, o Espiritualismo deu ótimas demonstrações sobre a existência de espíritos desencarnados que continuam vivendo mesmo após a dissolução de suas formas materiais densas. Isso trouxe conforto e consolo aos corações de muitos que sofriam dos efeitos nocivos do ceticismo e descrença em uma vida futura, causados pelas teorias pobres dos ateístas, agnósticos e materialistas do século passado.

Com a ajuda do Espiritualismo, muitos letrados e iletrados deste país agora têm a convicção de que existe algo como a alma humana, ou uma entidade consciente, que continua a existir após a morte do corpo físico. O Espiritualismo ensinou que as almas dos mortos não estão destinadas a sofrerem eternamente, mas que estão alocadas confortavelmente e não se esquecem de seus amigos e parentes terrenos. Ao contrário, como os anjos da guarda, elas assistem a seus amados e estão sempre ansiosas por ajudá-los e protegê-los dos perigos e infortúnios que os rodeiam durante a vida terrena. O Espiritualismo retirou o horror da condição pós-morte da vida e possibilitou às mentes humanas considerarem a morte como a entrada para aquela terra das maravilhas, onde os habitantes aproveitam de uma nova vida, novas experiências, prazeres e felicidade renovados.

Assim, tendo estabelecido uma crença na vida após a morte, o Espiritualismo afirma ter estabelecido as bases de uma religião sob direção daqueles espíritos que controlam os médiuns, ou aqueles espíritos sábios que visitam as sessões espíritas, sejam particulares ou profissionais, com o desejo de iluminar as mentes dos presentes ao transmitirem o conhecimento dos assuntos espirituais.

As tentativas do Espiritualismo em estabelecer uma religião baseada em experiências reunidas durante comunicação com espíritos falecidos nos lembram daqueles tempos antigos quando as raças primitivas tateavam no escuro da

ignorância e suas mentes faziam grande esforço para ver um raio de luz naquela névoa pesada que encobria o reino além dos limites da morte. Na verdade, o estudo do Espiritualismo nos leva de volta aos tempos quando a religião das tribos primitivas consistia em manter a memória de seus parentes e amigos falecidos. Ao verem aparições fantasmagóricas dos falecidos, aquelas pessoas passaram a acreditar que seus antecessores estavam vivos, mesmo que seus corpos estivessem mofando na sepultura. Isso também nos transporta à época quando a forma principal de culto era agradar os falecidos fazendo aquilo que eles mais gostavam enquanto estavam na Terra. Esse tipo de culto aos antepassados era uma forma antiga de Espiritualismo e muitos estudiosos dos tempos modernos mantêm que isso foi o início de todas as religiões que têm uma origem sobrenatural.

A adoração aos ancestrais, como todos sabemos, quer dizer a crença nos espíritos dos antepassados falecidos e os poderes sobrenaturais que eles possuem, e também nossa lembrança constante deles e nossos serviços em sua memória, seja seguindo a direção deles ou buscando despertar empatia e bons sentimentos para que eles nos ajudem durante as dificuldades e infortúnios de nossas vidas terrenas. Esse tipo de adoração pode ser encontrado em quase todas as religiões do mundo. Após estudar as religiões antigas de países diferentes, encontramos traços claros desta velha forma de Espiritualismo entre os antigos egípcios, babilônios, caldeus, assírios, chineses, persas, hindus e outras raças habitando partes diferentes do mundo.

Os antigos egípcios, assim como os espiritualistas, acreditavam em espíritos falecidos. A ideia deles era de que dentro do corpo físico do homem havia uma alma, que tinha o formato do corpo denso em todos os aspectos, com mãos, pés e outros membros menores. Era como o duplo, ou a contraparte do homem físico. Quando o homem físico morria, sua contraparte, ou duplo, saía do corpo e continuava a viver. A vida do duplo, de acordo com os egípcios, dependia da condição do corpo material, i.e., enquanto a forma densa permanecesse intacta, a forma do duplo permaneceria perfeita. Porém, se qualquer parte do corpo estivesse mutilada ou machucada, o duplo também estaria machucado ou mutilado. É por este motivo que eles se importavam tanto em preservar o corpo, fazendo múmias e construindo pirâmides. Esta crença era o princípio fundamental do Espiritualismo e do culto aos ancestrais no antigo Egito.

Os babilônios e os caldeus também acreditavam em espíritos falecidos, mas não exatamente da mesma maneira que os egípcios. Eles acreditavam em uma sombra do falecido que ficava vagando, que era chamada “ekimmu”, i.e., um espectro. A sombra era tipo o formato de um homem físico, com forma similar. Eles acreditavam que poderiam haver grandes infortúnios se o corpo morto fosse enterrado sem as cerimônias adequadas, então faziam muitas cerimônias para que a alma ficasse livre de todos os infortúnios. Os babilônios acreditavam que as almas dos corpos que não foram enterradas com as cerimônias adequadas, não poderiam entrar na

casa dos mortos, chamada “arallu”, i.e., a morada subterrânea dos mortos. Isso se parece com o “sheol” dos judeus. Assim, os babilônios, caldeus e assírios tinham um cuidado especial ao enterrar os mortos. O embalsamento do corpo, a construção dos monumentos e lápides e a decoração desses com flores, coroas de flores, bandeiras e outras oferendas, que hoje são praticadas pelos cristãos na Europa e América, isso não é nada além de resquício das adorações aos antepassados dos antigos babilônios e caldeus. Esses costumes foram passados para nós e agora, cegamente, nós os seguimos sem saber de seu significado original.

Da mesma maneira, pode ser demonstrado que a religião dos chineses antigos era puramente o culto aos ancestrais. Os chineses sempre acreditaram nos espíritos de seus antepassados e parentes que faleceram. Eles os invocam buscando ajuda quando precisam e rezam a eles por bem-estar e prosperidade. Mesmo hoje na China, os antepassados falecidos são honrados com títulos e louvor pelas ações meritórias de seus descendentes.

Os antigos persas acreditavam nos espíritos de seus antepassados falecidos e os chamavam de “fravashis”, ou pais. De acordo com a crença deles, os espíritos das pessoas corretas eram elevados à categoria dos anjos, arcanjos e deuses. Os persas costumavam invocá-los, louvá-los, rezar para eles e pedir ajuda e bênçãos. Costumavam oferecer comida e outros tipos de oferenda. Deste modo, vemos que o culto aos antepassados, ou a maneira antiga do Espiritualismo, deu base para a religião dos persas, assim como para a dos egípcios, caldeus e chineses.

No Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, traços do culto aos antepassados foram descobertos por estudiosos atuais e pelos maiores críticos das escrituras. No 28º capítulo do primeiro livro de Samuel no *Velho Testamento*, lemos que Saul foi consultar a bruxa de Endor, que trabalhava com espíritos familiares. A pedido de Saul, a bruxa invocou o espírito de Samuel, que apareceu e lhe deu bons conselhos. As bruxas e os magos do *Velho Testamento* não eram nada mais do que médiuns. Se os médiuns espíritas do tempo presente tivessem vivido quatro séculos atrás, teriam sido condenados pela Igreja e talvez tivessem sido pendurados ou queimados na fogueira.

A palavra hebraica “elohim”, que sempre foi traduzida como Deus na bíblia inglesa, era também aplicada aos espíritos desencarnados. É dito que a bruxa de Endor viu elohim ascendendo para fora da Terra; aqui, elohim foi usado no sentido de um corpo desencarnado. Era um tipo de materialização dos espíritos que se foram, assim como é visto nas sessões espíritas de hoje. Encontramos um traço claro de culto aos antepassados no Judaísmo quando lemos:

“E Saul percebeu que aquele era Samuel e curvou-se com seu rosto para o chão e fez reverência.”[2]

A adoração aos santos entre os católicos romanos é uma outra forma de culto aos antepassados ou um resquício do Espiritualismo antigo. Se formos para Roma, ou qualquer outra parte da Itália, vemos o estatuto dos santos canonizados sobre seus túmulos, que são decorados com flores e velas acesas. Os espíritos daqueles santos são invocados com preces e oferendas. Na verdade, o início dos altares nas igrejas e templos pode ser rastreado até as tumbas dos antepassados que levaram vidas corretas.[3] As oferendas e os sacrifícios em nome de Deus originaram-se na crença de que os antepassados que partiram tinham fome e sede, assim como tinham enquanto na natureza humana. Aquilo que a princípio era o alimento e a bebida para o morto se transformou em tipos de sacrifícios. A Comunhão Sagrada, as oferendas de graças e a Eucaristia dos cristãos são apenas as relíquias das cerimônias conectadas ao culto dos antepassados, ou culto aos espíritos de povos primitivos.

Cerimônias semelhantes ainda prevalecem entre as raças pagãs que nunca ouviram sobre Cristo ou a crucificação. As cerimônias eram expressões espontâneas das mentes humanas, que reverenciavam e honravam a memória daqueles antepassados que se foram. Os cânticos e louvores usados por povos primitivos descreviam virtudes e qualidades heróicas, assim como os atos de seus antepassados, e foram gradualmente se tornando os hinos de louvor que são cantados hoje nas igrejas e templos. Tanto Cristo quanto Maomé acreditavam em espíritos e viam os anjos subindo e descendo acima de suas cabeças, recebendo revelações daqueles que eram os espiritos dos justos.

Na Índia, desde tempos muito antigos, a crença nos espíritos falecidos é uma parte importante que modela os ideais religiosos dos hindus. Esta crença encontrou expressão nos antigos escritos das escrituras do período védico. Tão antigo quanto o *Rig Veda*, que data de pelo menos cinco mil anos antes do nascimento de Cristo, a ideia era muito comum, e no *Rig Veda* lemos muitos hinos com invocações destinadas aos Antepassados (Pitris), ou os pais que partiram.[4] Eles eram invocados, louvados e convidados a aceitar as oferendas feitas a eles na hora do “Shraddha”. A palavra em sânscrito “Shraddha” refere-se a qualquer ato feito em memória dos antepassados falecidos. Nisso incluem-se as rezas, louvores e oferendas. Uma das tarefas diárias nas casas dos hindus é passar alguns minutos pensando nos antepassados e fazendo alguns bons trabalhos em nome deles. As pessoas dão comida aos pobres e famintos, ou roupas aos necessitados, ou fazem peregrinações em nome de seus parentes mortos. A crença hindu é de que os frutos de tais bons trabalhos, quando executados em nome dos falecidos, irão até eles e os ajudarão a ter progresso. Todos os atos virtuosos com certeza trarão bons resultados para eles.

De acordo com a religião Vedanta, as almas dos mortais comuns continuam presas à Terra por algum tempo após a morte e aguardam por ajuda de seus parentes e amigos que ficaram para trás. Os pensamentos e atos bons dos vivos colaboram

para que os espíritos se liberem da condição de estarem presos à Terra e, assim, consigam se levantar e entrar no reino dos Pitris, ou Antepassados, para que colham os frutos dos atos virtuosos que tenham sido executados por eles mesmos ou em seus nomes através dos descendentes, amigos e parentes.

O reino dos antepassados é chamado de Pitriloka, onde os espíritos dos antepassados vão para aproveitar da vida no paraíso e dos prazeres celestiais. Este reino é chefiado pelo primeiro dos mortais, o qual, através de seus bons trabalhos, ergueu-se até aquele estado de consciência. Ele é chamado de Yama no sânscrito. Aqueles que leram o *Katha Upanishad* e *O Segredo da Morte*, de Edwin Arnold, estão familiarizados com esta palavra, Yama, o Chefe do reino dos Pitris, ou Manes, ou Antepassados, que concede todos os confortos e felicidade de acordo com os desejos dos que atingiram tal plano de existência. Este reino corresponde ao paraíso para os espiritualistas atuais. Chegar lá é o ideal mais elevado do antigo culto aos antepassados e também do Espiritualismo moderno.

O Espiritualismo, seja ele antigo ou moderno, não consegue descrever nenhum estágio além do reino dos Antepassados. A religião que o Espiritualismo atual prega e afirma ser a religião verdadeira não nos leva além desta crença de que vamos nos encontrar com os antepassados falecidos, amigos e parentes, e aproveitar da companhia deles após a morte e de todos os prazeres dali. O mesmo ideal tem sido mantido pelos cultuadores dos antepassados de todos os países. O paraíso desses cultuadores dos tempos antigos é o paraíso dos espiritualistas atuais. Este paraíso é o reino dos Antepassados. Muitas pessoas podem duvidar da existência deste reino, mas não há razão para tais dúvidas. O Espiritualismo conduz as mentes humanas apenas um passo além do túmulo no mundo dos fenômenos, e abre o caminho para a crença neste reino dos espíritos falecidos. Onde o ideal do culto aos antepassados, ou o paraíso dos espiritualistas modernos, termina, ali surge o início da religião mais elevada da Vedanta, que aponta o caminho que leva as almas individuais para a Verdade eterna, que está além de todos os fenômenos, além do paraíso e acima do reino dos Antepassados, muito longe do alcance dos anjos, ou dos espíritos iluminados, ou dos deuses.

Após anos de investigações sobre a natureza da vida, uma pessoa possivelmente poderá liderar [outros] em Pitriloka. Os sábios e videntes védicos da Verdade descobriram que o paraíso dos Antepassados não é a morada mais alta da Verdade eterna, mas é fenomênico e está sujeito às leis que governam o universo dos fenômenos. Eles dizem que os habitantes de lá estão presos pela lei do carma, ou leis de causa e efeito, lei de ação e reação, e a estadia deles naquele plano é temporária, embora possa durar por milhares de anos. Os videntes védicos da Verdade dizem que os antepassados, ou os Pais, não conhecem a Verdade mais alta, ou Realidade absoluta do universo e, por estarem presos por desejos, os espíritos não podem alcançar o plano da Divindade. Consequentemente, não podem ensinar sobre a Verdade divina se eles mesmos não a conhecem.

Esses antigos videntes da Verdade absoluta perceberam por suas próprias experiências que os habitantes do mundo espiritual, ou do paraíso dos antepassados, não podem conhecer a mais alta Verdade no nível da Divindade. Portanto, não podem ensinar aos outros, logo, os videntes alertaram seus discípulos, seguidores e buscadores da Verdade em geral, para que não perdessem tempo e energia procurando ajuda espiritual daqueles espíritos, que não têm conhecimento da verdade que existe além do mundo dos fenômenos psíquicos e que não possuem o poder de ajudar nenhum buscador na realização divina.

Desconsiderando tais alertas sábios, os espiritualistas americanos da atualidade têm gasto seu tempo e energia perdendo dinheiro na esperança de receberem favores dos espíritos, aprendendo os mistérios da vida e da morte com eles e tentando resolver problemas que preocupam a maioria das mentes humanas. Os espiritualistas atuais afirmam ter feito a base de uma religião verdadeira em cima de um conhecimento imperfeito, derivado de comunicações com espíritos presos que são tolos, mentirosos, estúpidos e ignorantes, que controlam os médiuns e fingem saber tudo sobre os reinos do pós-morte. Os alunos da Vedanta com frequência se perguntam como podem homens e mulheres sensatos sentarem-se em sessões espíritas públicas, noite após noite, para ouvirem com grande admiração e extasiada atenção à tagarelice sem sentido de espíritos ignorantes, que controlam as mentes fracas dos médiuns.

Após passar algum tempo com médiuns de todos os tipos que existem na América, gostaria de dizer algumas palavras sobre minhas experiências. Já fui convidado pelos espiritualistas para palestras e para participar de suas sessões. Aceitei os convites com enorme prazer para que pudesse fazer algumas investigações para minha própria satisfação. Eu já vi muitos espíritos materializados e conversei com eles. Tive longas conversas com alguns que se comunicaram através de trompetes de metal, a quem fiz muitas perguntas, porém não encontrei um único espírito em nenhuma sessão, nem um único médium que conseguisse responder minhas perguntas satisfatoriamente. Eu os perguntei sobre a vida após a morte, a origem da alma, a natureza real da alma e sua relação com o Espírito universal, etc., mas essas perguntas nunca foram respondidas por eles, pelo contrário, em muitas ocasiões, eles confessaram sua ignorância e disseram: “Não sabemos, você sabe mais sobre isso do que podemos te dizer”. Alguns espíritos sempre buscavam pela minha aprovação de suas respostas às perguntas que foram feitas por outros presentes nas sessões. Alguns anos atrás, fiquei maravilhado ao ouvir de um espírito materializado em uma sessão pública: “Oh, aqui temos a caixinha de pensamentos, o que podemos dizer diante dele?”. Essa fala veio do espírito de um índio americano. Eu estava sentado perto do marido da médium e, como ele era um amigo meu, perguntei a ele o que significava tal observação. Ele disse: “Ele se refere a você”. E perguntei o porquê, ele disse: “Ele acha que você é muito esperto

e assim não pode demonstrar seu poder". Sinto dizer, mas naquela noite a sessão não foi bem sucedida.

Em outra ocasião, tive uma longa conversa com um espírito e perguntei para ela muitas questões sobre os modos de vida no mundo espiritual e as respostas dela eram perfeitamente estúpidas. O espírito disse que ia para escolas e estudava com livros. Perguntei: "Que tipos de livro você lê? Pode mencionar o nome de algum livro que tenha lido?". "Não", ela respondeu, "não sei os nomes".

No entanto, algumas vezes percebi que, telepaticamente, meus próprios pensamentos, ideias e expressões eram reproduzidos tão perfeitamente como se eu estivesse respondendo minha própria pergunta. Também fiquei satisfeito ao ouvir as observações que os médiuns fizeram após ouvirem minha palestra sobre reencarnação. Alguns me parabenizaram e disseram: "Meus guias espirituais me ensinaram exatamente o que você explicou". Porém, outros médiuns não gostaram da ideia da reencarnação de jeito algum, uma vez que não haviam aprendido isso com seus espíritos controladores.

Supondo que todos os fenômenos dos espiritualistas sejam verdadeiros e genuínos, o que eles ganharam com essas comunicações fora a satisfação de suas curiosidades inúteis? Eles aprenderam qualquer uma das verdades superiores? Eles compreenderam qualquer uma das leis que governam a natureza espiritual do homem? Eles descobriram porque os seres humanos vêm para esta Terra e porque vão embora de repente? Eu já perguntei a muitos médiuns e guias espirituais e descobri que eles não sabem nada sobre a origem da alma. Suas respostas estão sempre baseadas nos dogmas da teologia cristã, que eles aprenderam na infância nas aulas de catecismo. Eles dizem: "Deus cria a alma no momento do nascimento e ela continua a existir para sempre". Se alguém pergunta: "Como você sabe que a alma não existia antes do nascimento do corpo?", eles não respondem.

Embora muitas das manifestações e comunicações espirituais tenham sido expostas como fraudes e muitas delas possam ser explicadas pela telepatia e pela transferência de pensamento, ainda assim há fenômenos genuínos que não podem ser explicados por nenhuma dessas teorias da comunicação com espíritos desencarnados.

Em muitas ocasiões, a plateia é enganada pelos espíritos, muitos deles não são sábios nem confiáveis. Em alguns casos, tomam a aparência de outros espíritos e enganam os presentes. Os pobres e inocentes médiuns podem não saber que tais truques são pregados neles por seus desonestos guias espirituais, então os médiuns não podem ser responsabilizados pela fraude em muitos dos casos, mas os espíritos devem ser culpados.

Assim, como podemos esperar aprender a Verdade absoluta com esses espiritualistas, cujos guias e controladores são por si mesmos ignorantes, enganosos e não mais espertos que o próprio médium? Vã é a esperança desses espiritualistas que esperam conhecer a Verdade absoluta através de comunicações com espíritos presos à Terra.

Na Índia, os buscadores da Verdade absoluta não vão a nenhum médium espírita para adquirir o conhecimento da alma ou de Deus, porque eles aprendem desde a infância que os espíritos que se comunicam com mortais comuns através de médiuns são ignorantes e estão presos à Terra. Os espíritos precisam de nossa ajuda mais do que eles podem nos ajudar. Esses buscadores da Verdade não procuram a sabedoria que venha dos Antepassados, ou antecessores falecidos, porque sabem que os habitantes do mundo espiritual, ou paraíso, ou Pitriloka, o reino dos antepassados, não são perfeitos, e que vão para lá por estarem presos aos desejos dos frutos de suas boas ações por algum tempo. Ao término desse período, são forçados a descer daquele plano para o mundo[5], obrigados a reencarnar como seres humanos para que cumpram outros desejos humanos que estão latentes e para colher os resultados das ações, que podem ser obtidos apenas no plano humano. Nenhum indivíduo, permanecendo no plano dos desejos humanos, pode escapar dessa roda de nascimento e renascimento que cobre todos os estágios, com o céu superior de um lado e a existência terrena do outro. Pelo tanto que durem os desejos em nós, seremos obrigados a passar pelas condições e existências mutáveis e encontrar os ambientes que estão sujeitos a mudanças.

Aqueles que adentram o paraíso dos espiritualistas modernos estão igualmente sujeitos à lei do carma, ou de causa e consequência. Estando atados a essa lei, eles permanecem lá até que tenham colhido os resultados de suas boas ações e pensamentos. Depois, descerão para esta Terra fenomênica e reencarnarão novamente como seres humanos, para que possam satisfazer seus desejos e tendências humanas no plano humano. Ciclo após ciclo, as almas individuais manifestam-se novamente em planos diferentes da existência, de acordo com seus pensamentos, desejos e ações. Elas poderão ir para o paraíso dos Pitris ou para qualquer outro reino superior dos espíritos.

Tendo compreendido a grande lei do carma, os filósofos da Vedanta e os buscadores da Verdade absoluta na Índia procuraram pelo caminho sutil, pelo qual a alma individual possa escapar da roda de renascimento neste mundo e transcender todas as leis e estágios do universo dos fenômenos do paraíso dos espiritualistas e dos cultuadores dos antepassados para o reino mais alto dos Devas, ou deuses. No *Bhagavad Gita*, o Senhor diz:

“Mesmo os habitantes dos mais altos paraísos estão sujeitos às leis de renascimento e reencarnação. Só está livre do nascimento e renascimento, e de

transcender todos os fenômenos aquele que, após conhecer a Verdade absoluta e realizar o Espírito supremo, torna-se um com a Divindade."[6]

O caminho que leva à realização da Verdade absoluta, ou à morada da Realidade eterna e imutável do universo, é diferente daquele que leva ao reino dos antepassados, ou ao paraíso dos espiritualistas, ou das religiões dualistas. A entrada no paraíso dos cultuadores dos antepassados depende de ações boas e justas. Ela surge como o efeito de bons pensamentos e atos. Porém, a execução de boas ações e ter bons pensamentos não podem produzir como seus resultados a obtenção da consciência de Deus, ou a realização Divina, ou Verdade absoluta, que são os ideais mais altos de todas as religiões. Nenhuma quantidade de bons pensamentos e ações pode produzir como resultado algo que está além dos pensamentos e da mente, consequentemente, além do alcance de seus efeitos, porque a realização Divina não está dentro do reino dos fenômenos psíquicos, nem pode ser alcançada pela mente, intelecto ou pelos poderes dos sentidos.

O caminho que leva a alma individual à realização do Absoluto não é nem através das ações justas, ou na crença de espíritos falecidos, nem pelo culto de espíritos ou antepassados, mas através do Autoconhecimento, ou o conhecimento da relação que a alma individual mantém com o Espírito universal. Este caminho é chamado na Vedanta de Devayana, o caminho divino, ou o caminho que leva à Divindade.[7] Os viajantes deste caminho são os mais sinceros e sérios buscadores da Verdade. Eles não ligam para os fenômenos, sejam físicos ou psíquicos, suas almas voam bem alto acima das nuvens dos desejos que cobrem a luz do sol espiritual nos mortais comuns. Para eles, o maior objetivo, a aspiração mais sublime e a mais profunda vontade da alma é realizar a Verdade imutável, que está além da mente, do intelecto e que não pode ser alcançada pelos antepassados nos paraísos dos espiritualistas. Temos que seguir por este caminho para encontrar a solução correta para todos os problemas a respeito da vida e da morte.

A verdadeira religião não depende de fenômenos físicos que possam ser vistos nas sessões espíritas e também não se baseia no culto aos antepassados. Portanto, a religião da Vedanta nos diz para não buscarmos a sabedoria Divina com espíritos desencarnados e para não perdermos nosso tempo e energia buscando por eles, porque o resultado não será bem sucedido. Espiritualistas que buscam pela mais alta sabedoria com comunicações com os espíritos falecidos estão iludidos e desconhecem as limitações desses espíritos.

Tais espíritos podem assumir a forma de um grande sábio, aparecer em uma sessão e fingir passar as verdades mais altas, porém, algumas pessoas sensatas perceberão com facilidade que muitos são enganadores. Temos que ser muito cuidadosos ao lidar com espíritos. Já vi pessoas que, após investigarem o Espiritualismo e ver todos esses fenômenos, perderam a fé e tornaram-se ateístas em suas ideias. Os espíritas atuais são como bebês nesta linha de pensamento. Os

buscadores da Verdade absoluta na Índia investigaram e obtiveram experiências por milhares de anos estudando as personalidades dos espíritos presos à Terra e também dos espíritos superiores.

Os hindus não permitem que ninguém se torne médium. Eles dizem que aqueles que adentram essa condição estão cometendo um grande crime psicológico ao deixarem suas mentes e corpos, que eles possuem para seu desenvolvimento próprio, sujeitos às influências de outros espíritos para cumprirem com o desejo destes. Sabemos que os médiuns ficam acabados moral e fisicamente no fim. Se o Espiritualismo pode iluminar as mentes das pessoas como afirma, por que vemos tantos desses médiuns que são ignorantes e estúpidos?

Eles não compreendem as leis morais e espirituais que governam nossas almas. Eles perderam a capacidade do autocontrole. Não conseguem controlar as condições dos transes, quando suas consciências ficam suspensas e suas mentes, cérebros e todo o corpo ficam à mercê de um outro poder fora deles próprios. A força de vontade dos médiuns é geralmente fraca. Sua energia vital, força vital e poderes intelectuais são usados por outros espíritos que têm controle sobre eles. Uma vez, perguntei para uma médium de materialização como ela se sentia depois de sair da condição mediúnica. Ela respondeu: “Sinto como se não houvesse nada dentro de mim, como se toda a vitalidade e vida tivessem sido tiradas de mim. Não consigo pensar nem fazer nada por algum tempo”. Isso não é pesaroso? É por esta razão que na Índia é daquele jeito, os espíritos presos à Terra, que estão tentando possuir os mortais de mente fraca, adoram encontrar alguém que esteja procurando por sua ajuda.

Os fenômenos genuínos do Espiritualismo podem fazer algum bem no sentido de satisfazerem a curiosidade de certas pessoas, ou assegurar que exista uma vida após a morte. Eles podem prever alguns eventos triviais relacionados a nossas atividades e vida diária, porém não podem nos levar à sabedoria e felicidade mais altas, que chegam à alma através da comunhão Divina.

Esses espíritos não são anjos, como os espiritualistas afirmam, eles são na verdade espíritos presos à Terra. O Espiritualismo atual pode encorajar a esperança de se encontrar com os espíritos de parentes e amigos, e pode consolar as mentes daqueles que duvidam de sua existência, mas não pode nos dar a realização da Verdade absoluta ou a obtenção da consciência de Deus. Ele não consegue nos elevar acima do reino dos antepassados que existe em Pitriloka. O objetivo da religião Vedanta, ao contrário, é fazer a alma individual perceber sua natureza verdadeira, promover a reunião com o Espírito universal e transformá-la neste Ser divino, que transcende todos os limites de tempo, espaço e todas as leis que nos prendem a este plano terrestre. O objetivo da religião Vedanta é nos fazer realizar a Verdade eterna nesta vida e ser perfeito como o Pai no Céu é perfeito.

A obtenção da consciência de Deus é o ideal mais elevado da Vedanta. O ideal mostra o caminho pelo qual podemos atingir o objetivo último de todas as religiões, manifestar a Divindade nas ações e tarefas de nossa vida diária e nos libertar do egoísmo e das condições físicas e mentais, para assim vivermos como um Deus vivo. Por esta razão, é dito na Vedanta:

“Você pode ler as escrituras, ou repetir trechos dia após dia, você pode oferecer sacrifícios, orações e invocações por ajuda aos espíritos e anjos, ou cultuar os espíritos dos antepassados falecidos buscando sabedoria e conhecimento, mas enquanto você não perceber a natureza verdadeira de seu Eu (Atman), enquanto você não sentir a reunião da alma individual com o Espírito universal, você não obterá a liberdade e perfeição espirituais.”[8]

Nota:

Por Swami Prajnanananda, Ramakrishna Vedanta Math, Calcutá

Vadarayana (também escrito como Badarayana), em seu *Brahma Sutra* (capítulo 3, seção 1, versos 1-27), menciona como a alma, acompanhada de mukhya-prana (o principal ar vital, ou espírito), órgãos dos sentidos, mente e levando consigo a ignorância (avidya), moral boa ou ruim, carma e todas as impressões deixadas em sua existência anterior, deixa o corpo (após a morte) e obtém um novo corpo. Comentando sobre o oitavo verso no capítulo 3 (seção 1) do *Brahma Sutra*, Shankaracharya explica:

“As almas daqueles que fazem sacrifícios ou similares surgem em estradas, tendo que lidar com fumaça até chegarem à esfera da lua, e quando terminam seus desfrutes (vindos dos frutos de seus trabalhos), descem novamente para onde já existiam antes. ‘Yavatsampatam… punaravartante yathetam’, ‘Elas voltam assim como vieram’.” Novamente em conexão com o mantra 3.1.22 do *Brahma Sutra*, Shankara explica o método de descida das almas, após citar o texto do *Upanishad*: “Elas voltam assim como vieram, do éter para o ar. Então, o sacrificador, tendo se tornado ar, torna-se fumaça; tornando-se fumaça, torna-se neblina; tornando-se neblina, torna-se nuvem; tornando-se nuvem, ele chove."

Veja também: Max Muller, *Os seis sistemas da Filosofia Indiana*.

Capítulo 12

O Espiritualismo e o culto aos antepassados

Muitos estudiosos mantêm que o culto aos antepassados foi o início de todas as grandes religiões que afirmam ter origem sobrenatural. O culto aos antepassados, como todos sabemos, refere-se a um tipo de crença nos espíritos dos falecidos e nos poderes sobrenaturais que eles possuem, além da constante lembrança deles em nossas mentes. A renúncia da vontade em direção a eles despertará a simpatia e bons sentimentos por aqueles que ficaram para trás.

Já foi dito antes que entre as religiões antigas do mundo, encontramos vestígios deste culto aos antepassados entre os egípcios, caldeus, chineses, hindus e outras raças que habitam partes diferentes do mundo. Com os egípcios, encontramos uma crença similar àquela dos espiritualistas atuais. Eles acreditavam que dentro do corpo do ser humano havia um tipo de ser similar ao humano na forma, com mãos, pés e todas as outras partes do corpo parecidas, era como um duplo do homem físico. Essa contraparte, ou duplo, saía do corpo e vivia e, de acordo com a crença deles, a vida do duplo dependia da forma física do ser humano.

Se qualquer parte da forma física estivesse machucada, a parte similar no duplo também estaria machucada. É por esta razão que os egípcios se importavam tanto com os cadáveres de seus antepassados e os preservavam usando a mumificação. As pirâmides foram construídas com o propósito de preservar as múmias dos falecidos. Os egípcios acreditavam que enquanto a forma física continuasse perfeita, o duplo permaneceria perfeito e intacto.

Os antigos babilônios tinham uma crença um pouco diferente da dos egípcios. Eles conservavam o cadáver, embalsamavam e construíam tumbas ao redor dele, colocando flores, guirlandas e flâmulas em suas sepulturas. Isso ainda é praticado hoje em dia na Europa e América, e é uma reminiscência do culto aos antepassados dos babilônios. A principal religião dos chineses é o culto aos antepassados. Os persas também acreditavam em espíritos desencarnados e os chamavam de “fravashis”, ou os pais. Eles invocavam esses espíritos, rezavam a eles e pediam ajuda e bênçãos.

De acordo com a crença dos persas, os espíritos dos justos seriam elevados à categoria dos arcanjos e dos anjos de guarda. Eles costumavam oferecer comida e sacrifícios em nome de seus pais falecidos, e os chamavam a qualquer momento que quisessem pedir algo de natureza sobrenatural. Assim, vemos que este tipo de adoração deu base às religiões dos persas, tanto quanto dos babilônios, chineses e egípcios. No Judaísmo e Islamismo, vestígios dessa adoração foram encontrados por estudiosos modernos.

A palavra hebraica “elohim”, que é traduzida como Deus, é usada com o significado de espírito desencarnado. A Bruxa de Endor viu o elohim saindo da Terra. Encontramos um resquício do culto aos antepassados quando lemos em Samuel:

“E Saul percebeu que aquele era Samuel e curvou-se com seu rosto para o chão e fez reverência.”

Os sacrifícios feitos em nome de Deus originaram-se da crença de que os desencarnados tinham fome e sede, assim como tinham quando estavam na natureza humana. Essa oferenda de comida e bebida gradualmente se desenvolveu nos sacrifícios. A comunhão, oferenda de agradecimento e a eucaristia dos cristãos são apenas algumas relíquias das cerimônias relacionadas ao culto aos antepassados. Os cantos e louvores que eram oferecidos pelos povos primitivos para celebrarem os antepassados e descreverem seus atos heróicos e virtudes, gradualmente se tornaram os hinos de louvor que temos hoje.

Tanto Cristo quanto Maomé acreditavam em espíritos desencarnados e nos anjos, os bons e os maus. Eles receberam revelações através desses anjos que eram justos e sagrados. Dentre os muçulmanos, encontramos que eles erguiam mesquitas e sepulturas. Esses locais são tidos como sagrados e são visitados por peregrinos com frequência. Na Índia, a crença nos espíritos desencarnados teve muita importância em construir os ideais religiosos dos hindus, e esta crença encontra expressão nos mais antigos textos das Escrituras.

Nos *Vedas*, lemos que esses espíritos dos antepassados eram convidados a aceitar as oferendas de comida e bebida no momento da cerimônia de shraddha. Quando uma pessoa morre, uma quinzena ou até um mês depois, todos os parentes se juntam para fazer boas ações e executar sacrifícios em nome daquele que faleceu. Eles alimentam os pobres, distribuem riqueza e fazem caridades. A palavra shraddha significa fazer o bem em memória de alguém. Uma das tarefas diárias dos hindus é passar alguns minutos pensando em seus antepassados e praticar certos atos em seus nomes, distribuindo aos pobres e alimentando os famintos. Os hindus acreditam que tais bons atos, quando feitos em nome dos espíritos desencarnados, são uma ajuda para que eles continuem em progresso.

De acordo com a crença hindu, todos os mortais, após a morte, continuam atrelados à Terra por um tempo, e os espíritos que estão nessa condição procuram ajuda dos vivos, dos descendentes, parentes e amigos, para que os libertem dessa condição terrena. Os bons atos e pensamentos realizados em memória dos falecidos ajudam dando-lhes a chance de sair dessa condição e gradualmente subir para o reino dos antepassados, onde permanecem um tempo e colhem os resultados das boas ações feitas por eles mesmos ou por seus descendentes, parentes e amigos em seus nomes. O reino dos antepassados foi descoberto pelo primeiro mortal, cujos

bons trabalhos possibilitaram que ele encontrasse esse reino; mais tarde, esse mortal tornou-se o deus governante daqueles que vieram mais tarde. Isso é chamado de Pitriloka. Aqueles que leram o *Katha* e outros *Upanishads* estão familiarizados com este nome. Este reino estendeu todos os confortos da vida terrena para aqueles que chegaram lá.

Este reino dos antepassados é o paraíso, o lugar ideal para os cultuadores de antepassados e para os espiritualistas atuais, mesmo que eles não o chamem por este nome. A religião dos espiritualistas, seja antiga ou moderna, não consegue descrever o estado em que seus antepassados vivem. Aquela religião não pode nos levar além desse reino e não pode nos dar nada além da crença de que, após a morte, encontraremos nossos amigos falecidos, viveremos e regozijaremos com eles para sempre, aproveitando a felicidade daquela condição celestial. Esse paraíso dos cultuadores dos antepassados e também dos espiritualistas modernos não é o paraíso mais elevado. Onde esse paraíso deles termina, é lá que começa a base da verdadeira religião, que nos guia à morada da Verdade eterna, que está além de todas as leis, de todas as condições psíquicas, de todos os prazeres e todos os confortos da vida.

Após anos de investigação, os sábios hindus e os videntes da Verdade descobriram que o reino dos antepassados não é a morada eterna da Verdade. Esse reino é fenomênico e seus habitantes não estão livres, mas presos pelos anseios por prazeres e confortos da vida. Eles estão sujeitos à lei do carma, de causa e efeito, ação e reação, e a estadia deles naquele reino é temporária, embora possa durar por milhares de anos. Os hindus foram mais a fundo que os espiritualistas e, ao investigarem as condições de vida daquele reino, viram quais condições estavam atreladas ao período dos espíritos em Pitriloka.

Os videntes podiam ver que os antepassados não conseguiam ultrapassar aquele reino, não conseguiam chegar ao plano da Divindade, nem compreendiam a Verdade divina e, por consequência, não poderiam ensinar sobre a Verdade divina. Tendo percebido isso, os videntes da Verdade dos hindus alertavam seus discípulos, seguidores e buscadores em geral para que não perdessem energia nem tempo pedindo ajuda para aqueles que não conhecem a verdade para além do plano psíquico, que estão ainda dentro do mundo dos fenômenos e que não conseguem se elevar ao plano da Divindade.

Desconsiderando as observações e avisos daqueles videntes da Verdade, os espiritualistas modernos procuram sabedoria e conhecimento das coisas Divinas por espíritos desencarnados e dão o melhor que podem para obter favores dos falecidos, na esperança de que aprenderão algo sobre Deus, sobre a real natureza da alma e da relação da alma individual com o espírito Universal. Os espiritualistas tentam firmar uma base de religião verdadeira, dependendo totalmente do conhecimento reunido com as comunicações feitas com os espíritos tolos dos

mortos que estão presos à Terra. Os hindus se perguntam como pessoas sensatas podem ficar sentadas noite após noite nas sessões espíritas públicas, ouvindo a conversa fiada de espíritos ignorantes que não sabem de nada, que não podem nem compreender e nem nos ensinar nada sobre as verdades mais elevadas da vida.

Eu já disse anteriormente que, por ter passado algum tempo com médiuns de todos os tipos que existem na América, não encontrei sequer um médium ou espírito desencarnado que conseguiu responder satisfatoriamente às perguntas que eu fiz a respeito da vida após a morte, sobre a natureza verdadeira da alma individual ou sua relação com o Espírito universal. Ao contrário, ouvi muitos espíritos dizerem quando perguntados sobre tais questões: "Você mesmo pode responder essas perguntas melhor do que nós". Algumas vezes, ouvi espíritos se referindo a mim quando perguntas eram feitas por outros presentes na sessão. Fiquei maravilhado ao ouvir isso de um espírito durante uma sessão de materialização no verão passado, e foi o espírito controlador do médium que apareceu e a primeira coisa que ele ofereceu foi: "Oh, aqui temos a caixinha de pensamentos, o que podemos dizer diante dele?". Eu não entendi o que ele quis dizer naquele momento, mas mais tarde entendi que a expressão se referia a mim.

Os espíritos vinham e falavam sobre determinados assuntos, mas em algumas ocasiões, percebi que algumas das respostas não eram nada além de reproduções dos meus pensamentos, ideias e expressões familiares, que eram telepaticamente reproduzidos tão bem quanto se eu mesmo estivesse respondendo minhas próprias perguntas. Eu já disse que, em outras ocasiões, quando dava palestras sobre a teoria da reencarnação, os médiuns que vinham para me ouvir, davam suas opiniões. Alguns me disseram: "Meu guia me ensina exatamente o que você explicou nesta tarde". O guia havia ensinado sobre reencarnação, porém outros médiuns não gostaram e disseram que era uma péssima ideia. Ouvi tantas opiniões conflitantes que não tenho como descrevê-las agora. Alguns espíritos dizem: "A reencarnação é a única solução para a vida", e outros espíritos podem pensar diferente. Se eles sabem de tudo, por que não ensinam? Por que suas opiniões são tão conflitantes? Como pode você esperar conhecer a Verdade última, a realidade do universo, a natureza de nosso Eu verdadeiro e a relação disso com Deus com esses espíritos, que não são nem um pouco melhores do que os próprios médiuns? Como os médiuns podem ser controlados por qualquer um, seus espíritos controladores são seres simples que não conseguem explicar nada sobre uma ordem mais elevada. Eu já disse que, supondo que essas sessões espíritas fiquem provadas como reais, o que os espiritualistas aprendem com essas comunicações, além de satisfazerem a curiosidade e de tirarem algum sustento?

Na Índia, não permitimos que nossos amigos se tornem médiuns, consideramos isso uma doença. Se alguém vira um médium, é muito difícil deixar essa condição depois. Não permitimos sessões públicas porque temos respeito por nossos

antepassados e amigos falecidos, e não queremos ganhar dinheiro às custas dos espíritos. Preferimos morrer com privações a invocar esses espíritos e pedir ajuda sobre como viver ou como ganhar dinheiro. Os hindus, é claro, não ligam muito para esse tipo de buscador da verdade. Eles não frequentam locais com médiuns, nem sessões públicas, porque sabem que os espíritos que se comunicam são ignorantes e estão presos à Terra; preferem rezar e mandar bons pensamentos para os espíritos, tentando fazer o bem em nome deles para que sejam libertos da condição de estarem presos à Terra.

A roda do nascimento e morte cobre todos os estágios que existem entre o mais elevado paraíso dos deuses e o plano dos seres humanos. Subimos e descemos de acordo com nossos desejos. Porém, ao descobrir essa grande lei, os buscadores da Verdade absoluta procuraram o caminho pelo qual os indivíduos possam escapar da roda de renascimento, ou reencarnação, e alcançar aquele estado do qual não se volta. Esses buscadores transcendem todos os fenômenos e vão além do reino dos antepassados. É dito no *Bhagavad Gita*:

“Todos os reinos, começando com o mais alto paraíso, são fenomênicos. Os habitantes, no entanto, estão sujeitos às leis de causa e efeito, ou ação e reação. Ninguém está livre dessas leis. Apenas aquele que transcende os fenômenos está livre e quem, após conhecer a Verdade, torna-se a Verdade, após realizar o Espírito supremo, torna-se um com esse Espírito.”

O caminho que leva ao paraíso dos cultuadores de antepassados é chamado de Pitriyana, i.e., o caminho dos antecessores, ou antepassados.[1] Porém, o outro caminho que leva à realização da Verdade é diferente desse caminho. A entrada para o paraíso depende inteiramente dos bons pensamentos e atos do indivíduo, mas nenhuma quantidade de bons pensamentos e atos pode produzir aquilo que está além de todos os pensamentos e atos, e além dos efeitos dos pensamentos e atos.

O caminho que leva à realização da Verdade absoluta pelo conhecimento do verdadeiro Eu (Atman), tanto quanto nossa relação com o Espírito universal, é chamado em sânscrito de Devayana, o caminho divino.[2] Os professores deste caminho são aqueles que são os mais sinceros e dedicados buscadores, que não ligam para os fenômenos, sejam no plano físico ou psíquico, e cujas almas sobem mais alto do que as nuvens de desejos que cobrem a luz do sol espiritual dos mortais comuns. O fenômeno mais genuíno dos atuais espíritas pode ajudar a satisfazer a curiosidade ou trazer um pouco de esperança de encontrar com um parente falecido e consolo aos corações daqueles que desejam muito encontrar parentes e amigos, mas, para além disso, não há realização da Verdade ou sobre a obtenção da consciência de Deus.

O objetivo da verdadeira religião é trazer a alma individual em união com o Espírito divino e fazer cada alma perceber essa reunião com o Espírito, tornando essa alma livre das amarras do desejo e anseios por prazer e alegria. Aquele que se atém a essa realização está livre da ignorância, egoísmo e todas as imperfeições. Ele não vai até um espírito em busca de conhecimento, mas encontra todo o conhecimento dentro de si mesmo. Ele vai à fonte de todo o conhecimento e recolhe a água do conhecimento daquela fonte. Espíritos não conseguem ensinar esse tipo de coisa, antepassados e pais não podem ensinar. Tal alma é emancipada e perfeita como o Pai do universo é emancipado e perfeito. Essa alma é um Deus vivo vivendo nesta Terra.

Nota:

Por Swami Prajnanananda, Ramakrishna Vedanta Math, Calcutá

1. Pitriyana é conhecido como dhuma-marga, o caminho de escuridão dos antepassados. Nos *Upanishads Chandogya*, *Brihadaranyaka*, *Katha*, *Prashna* e outros, e no *Bhagavad Gita*, isso foi descrito muito bem. Porém, sua semente é encontrada nos hinos do *Rig Veda*, usado com uma conotação sacrificial e não funerária:
   Rig Veda, Mandala 10, Sukta 2, Mantra 7: “Oh, Agni [Fogo], você é nascido da terra e do céu (dvava-prithivi). Você conhece o caminho final para Pitriloka, lá, seja você tão brilhante que ilumine o caminho.”

2. No núcleo do *Rig Veda* há o hino:
   Rig Veda, Mandala 10, Sukta 18, Mantra 1: “Oh, Mrityu, volte por um caminho diferente. Deixe o caminho que leva aos devas (archir-marga) e vá pelo caminho além deste (pitriyana).”

Capítulo 13

A mediunidade espiritualista

Os fenômenos do Espiritualismo atual abriram um novo campo para a investigação científica e inspiraram homens e mulheres sinceros, da Europa e América, com o desejo de se comunicarem com seus amigos e parentes falecidos. Os céticos e agnósticos, que não tinham fé na vida após a morte, descobriram algumas verdades sobre a vida futura através de comunicações genuínas com espíritos desencarnados. Eles aprenderam que o corpo não é o fim da vida da alma, mas, ao contrário, o corpo é apenas a entrada para a terra das maravilhas onde os espíritos dos mortos continuam a existir e têm novas experiências e prazeres.

O Espiritualismo atual, como já foi dito antes, deu um golpe mortal nas doutrinas e outros dogmas cristãos, assim como a teoria de que as almas dos homens estão destinadas a sofrerem eternamente. O Espiritualismo demonstrou o fato de que os espíritos de nossos amigos e parentes mortos estão ansiosos por nos informarem de que estão confortáveis, que têm muito interesse em nossos assuntos mundanos, de que estão sempre prontos para nos direcionar para o caminho correto e nos ajudar com bons conselhos, protegendo-nos dos perigos e azares que com frequência nos ameaçam. Estas e outras crenças de natureza similar foram mantidas pela maioria dos espiritualistas que tenta se comunicar com seus amigos falecidos ao desenvolver capacidades mediúnicas.

Estamos todos familiarizados com o processo de desenvolvimento da mediunidade. Aqueles que desejam tornar-se médiuns, procuram pela companhia de outros amigos que têm o mesmo desejo. Eles se juntam em um círculo conhecido como o "círculo de desenvolvimento". Eles ouvem de outros médiuns, ou de seus guias espirituais, para que escolham uma sala onde possam se reunir pelo menos uma vez na semana, mas as reuniões devem ser no mesmo horário e mesmo dia da semana. Eles devem começar cada sessão prontamente no horário combinado, porque os espíritos são tão ocupados quanto nós, com nossas tarefas e obrigações.

Por isso, os espíritos marcam seus compromissos e aparecem exatamente no momento combinado para ajudarem no processo de desenvolvimento. São necessárias no mínimo cinco ou seis sessões para magnetizar a atmosfera da sala e, quando ela já está magnetizada, o processo de desenvolvimento da mediunidade pode começar. As sessões devem ser feitas na escuridão absoluta. Assim como uma sala escura é indispensável para um fotógrafo que deseja revelar um negativo, é também necessária para alguém que deseja ser um médium. Aqui, devemos lembrar que a mediunidade é uma condição negativa da mente e do corpo, que pode facilmente ser apresentada se os participantes da sessão não pensarem em nada, mas ficarem passivos e simplesmente mantiverem uma atitude receptiva,

como se esperassem receber algo. A escuridão que impede a visão física, sendo o pólo negativo da luz, vai naturalmente ajudar a aquietar as atividades dos sentidos e trazê-los para um estado absolutamente negativo.

Músicas doces e tranquilas são muito eficazes no processo de desenvolvimento, mas os participantes não podem ser os que tocam a música, porque os esforços para cantar requerem uma vontade positiva e uma atividade da mente. Dentre os participantes, aqueles que são de um tipo negativo, devem se alternar com aqueles de tendências positivas. Durante esse momento, os participantes não devem pensar em nada e nem fazer perguntas, e sim renderem-se à vontade de seus controladores invisíveis e esperarem calmamente pelos resultados maravilhosos do processo de desenvolvimento.

Os melhores resultados da mediunidade chegarão àqueles dentre os participantes que forem capazes de render o corpo, mente e vontade totalmente aos espíritos controladores. Gradualmente, a inteligência espiritual vai controlar a vontade, os poderes voluntários e organismo sensório do médium. Este controle pode ser parcial ou completo. O controle parcial pode ser sob uma parte específica do cérebro, ou outro órgão, nervo central, membros e músculos do corpo.

O controle parcial pode ser dividido em duas classes gerais: uma consciente e a outra inconsciente. Cada uma pode ser subdividida em várias outras classes de acordo com os fenômenos. Há muitos homens e mulheres pelo país que têm algumas de suas funções mentais parcialmente controladas por inteligências espirituais exteriores, pelas quais eles podem receber mensagens na forma de algumas expressões das quais estão conscientes, porém, eles não perdem a consciência de seus corpos ou dos arredores. Nesta mediunidade consciente, alguém pode falar ou escrever sobre assuntos que desconhece. Alguns deles são conhecidos como faladores ou escritores inspirados, mas uma outra classe inclui os médiuns que não estão conscientes do controle espiritual exterior que influencia exteriormente suas mentes. Eles falam e escrevem sem saber quem os está controlando para falar e escrever.

Desses médiuns, há alguns que ficam parcialmente inconscientes de seus corpos e arredores no momento em que falam e escrevem. O controle parcial dos músculos e nervos centrais leva a uma variedade de tipos de mediunidade. A escrita na prancheta *[N.T.: Técnica utilizada em sessões espíritas e tradições asiáticas, como o Taoísmo, em que uma prancheta, ou utensílios parecidos, serve de suporte para o espírito incorporado se manifestar através da escrita]*, a manipulação do tabuleiro Ouija, escrita automática, clarividência e clariaudiência são alguns dos diferentes fenômenos da mediunidade muscular e neural. Quando um espírito controla os músculos dos braços, o médium é capaz de levantar altas cargas. Quando os nervos ópticos e a retina são controlados, o médium é capaz de ver figuras ou imagens que são apresentadas à sua consciência por seus espíritos controladores.

Similarmente, quando o organismo nervoso dos ouvidos e os nervos auditórios são controlados por um espírito, o médium pode ouvir os sons que seu controlador quiser. Da mesma maneira, o controle parcial pode ser exercido em outros sentidos, como olfato, paladar ou tato. Alguns têm consciência, mas outros não estão cientes deste controle.

Este controle parcial costuma levar a um controle maior e mais completo se os participantes das sessões continuarem no *processo de desenvolvimento*. Controle completo sobre a mente e o corpo do médium é manifestado com a mediunidade em transe. Os fenômenos desse transe são variados e extremamente atraentes, porque este tipo de mediunidade tem uma personalidade misteriosa. O médium é colocado em um estado de sono profundo, que se parece com um sono hipnótico. Não importa o que aconteça nesse estado, o médium está inconsciente. Os agentes controladores têm domínio absoluto do instrumento físico do médium. Os espíritos podem usar os órgãos vocais do médium, ou qualquer outro órgão que desejar. A vontade e os poderes volitivos do médium ficam totalmente suspensos. Através do corpo do médium, os espíritos podem falar ou executar qualquer fenômeno sem causar nenhuma impressão no ser consciente do médium. Assim como um paciente em sono hipnótico pode falar e andar, comer, dançar ou qualquer outro ato, estando sob o controle perfeito da vontade e da sugestão do operador, e sem se lembrar de nenhum desses atos ou palavras após voltar à consciência normal, do mesmo modo, um médium em transe não se lembra o que aconteceu durante aquele estado.

Há muitos desses médiuns dentre os espiritualistas em todos os países. Essa mediunidade de transe pode gradualmente se tornar o que chamamos de “mediunidade de materialização”. O médium fica em estado de transe profundo. Os espíritos controladores, que são especialistas na arte da materialização, compreendem todo o processo. Eles conseguem tirar as energias vitais e magnéticas do organismo físico e mental do médium e combiná-las com os elementos externos não-compostos e matéria atenuada (ectoplasma)[1] para produzir fenômenos que possam ser percebidos pelos participantes.

É claro que há muitas materializações fraudulentas, que já foram expostas diversas vezes na América e também na Europa. Porém, há também materializações genuínas, algumas das quais eu vi com meus próprios olhos e examinei cuidadosamente de todos os jeitos que conseguia usar, dadas as circunstâncias.

Já fui convidado para adentrar o gabinete de uma sessão espírita em que senti pelo menos vinte mãos em minhas costas, algumas puxando meu colarinho, minha faixa e outras em minhas costas, tudo ao mesmo tempo. Então, um dos espíritos disse: “Você acha que o médium fez tudo isso?”. Estava completamente escuro no gabinete, embora tivesse uma luz fraca sombreada por uma caixa de madeira no canto da sala. A mesmo voz disse: “Ponha suas mãos no médium”, e puxando

minhas mãos, colocou-as no médium, e senti os membros rígidos dele, que estava com as mãos firmemente amarradas com uma corda grossa, sentado em uma cadeira de balanço em uma posição inclinada em um transe mortal.

Eu já segurei a mão de um índio americano materializado que se dissipou em minha própria mão. Também já vi a materialização genuína de um amigo meu que era nativo de Calcutá. Poucas pessoas compreendem o processo da materialização.[2] Há muitos exemplos em todos os países de espíritos que se materializaram sem a ajuda de um médium.

As energias vitais e magnéticas do médium e também dos participantes dão a base para todos os fenômenos que acontecem em sessões de materialização. Já conversei com médiuns de materialização e perguntei-lhes como se sentiam após a sessão acabar. Invariavelmente, eles responderam que era como se todos seus sistemas estivessem vazios, como se não houvesse vida e nem vitalidade neles, como se tudo tivesse sido retirado de suas mentes e corpos. Eles não conseguem pensar nem demonstrar nenhuma atividade mental no estado de vigília. Isso não é uma condição lamentável?

Sem dúvidas, esses médiuns de transe podem ser chamados de mártires. Pela ignorância, eles sacrificam sua energia vital e força de vontade pelo altar dos fenômenos espirituais que os devastam física, mental e moralmente, e que impedem o crescimento e evolução de suas almas. Tem outros tipos de transes de materialização, como pintura mediúnica, mesmerismo, escrita independente na lousa, etc. Há ainda outro tipo de controle quando em transe que era conhecido em tempos antigos como possessão, ou obsessão, mas que agora é reconhecido como um tipo de loucura pelos praticantes que são médicos. Todos esses outros fenômenos de mediunidade agora são reconhecidos e têm fatos demonstrados cientificamente. Muitas teorias foram formuladas para explicar esses fenômenos[3]. A maioria das teorias fora das teorias espiritualistas, no entanto, foram provadas insuficientes.

A maioria das pessoas que já teve experiências com fenômenos manifestados através de médiuns genuínos não pode negar que espíritos desencarnados possam se comunicar com os mortais, que eles conseguem se materializar sob determinadas condições e que podem executar inúmeros outros fenômenos. Surge a pergunta se é benéfico para os mortais desenvolverem a mediunidade e tornarem-se médiuns, e se devemos encorajá-los nisso. Já vimos que mediunidade quer dizer um estado receptivo ou negativo da mente e do corpo. Se uma pessoa é positiva, será extremamente difícil para ela se tornar um bom médium.

É verdade que alguns já nascem médiuns, ou naturalmente negativos, e conseguem facilmente colocar-se sob controle de qualquer ser encarnado ou desencarnado. A

mediunidade não significa um dom, talento especial ou o poder de uma inteligência espiritual mais elevada. Os que pensam assim estão errados.

Estritamente falando, a palavra "desenvolvimento" não deveria ser usada em conexão com mediunidade. Enquanto a mediunidade é um processo subjetivo de tornar a mente e o corpo passivos, e de render-se à força de vontade e poderes volitivos de uma influência externa que controla o organismo do médium, o "desenvolvimento" é um desdobrar gradual dos poderes positivos que estão latentes na alma pelo processo natural de evolução. Este segundo é construtivo, enquanto o primeiro é destrutivo.

Um médium que parece estar inspirado, em uma condição de semi-transe ou transe completo, não demonstra nenhum poder próprio, o que pode ser chamado de inspiração. Não é o poder do médium que o faz parecer inspirado mas, ao contrário, a força de vontade e as faculdades intelectuais dele ficam suspensas, controladas e obedientes ao espírito controlador, que usa a mente e o organismo, que estão passivamente rendidos à vontade do espírito. Isto é um dom do médium do espírito. Sendo assim, isso não pode ser chamado de desenvolvimento.

Um médium que se torna absolutamente negativo ou passivo de corpo e de mente fica sujeito à todas as influências dos espíritos presos à Terra que estão nos arredores, que estão sempre em busca de uma oportunidade de controlar e fazer algumas vítimas e, assim, por ignorância, um médium abre um campo psíquico que fica dominado pela vontade desses espíritos. Muitos de nós já viram vários espíritos que se manifestaram em uma única sessão e como eles parecem ansiosos para se manifestar! Uma vez que essa porta está aberta, será difícil prevenir o médium dessas influências exteriores de tormento e de consumo da energia vital. Conheço diversos casos de pessoas que eram médiuns e que agora sofrem terrivelmente com influências externas e encontram muita dificuldade em superá-las mesmo com esforços constantes. Portanto, a mediunidade, em nenhuma circunstância, é um estado desejável. É criminoso render a mente e o corpo aos caprichos dos espíritos.

Alguns médiuns ficam tentados com a ideia de que podem desenvolver o poder de ver ou ouvir à distância, ou que outros poderes possam surgir no futuro. Porém, eles esquecem que aqueles que se tornaram clarividentes e clariaudientes pelo processo subjetivo da mediunidade, não podem e nem conseguem ver ou ouvir o que querem ver ou ouvir. Eles podem ver e ouvir apenas aquilo que seus controladores desejam mostrar-lhes, estão absolutamente à mercê de seus controladores. É um fato bem conhecido que os médiuns gradualmente perdem seus poderes ou autocontrole. Eles se tornam cada vez mais nervosos e isso às vezes culmina em uma prostração nervosa. Doenças cerebrais de vários tipos, a perda da energia vital, o magnetismo animal, a insanidade contínua e a vida curta são efeitos ruins da mediunidade.

Um alto estado de mediunidade significa então uma condição mental degenerada pela parte do médium. Os médiuns geralmente sofrem de perda da memória. Eles não conseguem concentrar suas mentes em um assunto por muito tempo. Consequentemente, não conseguem pensar nem raciocinar. Eles perdem a força de vontade e demonstram irritabilidade. Eles se tornam vaidosos e muito egoístas, crescem em paixões e desejos animais. Alguns dos médiuns se tornam imorais, desonestos e falsos. As estatísticas mostram que 74% dos médiuns profissionais desenvolvem paixões animalescas anormais. Quase 60% ficam histéricos, 85% sofrem de irritabilidade nervosa, 58% cometem fraudes ou desonestidade e 95% demonstram falta de moral e coragem, enquanto 70% caem na vaidade e no egoísmo.

Assim são alguns dos efeitos nocivos do desenvolvimento mediúnico. Agora podemos ver porque os videntes da Verdade na Índia se opunham que uma pessoa se tornasse médium? Podemos ver porque a filosofia Vedanta não aprova a mediunidade? Os Yogis na Índia nunca permitem que seus alunos entrem na condição negativa ou passiva. Eles não negam que possamos nos comunicar com espíritos presos à Terra, ou com os antepassados falecidos, mas eles sabem que tornar-se médium é um processo destrutivo, não um processo construtivo. Eles descobriram um sistema chamado Raja Yoga, no qual descrevem todos esses fenômenos incríveis, que podem ser obtidos cientificamente sem entrar no estado negativo, ou sem se render à vontade e mente de um espírito desencarnado.

Um Yogi desenvolve o poder de clarividência e clariaudiência por um método positivo, com a prática da concentração e da meditação. Ele consegue ver ou ouvir qualquer coisa a qualquer momento e em qualquer lugar. Quando ele obtém o estado superconsciente, todos os espíritos iluminados e inteligentes vêm para servi-lo e obedecer seus pedidos. Ele não é um escravo do espírito desencarnado, mas seu mestre. Um Yogi verdadeiro é um médium do Espírito supremo universal, que é onipotente e onisciente, enquanto o médium espírita está sob controle dos espíritos presos à Terra, que são ignorantes e imperfeitos. Nenhum médium jamais adquiriu sabedoria espiritual, nem compreendeu as leis mais elevadas que governam nossas almas através da comunicação dos falecidos, enquanto que o Yogi verdadeiro, que atingiu o estado da superconsciência, chegou aos conhecimento perfeito e alcançou a consciências de Deus. Ele é o ideal das nações. Ele é como Cristo, Buda e Ramakrishna. Ele atém-se à perfeição mesmo nesta vida, enquanto um médium espírita perde todo o autocontrole e sacrifica uma grande oportunidade de desenvolver a natureza espiritual, e continua na escuridão da ignorância, e mesmo após a morte, junta-se a seus controladores e desfruta ou sofre de acordo com seus pensamentos e atos. Um Yogi verdadeiro, por outro lado, tendo alcançado a perfeição nesta vida, transcende o reino dos espíritos falecidos, sobe acima do paraíso e alcança a onisciência e a bem-aventurança eternas.

Nota:

Por Swami Prajnanananda, Ramakrishna Vedanta Math, Calcutá

1. B. V. Schrenck Notzing escreve em seu livro *Os Fenômenos da Materialização*, página 282:
   "O processo de materialização consiste de dois fatores, um que é a simples e espontânea secreção e formação deste material para a produção das formas, imagens e organismos vivos. Mas, sejam lá quais forem as leis e forças que governam a materialização, a psique do médium deve ser notada como um fator determinante ou, no mínimo, contribuinte."

2. Notzing novamente escreve na página 13:
   "As atuações objetivas mais importantes da mediunidade podem ser divididas em dois grupos principais:
   1) Fenômenos de telecinesia: esta classe compreende todo tipo de ação sobre objetos inanimados sem contato, como oscilações, mesas que se movimentam (atração e repulsão), levitação de objetos (erguer e suspender), dilatações e movimentos de uma cortina, e até a geração de notas musicais e barulhos à distância (incluindo batidas e outras impressões auditoriais). Há também efeitos em instrumentos musicais, escrita direta, etc. Em poucas palavras, são todas formas de ação à distância.
   2) Fenômenos teleplásticos*: este grupo inclui os assim chamados fenômenos de materialização dos espíritas, i.e., a produção de formas e materiais de matéria orgânica ou inorgânica, de acordo com a concepção definida e imagens de pensamento do médium, que podem ter sua origem na memória, ou nas correntes psíquicas do médium, na mentalidade de uma das testemunhas, ou (no sentido espírita) em forças e inteligências fora do meio.

*Termo em tradução livre para o utilizado pelo autor da nota, "teleplastic", referente à teoria de materialização proposta por Albert de Rochas.

Capítulo 14

A escrita automática na lousa

No ano de 1899, fui convidado a dar uma palestra em um acampamento espiritualista em Lily Dale, perto de Chappaqua, no estado de Nova York, nos Estados Unidos. Falei sobre os assuntos “A Religião dos Hindus” e “Reencarnação”. O encontro aconteceu em um auditório cujas laterais eram abertas e os assentos estavam ocupados por pessoas que se interessavam pelo Espiritualismo. Fui o palestrante no dia do aniversário do local, quando, de acordo com o número de ingressos vendidos no portão, o público foi calculado em sete mil que vieram me ouvir. Dentre esse grande público, havia médiuns de todos os tipos em minha palestra. Após ouvir, muitos disseram que seus guias espirituais os ensinaram a mesma verdade que eu estava ensinando, e estenderam suas cordialidades a mim me convidando para ir a suas sessões.

Em 4 de agosto de 1899, fui a uma sessão onde vi escrita automática em uma máquina datilográfica. Todos deram os nomes de seus amigos falecidos que poderiam se comunicar com eles. Também dei o nome de um gurubhai falecido, Jogen. Em resposta, recebi o nome “Jogen” escrito com uma caneta azul. Isto despertou minha curiosidade e quis descobrir quem havia escrito aquilo.

Na manhã seguinte, em 5 de agosto, às dez horas, fui convidado a fazer uma visita ao famoso médium de escrita independente na lousa, Sr. Keeler. Após alguns minutos, fui até a sala de estar e sentei perto da janela, em frente ao Sr. Keeler, em uma cadeira de balanço. A luz do sol entrava pela janela. No espaço entre nós, havia uma pequena mesa quadrada, coberta com um tecido parecido com tapete. O Sr. Keeler pegou duas lousas, das quais esfreguei ambos os lados com minhas próprias mãos. Depois, ele as limpou com seu lenço e me pediu para que escrevesse algumas perguntas ao espírito com quem eu gostaria de me comunicar.

Perguntei a ele se poderia escrever as perguntas na língua nativa de meu amigo. Ele respondeu: “Sim, pode ser”. Então, escrevi em bengali, em um pedaço de papel, dobrei e o coloquei em cima daquelas duas lousas, em que o Sr. Keeler já tinha colocado um giz de aproximadamente meia polegada. *[N.T.: Meia polegada equivale a 1,27 cm.]* Ele colocou seu lenço suavemente próximo às lousas. Eu segurei pelos dois cantos das lousas com as duas mãos e o médium segurou os outros dois cantos com suas mãos. Deste jeito, as lousas foram erguidas acima da mesa no ar entre nossas mãos. Sentamos por alguns instantes e conversamos um pouco, já que ele disse que a conversa não interferia de maneira alguma na escrita.

Ele disse então: “Não sei se seu amigo virá ou não, mas farei o meu melhor”. Após alguns minutos, perguntei se era necessário colocar meu nome no papel. Ele

respondeu: “Sim”. Depois, ele me perguntou se escrevi o nome de meu amigo em inglês ou não. Respondi que negativo. Ele disse: “Talvez meu guia não seja capaz de chamar quem você quer, porque não consegue ler sua língua”. Ao ouvir isso, escrevi o seguinte em outro pedaço de papel, em inglês: “Jogen, você está aqui? Responda a minha pergunta em bengali”, e assinei meu nome, Swami Abhedananda. Dobrei o papel e o coloquei em cima das lousas. Segurando as lousas novamente entre nossas mãos, conversamos sobre vários assuntos. O Sr. Keeler me perguntou se meu amigo falecido já tinha se comunicado antes. Respondi: “Ontem de noite, na sessão do Sr. Campbell, fiz algumas perguntas ao meu amigo, mas em resposta, recebi um pedaço de papel em que seu nome, Jogen, estava escrito de caneta azul e nada mais, foi isso”.

Após alguns minutos, ele colocou as lousas na mesa e escreve: “Jogen está aqui” em um dos cantos de cima da lousa. Ele me pediu para ler, eu li e disse que o nome estava correto. Novamente, ele segurou dois cantos da lousa dupla com as duas mãos e me pediu para segurar os outros dois cantos, como fizemos antes. As lousas estavam uns cinco centímetros acima da mesa, suspensas no ar entre nossas mãos, enquanto estávamos sentados ao lado da mesa com nossos braços estendidos. Então, ouvi um barulho de arranhado do giz que se movia vindo de dentro das lousas. Ele disse: “Você está escutando o barulho do giz?”, eu disse que sim. O barulho acabou em dois segundos. Senti um choque elétrico nos braços enquanto o giz estava mexendo. O Sr. Keeler disse que também sentiu um leve choque. Abrimos as lousas e encontramos as seguintes palavras escritas em letra legível:

“Não encontro ninguém aqui que possa responder às perguntas deste cavalheiro.”
Assinado: G.C.

Perguntei ao Sr. Keeler quem era G.C. e ele respondeu: “É meu guia espiritual. O nome completo dele é George Cristi”. E depois ele disse: “Seu amigo está aqui, ele vai escrever”. Ele limpou as lousas e as arrumou como antes. Ele segurou o pedaço de papel com as perguntas em suas mãos por alguns segundos e me pediu para fazer o mesmo, e assim fiz. Depois, seguramos as lousas como anteriormente.

Novamente, senti um leve choque nos braços após alguns minutos e ouvi o arranhado do giz vindo de dentro das duas lousas. O barulho parou em alguns segundos e o resultado foi que a escrita na lousa tinha quatro idiomas: sânscrito, grego, inglês e bengali. Ao ver o escrito, o Sr. Keeler ficou muito surpreso porque ele não sabia ler ou escrever em grego, sânscrito ou begali. Aqui, devo mencionar que em Lily Dale não havia uma única pessoa além de mim que sabia ler ou escrever sânscrito e bengali. Também fiquei surpreso ao ver que a letra em bengali me lembrava da letra de meu amigo Jogen (Swami Yogananda), quando ele estava em seu corpo terreno.

Agradeci ao Sr. Keeler por este fenômeno extraordinário, o qual eu não podia explicar, e implorei para que ele me desse aquelas lousas porque queria descobrir como aquilo era feito mostrando a escrita independente da lousa a outros médiuns e espiritualistas. Ele me disse que nunca tinha tido uma sessão como aquela. Peguei as lousas e dei-lhe adeus. Assim terminou a sessão.

Deixe-me mencionar aqui que nem eu nem meu amigo sabemos grego, no entanto, em outra sessão, o espírito me disse que meu amigo trouxera com ele o espírito de um filósofo grego que escreveu o verso em grego. A princípio, não acreditei nessa afirmação, porém, quando mostrei aquelas frases para o professor de grego da Universidade de Colúmbia, em Nova York, ele disse que aquele verso era uma jóia familiar a Platão, que cada palavra estava escrita corretamente. Então, ele traduziu o sentido literal do verso.

Em outra sessão, quando quis ver Jogen materializado, ele respondeu que não gostaria de fazer isso. Porém, fiquei surpreso ao ver o espírito de Babu Balaram Basu, da rua Ramkanta Bose, 57, Calcutá, completamente materializado na sessão da Sra. Moss, em Lily Dale. Ele vestia seu conhecido turbante branco, do mesmo modo como costumava fazer quando no corpo mortal. Mas, agora, o turbante estava iluminado, como se estivesse com lâmpadas elétricas nas dobras. Eu estava deslumbrado de olhar para aquela brilhante figura com barba esvoaçante e aparência majestosa. Ele não falou, mas respondeu às perguntas balançando a cabeça. Colocou sua mão direita em minha cabeça e me abençoou em silêncio. Naquele momento, pude ver a médium Sra. Moss sentada inconsciente em transe na cadeira de balanço. Após me abençoar, toda a figura materializada de Balaram Basu dissipou em uma substância como uma névoa (ectoplasma) e desapareceu.[1]

Perguntei a mim mesmo porque ele não falou nada e, ao questionar, recebi a resposta de que ele não falou porque ele se encontrava impossibilitado de falar antes de sua morte. Isso corroborou com o fato de que antes de morrer, Balaram Basu sofreu de uma pneumonia dupla e não conseguiu falar por mais de uma semana.

Em outra sessão, escutei a voz de Jogen, em bengali, quando ele falou comigo através de um trumpete bem fino. Ele disse: “Você gosta deste país (América)?”, ao que respondi que sim. Então, ele disse: “Não gosto deste lugar, vou para a Índia ver nossa Santa Mãe”. Aqui, devo mencionar que, enquanto estava na Terra, Jogen serviu à Santa Mãe, a consorte de Bhagavan Sri Ramakrishna, com todo seu coração e alma.

Na América, também vi a pintura de um retrato feita pela mão invisível de um espírito desencarnado em minha presença.

Capítulo 15

O que há além do túmulo

Já foi discutido antes que aquilo que está além do túmulo é a pergunta que costuma surgir em nossas mentes e queremos saber o que acontecerá conosco após sair do corpo no momento da morte. Quando lemos diferentes Escrituras do mundo, encontramos que a mesma pergunta já foi discutida e muitas respostas foram recebidas, seja através do intelecto, da concepção de mundo ou através de revelações. Dentre as respostas que nos foram dadas desde tempos imemoriais, encontramos no *Velho Testamento*, quando essa pergunta surgiu na mente de Jó, que ele respondeu de forma negativa. Ele ansiava pela morte, pensando que ela acabaria com sua agonia mental. Nos *Salmos* lemos:

“Darás maravilhas aos mortos? Os mortos se levantarão e te louvarão?”[1]

Lemos também:

“Na morte, não há lembrança de ti; na sepultura, quem te dará graças?”[2]

“Seu respiro sai, ele retorna a esta Terra; naquele mesmo dia, seus pensamentos perecem.”[3]

“Os mortos não louvam ao Senhor, nem os que descem ao silêncio.”[4]

Salomão disse com coragem:

“Tudo vem da mesma maneira para todos: há um acontecimento para os justos e para os ímpios, para o bom e limpo, e para o ruim e sujo. Assim como é o bom, o pecador também é.[5] Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe com coração contente o teu vinho. Aproveite alegremente a vida com a mulher que amas - tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma.[6] Os mortos não sabem de nada, nem têm eles méritos, pois suas memórias foram esquecidas.”[7]

Mais adiante lemos:

“Pois o que acontece aos filhos dos homens acontece aos animais; mesmo uma coisa lhes sobreveio: como um morre, assim morre o outro; sim, todos eles têm um só fôlego, de modo que o homem não tem preeminência sobre a besta.” “Todos vão para o mesmo lugar, todos são do pó e todos se tornam pó novamente.”

Há muitas passagens que criam uma grande confusão em nossas mentes. Qual dessas respostas é verdade: se após entrarmos no túmulo continuamos a viver, ou é verdade que perecemos no túmulo?

Já foi discutido que muitos cristãos acreditam que Jesus Cristo trouxe a vida eterna à luz. É claro, ele trouxe a vida eterna à luz dentre as tribos de judeus que não acreditavam na vida após a morte, ou, na verdade, que a vida continuaria mesmo após entrarmos em nossa sepultura. Os judeus de tempos antigos até os tempos do Exílio da Babilônia não acreditavam na existência de uma alma que pudesse viver separadamente do corpo material. Eles tinham uma ideia que o sopro da vida vinha de Jeová e que, no momento da morte, o mesmo sopro voltava para Ele. O que acontece aos animais acontece também aos santos e pecadores da mesma maneira. Essas passagens que citei referem-se a este estado de crença, este estado mental que existia naquela época.

Durante o Exílio da Babilônia, que durou de 586 até 536 a.C., os judeus entraram em contato com uma nação altamente civilizada, os zoroastrianos ou persas, que acreditavam na ressurreição após a morte. Eles acreditavam em um paraíso e um inferno, nos anjos, arcanjos e no dia do julgamento final. Todas essas ideias eram desconhecidas dos judeus da antiguidade. Porém, alguns deles aceitaram essa crença e outros a negaram. Aqueles dentre os judeus que aceitaram a crença da ressurreição, dos anjos e arcanjos, eram conhecidos como fariseus. A própria palavra fariseu (pharisee) é uma forma hebraica da palavra persa (parsee). Os fariseus que viviam na Pérsia eram os seguidores do Zoroastrismo, mas os outros eram judeus ortodoxos que não aceitavam essas ideias novas. Eles consideravam essas ideias heréticas e eram conhecidos como saduceus. Então, os saduceus eram os judeus ortodoxos que não acreditavam na ressurreição.

Mesmo no *Novo Testamento*, encontramos menção a um saduceu que veio e questionou se havia mesmo algo como a ressurreição. Porém, a ideia de ressurreição que encontramos entre os antigos zoroastrianos é diferente da concepção da ressurreição do corpo que foi aceita pelos cristãos. A ressurreição do corpo físico não se referia à ressurreição quando os antigos zoroastrianos acreditavam nessa concepção.

Eles acreditavam na ressurreição do corpo espiritual, que continuava a viver após o corpo denso ser destruído. Após o terceiro dia, de acordo com eles, o corpo fica deitado na sepultura, na manhã do quarto dia todas as almas se levantam e esta é a ascensão espiritual das almas. Todos aqueles que são justos vão para o paraíso, o paraíso dos bons pensamentos, boas palavras e boas ações. Aqueles que não são justos também se levantam, mas vão para o inferno dos maus pensamentos, más palavras e más ações. Lá, eles ficam na escuridão até o momento do dia do julgamento final, quando Ahura Mazda, o Criador do bem, conquistaria Ahriman, o Criador do mal.

A princípio, Ahriman era muito amigável com Ahura Mazda, mas depois ele se rebelou contra Ahura e desceu à Terra para se vingar porque fora expulso do céu. E este Ahriman, a propósito, tornou-se Satanás no Cristianismo. O conceito de Satanás é o que encontramos nas escrituras do Zoroastrismo, conhecidas como *Zend Avesta*. Este Ahriman é o Senhor do mundo, assim como Satanás é descrito como o príncipe deste mundo no *Quarto Evangelho*. Ele está tentando destruir o bom trabalho do Criador, Ahura Mazda, e trouxe o pecado e a morte para este mundo. Ele está constantemente combatendo os trabalhos de Ahura Mazda, o criador do bem, e seu poder será superado e conquistado pelo criador do bem no final, e, depois, o Senhor irá criar um novo mundo livre da influência ou do poder de Ahriman. É neste momento que o dia do julgamento final ocorrerá.

Eles também acreditavam em um Messias. Ele aparecerá no céu, nas nuvens. O nome dele é Saoshyant e ele vai ajudar as boas almas a entrarem no paraíso para os desfrutes dos prazeres celestiais eternos. Porém, aqueles que estão na escuridão da ignorância também serão perdoados de seus pecados e serão permitidos de entrar nas regiões celestiais. Esta era a crença original dos zoroastrianos.

Agora, comparando a crença cristã com a dos zoroastrianos, vemos o quanto a crença cristã é semelhante àquela antiga crença da ressurreição dos zoroastrianos, o dia do julgamento final e da ida para o paraíso. Todas essas concepções existiam na Pérsia muito antes do tempo de Cristo e foram observadas e aceitas pelos fariseus durante o período do Exílio, que durou de 586 a 536 a.C.. Assim, a concepção deles de ressurreição não era absolutamente dependente da ressurreição do corpo de Cristo. Isso tudo são fatos históricos.

Então, como podemos admitir que Cristo trouxe à luz a ideia da vida eterna no sentido literal, quando sabemos que esse conceito de vida eterna existiu não apenas entre os zoroastrianos, mas também entre os egípcios, caldeus, babilônios, chineses, hindus e todas as antigas nações, como os romanos, gregos e escandinavos? Todos acreditavam na vida eterna. Desde 12000 a.C. encontramos registros disso entre os egípcios. Os escritores egípcios, durante o período de 12000 até 8000 a.C., registraram que havia uma crença na ressurreição do corpo físico dentre os egípcios, que também acreditavam que a alma dos justos iria para as regiões celestiais aproveitar os prazeres que são encontrados em tais regiões. A alma teria forma física, quase como a forma física que temos na Terra, e aquela ideia da ressurreição do corpo físico foi mais tarde abandonada quando puderam compreender os poderes e forças sutis da natureza e perceberam que cada corpo humano tem seu duplo, que é feito de elementos mais sutis de matéria. Quando a crença no duplo ficou mais forte, eles desistiram da ideia da ressurreição do corpo denso. Os escritores dentre os egípcios que viveram na quinta dinastia, isso é,

aproximadamente 3400 anos antes de Cristo, declararam que “O paraíso tem a sua alma e a Terra o seu corpo”. A alma pertence ao paraíso e o corpo pertence à Terra.

Desde então, no Egito surgiu a ideia de preservar o corpo, porque eles tinham uma outra crença de que esse duplo, que é semelhante à forma do corpo denso, permanece intacto enquanto o corpo físico for preservado intacto. Essa ideia fez surgir o pensamento sobre a mumificação do corpo físico. Isso estava na base da prática, junto à crença de que se qualquer braço ou membro físico estivesse machucado, aquela região em particular no duplo também estaria mutilada. Por este motivo, tentavam manter todo o corpo intacto através deste peculiar processo de mumificação.

Também havia a crença de que as almas dos justos iriam para o paraíso, viveriam com os deuses e comeriam e beberiam com eles. Eles tinham o corpo físico, embora fosse consistisse de partículas mais finas de matéria, ou o corpo etérico, então, mesmo com esse tipo de corpo, eles precisavam de comida e bebida. Por isso, parentes e amigos do falecido costumavam deixar comida e bebida nos túmulos. Esta prática foi continuada por algum tempo. Algumas outras práticas incluíam colocar amuletos e talismãs nos túmulos, porque acreditavam que os falecidos precisavam de tais objetos para se protegerem das más influências. Também foi deixado escrito que as almas dos justos iriam para os paraísos passear por campos de paz, com vestimentas celestiais de linho branco e sandálias brancas, haviam canais onde se banhavam de prazer. Os mais profundos prazeres que temos nesta Terra também existiam no paraíso egípcio.

Quando lemos os escritos dos babilônios e dos caldeus, encontramos que esses últimos também acreditavam na ressurreição do corpo e, por isso, embalsamavam o corpo e o enterravam em uma cova abaixo da terra para preservá-lo. Este costume foi passado para os cristãos, que enterram os mortos seguindo o mesmo costume dos antigos caldeus e babilônios. Isso mostra que entre eles havia a crença na vida eterna. As ideias que temos hoje em dia não vieram do tempo de Cristo, mas existiam séculos antes do advento Dele.

Se lermos as histórias dos gregos e romanos, encontramos que os gregos acreditavam nos Campos Elíseos, que as almas dos justos iam para lá e assumiam o mesmo trabalho que faziam na Terra. Encontravam seus amigos, o marido encontrava a esposa, os pais encontravam seus filhos e todos continuavam a viver e aproveitavam de todas as bênçãos da vida.

Os escandinavos acreditavam em “Valhalla”. Eles eram guerreiros e lutadores, e continuavam com suas brigas no paraíso, na presença de Odin. Neste paraíso, os bravos soldados que haviam caído no campo de batalha podiam lutar com seus inimigos e, mesmo que se ferissem, com os poderes milagrosos de Odin, seus machucados seriam curados, depois, pegavam suas armas novamente para

continuarem a luta. Após batalharem no campo, caçavam ursos selvagens, matavam e traziam para fazer um assado e terem um grande banquete. Este processo continuaria todos os dias por toda a eternidade. Agora, lembre-se que a eternidade não quer dizer mil anos ou dez milhões de anos, mas sim um tempo sem fim.

Há outras crenças, como as dos índios americanos. Eles têm os campos felizes de caça no paraíso. Encontramos entre os muçulmanos que existe outra concepção de céu. Eles dizem que as almas dos justos que seguem os mandamentos de Alá vão para o paraíso muçulmano, onde há bastante sombra, os rios têm água pura, tem rios de leite, vinho e mel. E há as virgens (houris), que colocam o vinho no cálice das pessoas piedosas, que bebem e aproveitam da companhia dessas virgens. Lá há árvores sob as quais eles descansam e aproveitam de frutos deliciosos dados por essas árvores. Os árabes viviam no deserto, onde há muita necessidade de água e sombra. O povo árabe queria água e essa era a ideia deles de paraíso, com muita sombra, frutas deliciosas e todos os prazeres que eles podiam imaginar na Terra eram projetados e formavam o paraíso, que continha todas essas coisas maravilhosas. É um paraíso que é húmido, molhado e repleto de água. Eu venho de um país onde a chuva anual é de quinhentas e quarenta polegadas. *[N.T.: Aproximadamente 13700 mm.]* Eu não ia querer ir para um paraíso húmido.

Com essas descrições, aprendemos que cada nação e cada tribo projeta seus ideais mais elevados de paraíso e cria um paraíso como se fosse uma terra dos sonhos, e a concepção de paraíso é a de um lugar onde podemos aproveitar os prazeres sem pausa, tristeza ou separação. Isso é, as almas de cada nação e cada tribo continuam a aproveitar dos prazeres por toda a eternidade, assim é o que eles acreditam.

Alguns acreditam que no paraíso se ocuparão de cantar e tocar a harpa. Há um verso em um hino que era cantado em igrejas ortodoxas que descrevia os prazeres do paraíso: “Onde as congregações nunca se rompem e os Sabbaths nunca terminam”. Tal paraíso irá existir para aqueles que acreditam em tal ideal. Haveria um local ou um reino para onde aquelas almas que acreditavam e tinham fé no Senhor iam congregar e cantar os louvores a seu Salvador, e este Salvador poderia ser Jesus, Buda, um profeta ou alguma figura dos hindus. Assim seria o paraíso, o lugar ideal, para onde os justos e os santos vão.

Porém, essas crenças que foram passadas a nós não nos convencem e não nos asseguram que, após a morte, iremos para o paraíso ou para a perdição eterna. Queremos saber mais sobre isso e queremos mais provas. As sessões espíritas nos dizem que as almas, após atravessarem o túmulo, passam por várias situações e se tornam anjos. Acredita-se que os anjos saibam tudo e que possam ajudar a humanidade, seus amigos e parentes. Mas a pergunta é se eles podem nos ajudar de algum jeito. Muitos acreditam que eles podem, mas outros negam essa ideia,

embora não neguem a existência das almas após a morte. Eles acreditam na existência das almas desencarnadas, mas se elas podem nos ajudar através de algum tipo de comunicação é outro ponto, e este ponto deve ser compreendido.

Mas, quem são os falecidos que se comunicam conosco e que podem nos ajudar? A crença popular é de que não importa o quanto um homem tenha vivido sua vida na Terra, assim que ele passa pelos portões do túmulo, ele entra em um reino de atividade e fica consciente de tudo, conhece todas as leis e torna-se perfeito, e ele tem o poder de ajudar a humanidade dando mensagens de várias maneiras. Aqueles que acreditam neste tipo de ideal não entendem que nossa vida no futuro, ou após a morte, será a continuação desta vida. A morte não é um inimigo da vida, como tem sido compreendido popularmente pelo Cristianismo ortodoxo. Como o Cristianismo ortodoxo fez da morte um grande inimigo da vida, eles acreditam que assim que alguém entra no reino da morte, sua vida ficará estagnada, sendo destinado a aproveitar de todos os prazeres ou ir para a perdição eterna e sofrer para sempre. A morte não é um inimigo da vida, ela é apenas um estado.

Agora podemos facilmente entender que isso é um estágio, ou passagem, pelo qual podemos seguir para um outro lugar se estudarmos as condições de uma pessoa que está morrendo. O que acontece com um homem que está morrendo? Percebemos que seu corpo e sentidos estão ficando fracos, as sensações estão diminuindo. O corpo físico não se mexe, mas seus poderes psíquicos estão ficando mais aguçados e fortes. Alguns podem talvez desenvolver o poder da clarividência ou da clariaudiência, podem enxergar coisas e ouvir sons à distância. Seus sentidos psíquicos podem se desenvolver e todos os poderes que eram latentes no plano inconsciente podem surgir no plano consciente. A memória ficará mais forte. Há casos em que a pessoa que está morrendo vai até outro lugar na forma de aparição para passar uma mensagem, pedindo ao parente que cuide dos filhos ou que continue com seus trabalhos. Casos assim já foram registrados, como na Sociedade de Pesquisa Psíquica.

O que esses registros provam? Eles provam que existe um poder em nós, que está latente talvez no momento presente mas que, no momento da morte, torna-se mais forte e apurado. Já foi discutido antes que as pessoas que estão morrendo podem se comunicar com parentes e amigos que já faleceram bem antes e que estão vivendo em outro mundo. Os falecidos não apenas conseguem se comunicar com os outros falecidos, mas também com quem ainda está na Terra.[8]

Após a morte, atravessamos um estado, isto é, as almas contraem seus poderes, que ficam dispersos durante a vida terrena, assim como fazemos quando vamos dormir. Nossa vida central, a fonte de inteligência, centralizada em um ponto, retira todo o poder que está disperso pelo corpo, os poderes dos sentidos, e todos esses poderes ficam concentrados naquele centro, que é como um núcleo. Este núcleo retém esses poderes no momento do sono e no momento da morte o mesmo

acontece.[9] Isso tudo é um sono mais profundo que nosso sono de costume. No momento da morte, a alma se contrai e fica concentrada naquele núcleo central onde os mesmos poderes dos sentidos, do pensamento, as faculdades racionais, a memória e todos os outros poderes são mantidos juntos pela força vital, que é uma propriedade inata da alma individual. Por essa alma individual, quero dizer o pensador, aquele que pensa, que sente, que percebe e que sabe. Depois, a alma individual retém os poderes, assim como percebemos no caso das tartarugas. Quando uma tartaruga está com medo, o que ela faz? Ela retém seus membros dentro do casco. Tal ilustração foi dada no *Bhagavad Gita* (2-58):

"A alma retém seus membros dentro de sua concha, assim como uma tartaruga quando amedrontada faria retendo seus membros em seu casco."

Você pode imaginar que este processo acontece um pouco antes do momento da morte e, então, aquela entidade, ou aquele pensador, adquire uma forma sutil, que é chamada em sânscrito de sukshma-sharira. Essa forma pode ser chamada de corpo espiritual ou corpo astral, e esse corpo sai do corpo físico no momento da morte como uma névoa. É uma névoa imperceptível. Alguns psíquicos têm o poder de ver essa névoa e com placas fotográficas sensíveis já foram tiradas fotografias dessa névoa, embora seja imperceptível aos olhos humanos. Experimentos científicos também provaram que os mortos, se colocados em uma balança bem sensível e pesados bem antes da morte e imediatamente depois, uma diferença significativa no peso será encontrada. O corpo terá perdido mais ou menos metade ou três quartos de onça. *[N.T.: Aproximadamente 21 gramas.]* Estes três quartos de onça é o peso daquela névoa que sai do corpo e que foi fotografada. Há casos desse tipo que foram registrados. Mencionei anteriormente o caso de uma jovem garota que estava sentada ao lado do irmão que estava morrendo e disse: "Mãe, olhe essa névoa em volta do corpo", mas a mãe não conseguia ver aquela névoa.

Essa névoa é apenas a vestimenta interior da alma, ela não é a alma. A alma é o centro, ou núcleo, e a névoa é uma vestimenta mais fina. Ela é o corpo sutil e este corpo continua após a morte. Para onde esse corpo vai após a morte? Ele fica suspenso em volta do corpo por bastante tempo. Se o corpo é preservado na cova, a atração do corpo físico que a pessoa amou tanto e do qual cuidou por tanto tempo com tanto amor, atrai a alma, ou melhor, a alma se apega ao corpo.

Por este motivo, a crença hindu é de que é melhor destruir o corpo. A destruição do corpo denso libera a alma de seu apego ao corpo material. Mas, se o corpo é colocado em uma cova, a alma tem o desejo de vir para olhar o corpo e, mesmo que tenha morrido há bastante tempo, ela tem o desejo e a curiosidade de ver o que está acontecendo na cova. Isso é um estado muito indesejável e deixa a alma infeliz. É uma agonia para a alma ver seu lindo corpo em decadência e desintegrando. É muito indesejável que as almas devam sofrer mesmo em outro mundo. Por este motivo, a cremação é considerada como a melhor maneira de

acabar com o corpo. Os hindus dizem que o quanto antes ele for destruído, mais rápido a alma esquece de sua existência.

Então, o que acontece com a alma? A alma, ainda vestida com a fina vestimenta do corpo sutil, atravessa a fronteira onde termina essa Terra e um novo mundo espiritual começa. Isso é chamado de fronteira, mas é claro que não há nenhuma linha de demarcação no espaço externo, como o horizonte. É um estado diferente de vibração, é uma outra dimensão. Agora vivemos na terceira dimensão, onde temos o conhecimento de largura, altura e comprimento, porém, não sabemos nada disso após a morte. Essa é a quarta dimensão. Nesta quarta dimensão, tais coisas como o tempo e as divisões de espaço não existem e, ainda assim, ocupam o mesmo espaço. Você imagina que a Terra tenha uma forma oca, como se fosse um contorno, e não há substâncias sólidas dentro dela. É lá que as almas existem e elas saem daquele plano da quarta dimensão para a nossa terceira dimensão, e podemos vê-las e senti-las.

Nossas almas virem para a Terra é como descer até o fundo do oceano, porém, quando você chega lá, o que terá que fazer? Você terá que colocar uma roupa de mergulho que é muito pesada. Se você não a colocar, não poderá descer. Se você tem um corpo mais leve, você não consegue chegar e permanecer neste plano [terceira dimensão]. Você irá para um plano diferente, onde a vibração vai se harmonizar com sua forma física. Por este motivo, dizemos que a fronteira não é como um lugar, ou um corredor, que nos leva de uma sala para outra sala atrás da parede. Já foi dito que isso é um tipo diferente de vibração.

A mesma vibração pode continuar, porém não temos o poder de percebê-la. Se tivéssemos sentidos mais apurados, poderíamos vê-la e perceber sua existência. Por exemplo, na música há diferentes notas que representam vibrações diferentes de som ou de ar em uma escala diferente com teclas diferentes. Tudo pode ser combinado em uma linda harmonia, mas se você quiser ouvir cada som ou nota distintamente, você deve se conscientizar de cada som ou nota. Imagine que no espaço tenha mensagens sem fio acontecendo, mas uma não interfere na outra porque cada uma tem uma vibração diferente da outra. Da mesma forma, cada alma individual sai do corpo, leva suas próprias vibrações consigo, que não são nada além de seus pensamentos e ideias. Os pensamentos e ideias da alma são vibrações e a alma é o centro, radiando todas essas vibrações constantemente. A alma leva os pensamentos e ideias com ela e, deste modo, não interfere com nenhum outro centro de vibração. Ela as carrega para seu próprio reino e lá ela permanece por algum tempo, até que entra em estado de sono por causa da exaustão após fazer todo seu trabalho físico enquanto vivia na Terra. Este estado de sono é tão maravilhoso que a alma gosta de descansar e de ter aquele sono tranquilo. Nada pode perturbar a alma quando ela entra nesse sono. Nem mesmo Deus pode perturbar a alma que dorme. No entanto, aqueles que morreram com ansiedade, tristeza e sofrimento terão um sono perturbador, eles não conseguem

descansar de verdade. Por causa do apego, eles sonham que seus amigos e parentes terrenos que choram e lamentam sua morte. Ficam andando como se fossem sonâmbulos, num estado meio adormecido. É por isso que você encontra tantas manifestações nas sessões espíritas que parecem devaneios meio sonolentos. Eles são trazidos pelas invocações de seus amigos e tentam ajudá-los neste estado de sono, porém não sabem o que estão fazendo.

Há algumas almas que não sabem que estão mortas, elas estão em estado de confusão. Leva um pouco de tempo para que percebam que estão mortas e permanecem presas à Terra, i.e., se elas tiverem um forte apego a seus amigos e parentes a quem amavam muito, elas continuarão ao redor deles. Mas, é uma grande tristeza e sofrimento para elas quando seus amigos e parentes não conseguem reconhecer suas presenças e não as tratam apropriadamente. Assim, cada alma fará seu próprio ambiente e condição, de acordo com seus pensamentos e atos.

Portanto, compreendemos que não existe uma lei geral para todos. Assim como dois indivíduos não são iguais, duas almas não estarão no mesmo estado de vibração após a morte. Após adentrar aquela fronteira, algumas terão aquela sonolência e ficarão por lá indefinidamente. Algumas almas permanecerão por mais tempo naquele sono e outras por menos. Aquelas que são muito apegadas à imoralidade e desejos animalescos não terão um sono longo, porque acordarão por conta desses desejos, que surgirão mesmo naquele estado. Algumas permanecerão presas à Terra e permanecerão neste estado para satisfazer seus desejos terrenos e, talvez, escolher algum médium pelo qual possam saciar seus desejos de bebida e imoralidade, é por esta razão que você encontra muitos médiuns que se tornaram imorais e viciados em bebida.

Isso não é culpa do médium e sim do espírito que está tentando saciar suas tendências e desejos imorais através dos órgãos dos sentidos do médium. Por este motivo, é tão perigoso permitir que esses espíritos venham e possuam nossas formas físicas e órgãos. Existe uma lei sobre isso e ela deveria ser compreendida claramente. Nós obtemos este corpo como resultado de nossos pensamentos e atos que tivemos no passado; fabricamos este corpo para nos erguermos mais alto e ganharmos mais experiência por nós mesmos, não pelos outros.

Suponha que a gente permita que os espíritos venham e se manifestem através de nós. O que ganhamos com isso? Não ganhamos nada realmente. Nós teremos sacrificado nossa oportunidade e isso é uma perda para nós. Podemos dizer que estamos ajudando a humanidade, mas não é isso que estamos fazendo. Fomos colocados em um sono hipnótico e ficamos inconscientes. Nossos órgãos são utilizados por outros, ou por alguma força, e essa força ganha experiência através de nós e nos priva de nossa própria oportunidade para o bem daquele espírito que se manifesta através de nós. Esta consideração é negligenciada por muitos dos que

se interessam por manifestações espirituais e por comunicações com os espíritos falecidos.

Os hindus são o povo que, desde tempos imemoriais, têm estudado o lado espiritual e têm registrado o resultado, deixando esse conhecimento que chega até nós através de gerações. Não há qualquer outra nação no mundo que tenha um conhecimento tão perfeito sobre esse assunto como existe na Índia. Por este motivo, você perceberá que não permitimos que nossos amigos entrem em transe ou qualquer condição mediúnica, porque há um grande risco nisso. Se, por uma vez, você abrir sua porta psíquica, não poderá fechá-la facilmente. Há espíritos que são fraudulentos e podem se passar por outra pessoa para nos enganar. Casos assim já foram registrados. Alguém pode aparecer como uma grande alma, mas, na realidade, não é. Como você fará para distinguir? Com certeza não será por seus conselhos aparentemente sábios, os quais o espírito pode pegar da mente subconsciente de qualquer um. Essa distinção deve ser feita e devemos perceber a diferença entre um espírito superior e outro inferior, e também notar que quando deixamos que eles venham até nós com alguma mensagem, estamos trazendo-os ao plano terreno. Isso não os ajuda. Por isso, os hindus acreditam que é melhor deixar os espíritos em paz, e se eles entrarem naquele estado de sonolência, melhor deixá-los e mandar-lhes bons pensamentos, porque apenas bons pensamentos serão úteis e benéficos para eles.

As cerimônias funerárias entre os hindus são diferentes daquelas dos cristãos. A diferença está em que os serviços aos falecidos, boas ações e trabalhos de caridade são feitos em nome deles, com a ideia de que o resultado desses atos irá para os falecidos. Isso os libertará da condição de estarem presos à Terra. Nós podemos ajudar os espíritos muito mais do que eles podem nos ajudar, porque eles estão mais próximos de nosso reino do pensamento.[10] Se mandamos bons pensamentos a eles, estamos ajudando, porque o pensamento é um produto da mente e os falecidos permanecem no mundo mental, assim, os pensamentos podem facilmente chegar a eles. Se fizermos qualquer ato bom em nome deles e se concentrarmos nossa mente na ideia que o resultado deste bom serviço irá ajudá-los em seu progresso, estaremos fazendo bem para eles.

Às vezes, eles podem nos enviar certas mensagens. Alguns deles, que são avançados e compreenderam a lei de causa e efeito, estão cientes das causas e podem rastrear os resultados. Por exemplo, você tem um determinado pensamento em mente e ele é a semente do futuro resultado, que está fadado a chegar a você. Se alguém pudesse ler esse pensamento que você tem em forma de semente, ele saberia dizer o que acontecerá no futuro. Os psicometristas conseguem fazer isso se adentrando em uma ideia e produzindo um efeito parecido com o desabrochar de uma flor. Tudo está na mente. É um estado mental vibratório. Este estado pode ser percebido por aqueles que são avançados nos planos psíquicos e desenvolvem poderes psíquicos. Assim, não podemos ter uma regra para cada um.

Algumas almas vão cair no sono com aquela sonolência por bastante tempo e aquelas que são espiritualmente avançadas e altamente desenvolvidas vão jogar fora as formas sutis, que são como invólucros (kosha) da alma. Estas são as limitações. Há também os desejos e tendências animais, ciúmes e amor pelas coisas materiais. Tudo isso são limitações da alma. A alma, após dormir um tempo, percebe que está com essas limitações e as descarta. Essas cascas são, às vezes, chamadas de cascas astrais e elas ficam flutuando. Não existe alma dentro delas. Elas são como formas-pensamento e podem ser reanimadas pelo pensamento de um médium ou de qualquer outro indivíduo. Elas se parecem com fantasmas e elementais.

Existe outro tipo de elemental, de espíritos de animais mais baixos, i.e., que ainda não se tornaram seres humanos. Eles estão crescendo no processo de evolução. Os elementais podem se aproximar e ser percebidos após o despertar daquela alma sonolenta, que então entra para o plano astral. As almas podem ter um descanso maravilhoso e aí vão para esses planos onde podem realizar o cumprimento de seus desejos. Esses são os planos a que chamamos de paraíso, onde preenchemos nossos desejos, pensamentos e ações. Se tivermos feito boas ações, as impressões geradas são deixadas lá e elas gradualmente brotam e produzem um resultado devido à lei de causa e consequência. Esse resultado é colhido pelos indivíduos em reinos diferentes, que são chamados de paraíso (svargas) e cada nação diferente tem um ideal sobre isso.

Vemos então que aqueles que têm o desejo de aproveitar dos prazeres como os prazeres de um paraíso particular, onde há muito para comer e beber, sombra e frescor, sonharão com tal estado. Seus ideais serão materializados. O reino da forma-pensamento é como o reino onde o pensamento é percebido como verdade, assim como em um sonho. Quando você tem um sonho, você não sabe que é um sonho, você pensa que é verdade e isso é uma forma-pensamento que você está percebendo. Você pode olhar para ela, tocá-la, pode ouvir seu som, porém tudo está no reino dos pensamentos. Assim, não são verdadeiras as cenas, ou as árvores, estradas, canais, exceto pela forma-pensamento. É como uma terra dos sonhos e a alma permanece lá e aproveita dos prazeres porque ela os queria. Este é o plano para preencher os pensamentos e desejos. Após um tempo, quando esses desejos foram realizados, a alma se cansa daquela condição, então ela quer mudança e sair daquilo. Ela quer algo diferente. Há muitas almas no outro reino que estão cansadas e exaustas. Elas querem uma realização mais tangível, sensível e perceptível de seus ideais e pensamento, então partem para outros planos, ou reinos. Algumas gostariam de vir à Terra para ter mais prazeres e desenvolver mais poderes, e por isso elas reencarnam. Algumas têm o poder de escolher seus pais. Algumas voltam a dormir.

O sono após a morte é como o sono antes do nascimento. Depois, há um segundo sono. Antes de chegar a este plano, as almas entram novamente neste sono e gravitam em direção ao ambiente apropriado. Se tenho um forte desejo de ser o melhor artista e se não tenho sucesso ou morro antes de preencher minha vontade, essa vontade permanecerá em mim, mesmo naquela sonolência da alma. Essa vontade vai brotar novamente. Talvez eu seja levado para o paraíso dos artistas, onde poderei me comunicar e me envolver com outros artistas que vivem lá e trocar algumas ideias com eles. Então, tentarei manifestar essa vontade mais uma vez neste plano terrestre, gravitando nas condições e ambientes favoráveis, em que terei um corpo físico que será o instrumento pelo qual completarei meu ideal. Este é o processo que acontece.

Não existe um paraíso eterno ou local eterno de punições. Se houver qualquer tipo de punição, deve ser de um tipo parecido com o que temos na Terra. Quando você quer algo mas não consegue, isso é o inferno. Você pode entrar nesse estado por conta do forte apego. Uma pessoa avarenta, que se habituou a lidar com dinheiro e moedas, aproveita e adora esse estado. Se ela entrar no plano astral, carregará esse desejo consigo, porém não terá dinheiro ou moedas e por isso ficará ansiosa e esta será sua punição. É muito difícil para nós sabermos exatamente como seria o inferno, ou esse estado de punição, para cada indivíduo que fez algo errado. Esse plano é tudo o que atraímos para nós mesmos por nossos pensamentos e ações. Esses sonhos podem ser reais por enquanto, assim como são todos os sonhos enquanto estamos sonhando, mas na realidade, quando comparado ao tempo eterno, ou comparado a um padrão mais alto, eles duram apenas por um curto tempo. Então, nenhum paraíso é eterno e nenhum inferno é eterno. Por este motivo, é dito no *Bhagavad Gita* (8-16):

“Oh, Arjuna, nenhum desses paraísos, do mais elevado paraíso do Criador para baixo, é permanente. Os habitantes de lá sabem que voltarão mais cedo ou mais tarde.”

Eles são efêmeros, não duram pela eternidade em apenas um estado. Isso é um progresso que a alma faz após ser enterrada. Ela irá para o paraíso ou sofrerá, de acordo com a lei da justiça. A lei da justiça é muito rigorosa. Não há perdão, é apenas a justiça que equilibra a compensação. O estado bem equilibrado da lei de causa e efeito é inexorável. “Aquilo que plantou deve ser colhido.” Isso é tão verdadeiro e forte quanto estarmos sentados aqui agora. Você pode querer negar, mas não consegue escapar. Pela ignorância, você pode negar a força da gravidade, mas a cada passo que você não puder se mover e nem mesmo conseguir viver na superfície da Terra, você se lembrará dela. Uma criança não sabe que existe algo como a gravidade e sua ignorância não afeta a lei de maneira alguma. Nossas negações infantis não transformam algo em não-existente, apenas demonstra que não sabemos. A lei de causa e consequência, chamada de lei do carma, não aguarda pelas lágrimas ou choro de qualquer um. O que tivermos plantado,

deveremos colher neste plano ou em algum outro. Após a morte, podemos aproveitar dos prazeres de nossos pensamentos e ações nas regiões celestiais também.

Nossas ocupações podem ser de acordo com a crença de que continuaremos fazendo determinadas coisas. Não é verdade, no entanto, que todos os tipos de ocupações terrenas serão reproduzidas lá. Isso não é possível. Se fosse assim, a vida não valeria ser vivida. Suponha que um gari tenha que limpar as ruas do paraíso por toda a eternidade, um cozinheiro ou uma costureira teriam que continuar fazendo o mesmo trabalho pela eternidade. Que tipo de paraíso é esse? Seria o lugar oposto, de acordo com nossa percepção. Porém, há trabalhos e atividades do corpo físico no plano inconsciente que ajudam as almas que estão sofrendo na escuridão e trazem um pouco de luz ou conhecimento, mas mesmo isso não pode ser feito sem violar a lei, porque ninguém pode nos dar nada a não ser que mereçamos.

Aquelas almas que merecem qualquer tipo de ajuda receberão ajuda. É por isso que a máxima amplamente conhecida “O céu ajuda aquele que se ajuda” é absolutamente verdade. Porque aqueles que ajudam a si mesmos se preparam para receber tal ajuda do universo e se não nos preparamos, o universo não nos ajuda. Depende inteiramente de nosso próprio valor e atitude. Por isso, grandes professores sempre nos disseram para estarmos preparados para receber ajuda para viver nessa Terra uma vida que nos trará paz e felicidade, e que nunca fará nos arrependermos mesmo por um segundo, porque devemos sentir a responsabilidade que temos em nossos ombros.

Ao virmos para este planeta e vivermos essa vida terrena, tomamos todo o fardo da responsabilidade sobre nosso futuro e tudo aquilo que vamos fazer nessa Terra, porque nosso caráter e futuro são feitos por nós mesmos. Não tem nenhuma outra alma que irá moldar nosso futuro por nós, mas somos nós os pequenos criadores, e assim como criadores em uma escala diminutiva, estamos fazendo nosso futuro, criando nosso destino e construindo nosso caráter através de nossos pensamentos e ações. Portanto, devemos trabalhar conscientemente após compreender as leis que governam nossas vidas, não apenas neste plano físico, mas também no mental, moral, intelectual e espiritual.

Se entendemos essas leis, estamos abrindo vistas para nosso futuro progresso. Não temos nada com o que nos desculpar quando não temos nada do que nos arrepender. Nossa vida terrena seria uma série, ou uma contínua corrente de prazer e felicidade, se soubéssemos das condições reais e das verdades que residem em nossos seres. Essas verdades estão escondidas de nós porque não nos preparamos para elas. Estamos apenas brincando na superfície, mas o tempo está fadado a chegar para que cada alma individual tenha um despertar do desejo de conhecer a verdade real. Nenhuma alma será perdida. No final, toda alma obterá o

conhecimento mais elevado, ou a realização, e entrará naquele estado onde não há nascimento, morte ou qualquer tipo de mudança, apenas o Ser eterno, a Bem-Aventurança eterna e o Conhecimento eterno. Então, não devemos temer a morte.

A morte nada mais é que uma mudança. Podemos descartar este velho corpo, porque podemos vestir um novo corpo, se assim desejarmos. Também encontramos no *Bhagavad Gita* (2-13):

“Assim como em nosso corpo físico sobrevivemos à morte do corpo de bebê e do corpo jovem, continuamos a viver após descartar a forma do corpo físico, como se jogássemos velhas vestimentas e colocássemos novas.”

No momento da morte, jogamos fora o velho corpo físico, que já serviu ao seu propósito e vestimos um corpo novo e mais sutil. Portanto, os sábios nunca terão medo da morte, mas sempre se lembrarão que existe vida eterna para todos e que nenhuma alma será perdida. Aqueles que atingiram a realização espiritual mais elevada se verão cara a cara com o Infinito, obtendo aquela paz e felicidade que já foi obtida por Sri Krishna, Buda, Cristo, Ramakrishna e por todos os Salvadores do mundo. A obtenção do conhecimento supremo é o objetivo do Espiritualismo, e isso é o ser-tudo e o fim-de-tudo de todos os seres humanos.

Capítulo 16

Conversas que tivemos o privilégio de ter com o Swami

Perguntas e respostas - parte 1

P. No reino após a morte, a alma continuará a evoluir para um estado de perfeição ou é necessário gravitar de volta à Terra e reencarnar?

R. Depende do desejo da alma.

P. Se a alma pode evoluir sem retornar, não seria melhor não voltar?

R. Elas não conseguem ter as mesmas experiências em outro reino que teriam aqui na forma física.

P. Existe corpo suficiente para todas as almas que querem voltar e reencarnar?

R. Bem, você se apegou à ideia de que os corpos estão esperando pelas almas. Isso não está correto. A alma fabrica o corpo. A ideia que você expressou é a velha crença da transmigração, que os corpos são feitos para receberem almas migrantes, mas isso não quer dizer reencarnação. Expliquei isso em minha aula "Transmigração". A alma fabrica o corpo obedecendo as leis físicas da evolução.

P. Quando o anjo foi expulso do paraíso, ele reencarnou?

R. Isso é uma crença mitológica. Por anjo do paraíso você se refere àquele que se tornou Satanás. É uma crença mitológica que o anjo desobedeceu o Criador pessoal e Ele o expulsou e assim ele caiu nesta Terra. Este é um tipo de explicação ruim, que era dada por mentes primitivas. Não há nenhuma verdade nisso. Eles tentaram explicar o bem e o mal na natureza com essa mitologia, não era um fato.

P. Você diz que os mortos não sabem que estão mortos.

R. Eles não sabem. Leva um longo tempo para que percebam que morreram.

P. Que garantia temos de que estamos vivos?

R. Não existe nenhuma prova. Podemos nos chamar de mortos.

P. Como dá para parar os espíritos que estão bêbados de deixarem os médiuns também bêbados?

R. O espírito que foi um beberrão em vida levou esse desejo com ele e ele quer beber, porém não encontra bebidas lá e quer ficar circulando pelos bordéis. Então, ele toma um médium em possessão, ou algum amigo ou parente, e o leva para beber para que ele possa desfrutar daquele sabor.

P. Como o homem obsediado fará para parar isso?

R. Você teria que desipnotizá-lo. O médium deveria ser exorcizado para que a obsessão pudesse ser curada por um espírito mais superior e melhor desenvolvido. Se você conhece alguém que tem um espírito familiar de natureza superior, esse espírito superior o expulsará por comando ou força de vontade, mas o paciente pode não ter essa força de vontade, ele requer liberdade de outra alma para ser curado.

P. Uma alma pode permanecer indefinidamente em um corpo físico particular?

R. Sim, ela pode, se tiver compreendido as leis e vivido uma vida correta.

P. Por que os antigos retiravam o coração e colocavam no lugar um escaravelho?

R. Essa era a crença deles. O escaravelho era o símbolo da criação.

P. Você afirmou que se o corpo fica no caixão, a alma sofre quando retorna e vê o corpo. A alma não sofreria mais se o corpo fosse cremado?

R. Pode ser assim por um tempo, se elas estão conscientes de que seus corpos estão destruídos. Pode chocá-las por um tempo, mas depois que o corpo for destruído, elas esquecerão. Seria a maneira mais fácil de fazer com que elas esqueçam, porque não podem voltar e olhar novamente para o corpo. Mas se o corpo é preservado, aquela atração pelo corpo vai atrair a alma de volta e isso pode acontecer muitas vezes. Assim, há vantagens sobre a cremação.

P. Qual o período mais curto em anos que uma alma pode permanecer em estado de sonho ou inconsciente?

R. Nosso tempo não as afeta. Cinco mil anos nossos podem ser cinco segundos para elas.

P. Mas quanto tempo seria? Dez anos?

R. Bom, foi o que eu acabei de dizer.

P. Os hindus têm uma tradição de que quando morre alguém, eles colocam uma jarra de água e uma toalha, e acreditam que a alma venha para buscar isso oito vezes. De onde isso surgiu?

R. Nunca vi nada parecido. Isso pode ser uma crença supersticiosa, mas nunca vi nada assim, que a alma precise de comida, que precise de nutrição. Alguns oferecem comida uma vez por ano aqui e um ano nosso pode ser um dia para os espíritos; então, uma vez por ano distribuem comida em nome dos falecidos, mas são os pobres que se beneficiam.

P. Conhecemos nossos amigos lá?

R. Sim, conhecemos.

P. Qual a diferença entre reencarnação e transmigração?

R. Nossa religião ensina sobre reencarnação, que é um pouco diferente da transmigração. A reencarnação é mais científica. Ela não diz que regressamos do plano humano para corpos de animais indiscriminadamente simplesmente para satisfazer nossos caprichos.

P. Eu entendi que a alma divide a si mesma em duas partes.

R. Não, isso é o que chamamos de corpo sutil. É o corpo que a alma já fabricou e já está em mim e você. Ela não é dividida, apenas se abriga em uma forma espiritual mais sutil e continua com ela enquanto passa por aquela sonolência na casca astral.

P. O que é essa névoa da qual você falava?

R. Essa névoa é apenas os elementos mais sutis, como elétrons, que saem do corpo.

P. Ela tem algo a ver com a alma após a morte?

R. A alma é o centro que contém a vida, mente e inteligência, mas a névoa não é isso. A névoa é apenas as partículas de matéria condensadas juntas como uma nuvem ou vapor.

P. Isso é o ego?

R. O ego está no centro. Ele não se manifesta, mas está em estado causal, como um núcleo, como um átomo.

P. O que acontece com o ego?

R. Ele continua lá, apenas que fica em estado potencial, imanifesto.

P. A alma tem algum poder sobre o corpo físico?

R. Sim, o poder de cura está na alma.

Capítulo 17

Aqui nos lembramos de cabeça algumas das conversas que tivemos o privilégio de ter com o Swami

Perguntas e respostas - parte 2

P. Swamiji, o que acontece com a alma imediatamente antes e depois da morte?

R. Imediatamente antes da morte, a alma contrai e afasta todos os poderes dos sentidos gradualmente. Os sentidos físicos ficam mais fracos e mais fracos, como a chama de uma vela que se aproxima gradualmente de seu fim. Mas os sentidos e poderes psíquicos se fortalecem. A alma, antes de deixar o corpo, fica em estado inconsciente, como a sonolência, e neste estado, o corpo astral ou espiritual desvanece como uma névoa.

P. A condição da alma para além do túmulo é realmente horrível?

R. Sim. Os espíritos presos à Terra sofrem muito. Eles não sabem que morreram. Neste estado de sonolência, as almas carregam registros condensados de suas vidas inteiras. Quando as almas acordam do sono, elas entram no plano astral. Este plano astral nada mais é que a projeção das próprias ideias da alma. Suas dimensões estão em vibrações. As almas desencarnadas encontram suas ideias realizadas no plano astral. Elas dormem, mas o período de sono varia.

P. Elas então entram em um reino solitário e desconhecido?

R. Sim. Para esclarecer, vamos pegar um exemplo. Suponha que você seja o habitante de uma cidade grande e muito populosa como Calcutá. Lá acontece um terremoto terrível durante a noite, resultando em uma devastação total de toda a cidade. As casas caem aos pedaços e a cidade inteira desaparece em um vasto deserto envelopado pela escuridão profunda. Se você tiver permissão para se mover e andar livremente com seus olhos vendados, qual será sua condição? Apenas imagine. Assim é a condição miserável dos espíritos presos à Terra após a morte.

P. É a mesma condição com todos os espíritos?

R. Não. As almas comuns, presas à Terra, sofrem com isso. O caso das almas virtuosas é completamente diferente. Elas se movem fácil e livremente, e podem enxergar seu caminho com a luz de seu próprio conhecimento e pureza.

P. Swamiji, podemos perguntar novamente sobre para onde vai a alma após a morte?

R. Elas vão para onde já estão. Onde você fica quando cai no sono? Você permanece em sua mente. Após a morte, as almas não precisam ir para qualquer outro lugar. Ela continua a ficar no mesmo plano mental, assim como ficamos em nosso estado de sono ou sonho (svapna). As almas então vivem no plano mental, ou manomaya jagat. Elas se mexem e fazem tudo mentalmente neste estado. Nada do plano material continua com elas. Os corpos nos quais existem nesse momento são sutis e compostos de dezessete elementos sutis. Eles são: cinco pranas, cinco karmendriyas, cinco jnanendriyas, manas e buddhi. O composto do corpo sutil com dezessete elementos é chamado na filosofia Sankhya e outras filosofias hindus de sukshma-sharira.

P. Como as orações e bons pensamentos dos vivos podem ajudar as almas falecidas?

R. Já disse que logo após a morte, as almas não podem perceber a si mesmas como descoladas de seus corpos materiais. Elas permanecem em desfalecimento e inconsciência imediatamente após a morte. Assim, orações ajudam imensamente. Bons pensamentos dos parentes e das pessoas mais queridas e próximas trazem alívio a seus planos mentais. Assim, elas criam uma determinada vibração naquela condição mental, restauram a consciência velada e, por isso, as almas percebem que não estão realmente em seus corpos materiais. O choro e lamento de seus parentes as afligem com dor e, por este motivo, algumas caem do plano astral. As boas orações trazem de volta a consciência das almas e elas tentam atravessar a fronteira. Essa fronteira de vibração é como um rio de éter estreito, que pode ser comparado a uma zona neutra. Isso foi chamado pelos hindus de baitarani, pelos persas (zoroastrianos) de ponte chinnat e de *sirat* pelos muçulmanos.

Espíritos comuns, ou presos à Terra, não conseguem cruzar essa fronteira facilmente. Geralmente, eles vão para uma região onde prevalece uma escuridão permanente. Este plano astral escuro foi descrito nos *Upanishads* como:

“Asura nama te loka andhena tamasavritah; tamaste pretyabhigacchanti ye ke chatmahano janhha.” - *Isha Upanishad*, 1-3

“Há regiões de permanente escuridão. Nem a luz do sol, nem a luz de outros luminares é jamais vista lá. Aqueles que não realizaram seu Eu (Atman) verdadeiro, ou que não lutam pela autorrealização, irão para estas regiões após a morte.”

O sol, a lua e as estrelas não podem brilhar no mundo espiritual, uma vez que pertencem a este nosso mundo. Não há espaço para qualquer coisa material ou terrena naquele mundo sutil para além da morte.

P. Então a condição dos espíritos presos à Terra é pior após a morte?

R. Sim, no caso deles, os desejos não foram preenchidos e seus sofrimentos ficam piores e piores. Eles cavam a própria cova. Todos os desejos pelos desfrutes materiais então atingem a forma mais aguda. As almas sofrem com as chamas incandescentes daquelas paixões não preenchidas.

Na verdade, aquilo que você plantou, irá colher. Os desejos permanecem na forma de impressões, ou samskaras. A morte do corpo não pode destruir os samskaras. Após a morte, eles continuam em forma de sementes na mente.

P. Swamiji, o que quer dizer o duplo, ou corpo astral?

R. O duplo, ou corpo astral, nada mais é do que a exata contraparte do corpo físico. O corpo astral deixa, ou sai do corpo físico no momento da morte e quando ele faz isso, ainda continua um fino fio, ou cordão, de uma substância astral como um vapor. No final, isso também se dissipará. A alma continua depois em um estado de coma que lembra a condição de uma criança no útero da mãe.

P. É possível se comunicar com os mortos?

R. Certamente. Geralmente, as almas meio acordadas se manifestam em círculos espiritualistas através do canal que é o médium. Algumas são arrancadas de seu sono pacífico para responderem por seus atos egoístas e outras ficam sedentas para se comunicarem. Já foi descoberto que, vendo o canal mediúnico aberto, elas perdem o autocontrole.

P. Os espíritos desencarnados podem assumir qualquer forma material?

R. Sim, eles podem. As cascas astrais, ou corpos astrais dos falecidos, podem ser materializadas temporariamente pela vitalidade dos médiuns em estado inconsciente. Eles aparecem com formas sombrias, às vezes se movimentam e conversam. Homens que têm poderes psíquicos podem ver essas formas dos espíritos. Experimentos foram feitos por espiritualistas muitas vezes provando que os corpos físicos mortos podem ser despertados com vida aparente por uma forte corrente mediúnica.

P. As almas encarnam novamente na Terra?

R. Sim. Até que, ou a menos que, elas possam desatar os nós do desejo e transcender os ciclos de nascimento e morte, elas nascem muitas vezes na Terra. Mais cedo ou mais tarde, as almas sentem um forte desejo de se manifestarem em uma vida nova. As sementes de seus desejos não satisfeitos as impulsionam para

nascerem novamente na Terra. Assim, elas escolhem pais, circunstâncias e ambientes propícios antes de nascerem. Mais uma vez, elas caem naquele estado de sonolência e morrem no plano astral, como morreram também na Terra. Por esse mesmo processo cíclico de evolução e involução, elas nascem em um estado parcial de sonolência. Elas acordam gradualmente daqueles estados parecidos com o sono para a consciência do plano terrestre.

P. Não é bom cultivar o Espiritualismo para o conhecimento do mundo além da morte?

R. Não é bom, eu acho, para aqueles que realmente aspiram realizar o conhecimento supremo do *Atman*. É nosso objetivo de vida não adquirir conhecimento das coisas efêmeras e irreais, mas chegar àquele algo que é a Verdade e a Bem-Aventurança absolutas.

Os mundos espirituais podem ser verdadeiros de um ponto de vista empírico, mas eles não são mais do que o imaginário das mentes humanas. Os espíritos são não-nascidos e incriáveis, são imortais por natureza. O nascimento e a morte, ir e vir, são apenas uma aparência. Apenas através do véu da ignorância o homem pensa que ele mesmo está morto ou vivo. Quando sua escuridão da ignorância é dissipada pela radiância autorrefulgente do Atman, ele percebe a si mesmo como a Bem-Aventurança imortal. O Espiritualismo não nos ajuda a transcender o ciclo de morte e nascimento, somente o conhecimento do Absoluto pode nos livrar deste ciclo.

Apêndice

As experiências de Swami Abhedananda com espíritos

Nota 1 - por Swami Prajnanananda, Ramakrishna Vedanta Math, Calcutá

Esta declaração de Swami Abhedananda nos lembra de dois exemplos que tivemos o privilégio de ouvir dele.

Ele contava que quando estava na América, uma noite viu o rosto de uma espírito desencarnado flutuando no ar diante dele. O rosto do espírito parecia pálido e marcado pela dor e agonia.

O Swami perguntou ao espírito: “O que o aflige?”. A voz veio: “Ajude-me, estou sofrendo. Cometi suicídio”.

O Swami o abençoou dizendo: “Se você achar que minhas orações e bênçãos te ajudarão, você tem meus bons desejos, estou rezando por você. Que a paz esteja com você”. O Swami viu o rosto pálido e triste do espírito se iluminar e depois se dissipou sorrindo.

O outro exemplo é sobre o espírito de um marinheiro que se afogou no mar. Ele também apareceu diante do Swami e parecia como se estivesse tateando na escuridão. O Swami perguntou: “O que há com você?”, o espírito respondeu que não sabia, ele havia se afogado e pediu ajuda ao Swami. Ele então rezou para o marinheiro e ele se dissipou com uma feição iluminada e em paz.

Não estaria deslocado citar aqui novamente que Swami Abhedananda também ouviu a voz de seus irmão discípulo Swami Adbhutananda (Latu Maharaj) imediatamente após ele falecer na Índia. Naquele dia, ele ouviu uma voz pesada no ar: “Kali, Kali”. Kali era o nome de Swami Abhedananda. Ele imediatamente olhou ao redor, mas não encontrou ninguém. Ele perguntou quem era e a voz disse: “Sou eu, Latu. Vim para te ver”. O Swami compreendeu na hora que era o falecimento de seu amado irmão e isso acabou por ser verdade, já que ele recebeu um telegrama no dia seguinte com a triste notícia da partida de Swami Adbhutananda.

O Swami também viu o espírito materializado do poeta Girish Chandra Ghosh, que estava cuspindo por todos os lados quando apareceu. A explicação para tal ato de Girish Chandra foi dada pelo Swami como: assim como cuspimos em algo inútil e efêmero, o poeta, estando liberto das amarras de seu corpo terreno, cuspiu nas coisas efêmeras do mundo, que não possuem valor verdadeiro ou realidade, se comparadas à existência absoluta.

Nota 2 - Extraído do discurso de Swami Abhedananda no encontro de aniversário da Sociedade de Pesquisa Psíquica de Calcutá, no ano 1925. (Para detalhes sobre o discurso completo, veja o Apêndice A da seção “A Vida após a Morte”, no *Trabalhos Completos de Swami Abhedananda*, volume 4.)

O Swami em seu discurso primeiramente deu um breve relato sobre a origem, o crescimento e o desenvolvimento do movimento espiritualista na América e seu espalhar gradual para outros países do mundo. Ele disse que durante sua longa estadia na América, entrou em contato com este movimento e com alguns de seus mais conhecidos líderes naquele continente. Então, ele descreveu duas experiências inéditas como testemunha ocular em algumas das mais famosas sessões espíritas. Ele teve a oportunidade de receber mensagens de espíritos de muitas pessoas distintas, tais como o professor William James, de Harvard, o professor Myers e outros.

O Swami falou bastante sobre as várias condições dos homens após a morte. Após a morte, o homem tem que passar por vários estágios da vida espiritual. O homem que aqui teve uma vida depravada, terá que passar por dores e sofrimentos em um local em que escuridão completa reina perpetuamente. Mas, no caso de um homem piedoso e virtuoso, é completamente diferente.

Ele continuou a descrever suas várias experiências de comunicação com os espíritos. Uma vez, ele estava presente em uma sessão espírita e um evento muito impressionante aconteceu.

Uma caixinha de música, revestida de fósforo na parte debaixo, foi colocada na mesa em um quarto escuro. O quarto foi montado para hospedar uma sessão espírita. As janelas e portas foram muito bem fechadas. Mal tinha a sessão começado quando a caixinha de música súbita e visivelmente se ergueu e gradualmente tocou o teto. Daí, como se fosse um pássaro, começou a se movimentar por todos os cantos do quarto, enquanto tocava uma música específica. Em determinado momento, ouviu-se um som alto e a caixa saiu, entrando pela parede. Do lado de fora do quarto, ela começou a se mexer do mesmo jeito e a música continuava. Após quinze minutos, outro som alto foi ouvido e a caixinha foi encontrada no quarto. A mesma música continuava tocando. O evento todo durou aproximadamente quinze minutos.

Aconteceu um incidente em outra sessão não menos impressionante. Enquanto o Swami estava ouvindo a mensagem de algum espírito, ele de repente sentiu o toque de inúmeras mãos por todo seu corpo, porém, ele viu que não havia ninguém perto dele. Ele ficou um tanto surpreso quando ouviu as vozes de espíritos se dirigindo a ele. “Você acha que é o médium que está fazendo todas essas coisas?”

Naquela mesma sessão, um outro evento aconteceu, que era ainda mais surpreendente. Quando o Swami estava voltando da tela escura para retomar seu assento, ele ficou surpreso ao ver que sua cadeira estava ocupada por uma garota. Não era mesmo um ser humano, mas o corpo materializado de algum espírito. Assim que ele se aproximou dela, o espírito se levantou e apertou as mãos dele. Ele sentiu como se seu toque fosse tangível e quente como de um ser vivo, mas em um instante, a mão do espírito que o segurava dissipou.

O Swami dizia que era possível para alguns espíritos aparecerem em forma materializada sem a ajuda de médiuns e que eles podiam se comunicar diretamente com todos. Ele também disse que ouviu uma voz independente durante uma sessão, que aconteceu na casa de Sir Alfred Turner, que se dirigiu aos ali presentes com as palavras: “Boa noite, irmãos”.

Porém, nem todos os espíritos têm este poder de materialização do corpo. Apenas aqueles avançados nos poderes psíquicos são capazes de fazer isso. Uma coisa deve ficar clara, embora os espíritos assumam corpos materializados, eles não estão conscientes de seus estados materiais de existência. Assim, não conseguem manter o corpo por muito tempo.

Referências

Capítulo 1 - A ciência moderna e o Espiritualismo mais elevado

1. *Human Personality and Its Survival after Bodily Death*, de Dr. F.W.H. Myers - Volumes 1 e 2
2. *Our Eternity*, de Maurice Maeterlinck, pág. 82-83
3. *Virgil: An ancient Roman poet* (fonte: Wikipedia)
4. *Our Eternity*, de Maurice Maeterlinck, pág. 103
5. Times, 10 de dezembro de 1911

Capítulo 2 - A alma existe depois da morte?

1. *The Secret of Death* - uma tradução do *Katha Upanishad* por Sir Edwin Arnold
2. *Katha Upanishad*, 1.1.20
3. O *Sarva-darsana-sangraha*, de Madhav Acharya, um estudioso do século catorze. É um livro que detalha os princípios fundamentais de todas as dezesseis escolas conhecidas da antiga filosofia indiana. O primeiro capítulo descreve as ideias da escola de filosofia materialista e ateísta conhecida como Charvakas, ou Lokayatas.
4. O *Sarva-darsana-sangraha*, de Madhav Acharya
5. *Brihadaranyaka Upanishad*, 4.5.13
6. A escola Lokayata (Charvaka) acredita na consciência da alma como sendo um produto dos elementos físicos. Ela diz que a alma não é nada mais que um subproduto dos quatro elementos físicos, terra, água, fogo e ar. De acordo com eles, a existência da alma, ou consciência, para de funcionar com a morte do corpo físico. Portanto, não há nenhum mundo após a morte. A alma quer dizer, de acordo com eles, o corpo físico que morre. - Swami Prajnanananda, Ramakrishna Vedanta Math, Calcutá
7. Para uma conversa mais profunda sobre este assunto, veja *Self-Knowledge*, de Swami Abhedananda, capítulo 1 “Spirit and Matter”
8. *Mind and Motion and Monism*, de G.J. Romanes, pág. 21
9. F.C.S. Schiller, um filósofo de Oxford, em seu livro *Riddles of the Sphinx*, pág. 295. O doutor Schiller manteve sua autoria anônima, então a capa do livro indicava que havia sido escrito por um “Troglodita” (um eremita).
10. Como explicam Carrington & Meader em seu livro *Death, Its Causes and Phenomena*, pág. 382: “Pode ser possível para a alma se manifestar para amigos, seja em proximidade ou à distância. Manifestações de espíritos falecidos no momento da morte não são de nenhuma maneira incomuns, mas são, ao contrário, muito numerosas”. Manifestações de tal tipo foram

registradas pelo astrônomo francês Camille Flammarion, em seu livro *The Unknown*, pág. 100, 108, 169-172

11. *Bhagavad Gita*, 2.23-24
12. *Bhagavad Gita*, 2.19
13. Swami Abhedananda explicou em seu *Leaves from My Diary*: “Quando Ralph Waldo Emerson foi se encontrar com Carlyle em Londres, Carlyle deu de presente uma cópia da tradução em inglês do *Bhagavad Gita*, de Charles Wilkins, e disse: ‘Me inspirou muito ler os ensinamentos do *Gita* e espero que você também seja inspirado por eles’. Após ler o *Gita*, Emerson escreveu este lindo poema sobre Brahma.”
14. *Rig Veda*, 10ª mandala, sukta 14, versos 7 e 8
15. *Bhagavad Gita*, 9.21
16. *Bhagavad Gita*, 8.16
17. Os caldeus eram povos semitas que viveram entre o final do século 10 a.C. e metade do século 6 d.C.
18. *Bhagavad Gita*, 2.20 e também no *Katha Upanishad*, 1.2.18
19. *Bhagavad Gita*, 2.13

Capítulo 3 - A visão científica da morte

1. Primeira Guerra Mundial
2. *Gênesis*, 2.16-17
3. O êxtase é uma condição parecida com um transe em que uma pessoa transcende a consciência normal e entra em um estado de alerta espiritual expandido. (Fonte: Wikipedia)
4. O embalsamamento é o processo de preservação de restos humanos para evitar a decomposição. Dentre os antigos, os egípcios desenvolveram o embalsamamento e a mumificação ao nível máximo. (Fonte: Wikipedia)
5. A 10ª mandala do *Rig Veda* menciona tanto a tradição do enterro (anagnidagdha) quanto da cremação (agnidagdha) como praticadas pelos povos védicos. No 18º sukta do *Rig Veda*, dos mantras 10 ao 14, são encontrados os costumes do enterro completo. - Swami Prajnanananda, Ramakrishna Vedanta Math, Calcutá
6. Alguns imaginam de cinco a sete dimensões. As dimensões são conhecidas como as camadas de pensamento, ou mente, e cada uma oferece uma experiência única. - Swami Prajnanananda, Ramakrishna Vedanta Math, Calcutá
7. *Bhagavad Gita*, 2.22

Capítulo 4 - A alma após a morte

1. *Katha Upanishad*, 1.2.5
2. *Katha Upanishad*, 1.2.6
3. *Isha Upanishad*, 1.18
4. *Rig Veda*, 10ª mandala, sukta 14, verso 7
5. *Prasna Upanishad* (também conhecido como *Prasnopanishad*), 1.9
6. *Brihadaranyaka Upanishad*, 6.2.16 e também *Kaushitaki Upanishad*, 1.2
7. *Chandogya Upanishad*, 5.10.4-6 e também *Brihadaranyaka Upanishad*, 6.2.16
8. *Brihadaranyaka Upanishad*, 6.2.15; *Chandogya Upanishad*, 5.10.2; *Bhagavad Gita*, 8.24 e *Prasna Upanishad*, 1.10
9. *Bhagavad Gita*, 8.16
10. *Bhagavad Gita*, 2.27

Capítulo 5 - O renascimento da alma

1. Nos *Upanishads*, encontramos as seguintes passagens que mencionam o retrocesso das almas humanas a corpos animais e menos elevados:
   a. *Brihadaranyaka Upanishad*, 6.2.16 - "Aqueles que não conhecem esses dois caminhos (dakshinayana e uttarayana) viram insetos e mariposas e estão sempre picando as coisas (pernilongos e mosquitos)."
   b. Chandogya Upanishad, 5.10.7 - "Aqueles que tiveram boa conduta aqui, rapidamente obterão um bom nascimento - nascimento como Brahmana, nascimento como Kshatriya ou nascimento como Vaisya. E aqueles que tiveram má conduta aqui, obterão um mau nascimento - nascimento como cachorro, nascimento como porco ou nascimento como um Chandala (pessoa má)."
   c. Katha Upanishad, 2.2.7 - "Algumas almas, de acordo com seu carma e inclinações mentais, recebem um outro nascimento, enquanto outros retrocedem ao estado de árvores e pedras." - Swami Prajnanananda, Ramakrishna Vedanta Math, Calcutá
2. Na concepção Advaita, o tempo é tido como uma aparência e como um efeito (karya) de avidya (ignorância), ou maya. Ele tem uma realidade apenas empírica, mas é obliterado, ou negado, na Realidade última. - Swami Prajnanananda, Ramakrishna Vedanta Math, Calcutá
3. Immanuel Kant diz em *Crítica da Razão Pura* (traduzido por Max Muller): "O tempo não é nada além de nossa intuição interna. Retire a condição peculiar de nossa sensibilidade e a ideia de tempo dissipa, porque ele não é inerente aos objetos, mas no sujeito que o percebe." - Swami Prajnanananda, Ramakrishna Vedanta Math, Calcutá
4. *Bhagavad Gita*, 2.22

5. Swami Abhedananda faleceu em 1939, muitos anos antes da ciência da genética ser descoberta. Embora os genes possam explicar a transmissão hereditária do nariz torto de alguém, a peculiaridade da voz de alguém, a genética não dá conta dos gênios extraordinários, que são evidentes dentre algumas das mais famosas pessoas do mundo. O surgimento de um gênio é melhor explicado com a teoria da reencarnação, que afirma que os prodigiosos demonstram habilidades excepcionais porque estiveram aperfeiçoando-as por muitas vidas. Isso é possível porque, de acordo com a Vedanta, a mesma mente nos acompanha de nascimento em nascimento, e assim, nossas habilidades nunca se perdem mas viajam conosco para a próxima vida também. Quando as condições externas estão disponíveis, esses samskaras latentes, ou tendências presentes na mente, se manifestam. É por este motivo que Swami Vivekananda disse: "Estou convencido de que um líder não é feito em uma vida. Um líder nasce (com a habilidade da liderança). A dificuldade não está na organização e em fazer planos. O teste, o verdadeiro teste, de um líder, consiste em manter pessoas muito diferentes juntas devido a suas simpatias comuns. E isso só pode ser feito inconscientemente, nunca por tentativa". Em outras palavras, um líder é uma pessoa que esteve aprimorando sua habilidade de liderar por muitas vidas, não apenas uma. Sua capacidade única de reunir muitas pessoas diferentes sob um único guarda-chuva, portanto, veio inconsciente e naturalmente para ele sem que precisasse tentar muito. (Nota por Pulkit Mathur, The Spiritual Bee)
6. *Bhagavad Gita*, 4.5

Capítulo 7 - Preexistência e reencarnação

1. Hoje já sabemos que a causa de nossos traços físicos, como cor dos olhos, cabelo, etc., se encontra nos genes que herdamos de nossos pais. Mas, mesmo hoje, os genes não podem explicar traços mentais, como uma inteligência extraordinária (pense em Einstein) e talentos musicais ou artísticos excepcionais que estão presentes em muitas pessoas desde a infância. Como discutimos na nota 5, do capítulo 5, esses traços mentais dos gênios só podem ser devidamente contabilizados devido aos fenômenos da reencarnação. Neste e nos parágrafos seguintes, Swami Abhedananda está se referindo especificamente a esses traços mentais que são geneticamente herdados, quando fala sobre "os poderes da mente, do pensamento, do desejo e da inteligência". Para mais detalhes, veja a discussão no capítulo 5. (Nota por Pulkit Mathur, The Spiritual Bee)
2. *Bhagavad Gita*, 8.6
3. *Bhagavad Gita*, 4.5

Capítulo 8 - Preexistência e imortalidade

1. *Yoga Sutras*, de Patanjali, 3.18
2. *Bhagavad Gita*, 4.5
3. *Bhagavad Gita*,8.16-27

Capítulo 9 - Ciência e imortalidade

1. *Bhagavad Gita*, 8.16
2. *Bhagavad Gita*, 2.23-24
3. *Mundaka Upanishad*, 3.2.9

Capítulo 10 - O Espiritualismo

1. Primeira Guerra Mundial
2. "Score" é uma palavra antiga para o número 20. A expressão é encontrada na *Bíblia*, "três scores de anos e dez", significando "setenta anos de idade" (3 x 20 + 10) - *Salmo* 90. Isso era tido como a duração básica da vida. (Fonte: Wikipedia)
3. No *Brihadaranyaka Upanishad*, 4.4.6, encontramos: "Estando apegado, ele, junto com o trabalho, atinge aquele resultado ao qual seu corpo sutil (sukshma-sharira ou lingam), ou mente, está apegado. Esgotando os resultados de qualquer trabalho que tenha feito nesta vida, ele retorna daquele mundo para este para um trabalho novo. Assim, o homem que tem desejo transmigra. Mas o homem que não tem desejos nunca transmigra. Daquele que está sem desejo, que está livre do desejo, os objetos de desejo foram alcançados; para aqueles cujos objetos de desejo são apenas o eu, os órgãos não se afastam. Sendo apenas Brahman (Deus), ele se fundiu em Brahman". Vide também *Mundaka Upanishad*, 3.2.2 - Swami Prajnanananda, Ramakrishna Vedanta Math, Calcutá

Capítulo 11 - O Espiritualismo e a Vedanta

1. *Bhagavad Gita*, 9.25
2. *Samuel I*, 28.14
3. Grant Allen em seu livro *The Evolution Of the Idea of God* menciona: "É uma tradição católica universal colocar as relíquias dos santos ou mártires debaixo dos altares nas igrejas. Assim, o corpo de São Marcos, o evangelista, está debaixo do altar da igreja de São Marcos, em Veneza; em todas as outras

catedrais e capelas italianas, um relicário é depositado no próprio altar”. Este princípio é tão bem compreendido na igreja latim que gerou o ditado ‘Sem relíquias, sem altar’. O sacrifício da missa acontece no altar e é executado por um sacerdote em trajes sacrificiais. Todo o ritual Católico Romano é um ritual derivado das ideias sacerdotais antigas de um ministério no altar, e sua conexão com a forma primitiva ainda é mantida pela presença necessária de restos humanos em locais sagrados. Além disso, a própria ideia de igreja descende dos locais de encontro dos antigos cristãos nas catacumbas ou nos túmulos dos mártires, que são universalmente conhecidos como os altares cristãos mais primitivos. Assim, o Cristianismo está ligado ao antiquíssimo costume de culto nos túmulos e ao hábito de culto aos ancestrais com altares, relíquias e invocação de santos. Mesmo o Protestantismo revolucionário ainda conserva as últimas marcas de sua origem na dedicação de igrejas a evangelistas ou mártires particulares, e na sobrevivência mais ou menos disfarçada de altar, sacerdócio, sacrifício e vestimentas.

4. Na 10ª mandala do *Rig Veda*, há 72 mantras entre o 14º e o 18º suktas. Esses hinos, ou mantras, foram dirigidos a Pitriloka, Yama, Pitriloka-Devata, Agni, Sarayu, Pusia, às águas do Sarasvati, Soma, Mrityu, Dhata e Tastha, sobre sepultamento, cremação e cremação parcial. No 2º hino do 16º sukta, também encontramos a semente da reencarnação da alma: “Oh, Agni, após você queimar-lhe o corpo satisfatoriamente, mande-o para os habitantes de Pitriloka. Quando renascer, ele será devoto dos devatas”. Este hino também prova a existência da alma no mundo além da morte. - Swami Prajnanananda, Ramakrishna Vedanta Math, Calcutá
5. Ver nota ao final deste capítulo.
6. *Bhagavad Gita*, 8.19-21
7. *Chandogya Upanishad*, 5.10.3-4 e *Brihadaranyaka Upanishad*, 6.2.15. No 18º verso do *Isha Upanishad* também encontramos: “Agne nayasupatha raye asmana”, etc. A palavra supatha significa o devayana, que é oposto ao dakshina-marga dos trabalhadores (karmis), que executam sacrifícios com o desejo de ir para o paraíso ou para outro loka mais elevado. No *Bhagavad Gita*, 8.24-25, também menciona sobre os caminhos uttarayana e dakshinayana. - Swami Prajnanananda, Ramakrishna Vedanta Math, Calcutá
8. *Bhaja Govindam*, de Adi Shankaracharya, verso 17.

Capítulo 12 - O Espiritualismo e o culto aos antepassados

1. Veja nota ao final deste capítulo.
2. Idem.

Capítulo 13 - A mediunidade espiritualista

1. Sir Arthur Doyle escreve em seu artigo *The Absolut Proof*: “A testemunha declara que certas pessoas, a quem chamam de ‘médium de materialização’, têm estranhos dons físicos que fazem com que consigam trazer de seus corpos uma substância viscosa e gelatinosa, que parece diferir de qualquer outro tipo de matéria, e que poderia ser solidificada e utilizada para propósitos materiais ainda que pudessem ser reabsorvidas, sem deixar qualquer vestígio nas roupas que sujou enquanto saía do corpo. Essa substância foi tocada por alguns investigadores, que disseram que era elástica e parecia ser sensitiva, mesmo que fosse de fato uma extrusão orgânica do corpo do médium.” - Referência dada por Swami Prajnanananda, Ramakrishna Vedanta Math, Calcutá
2. Veja nota ao final deste capítulo.
3. Idem.

Capítulo 14 - A escrita automática na lousa

1. Também ouvimos do Swami que ele viu a Santa Mãe Sarada Devi, Swami Vivekananda, Swami Adbhutananda (Latu Maharaj), o poeta Girish Chandra Ghosh e a Irmã Nivedita em corpos materializados logo após o momento de seus falecimentos. Em todos os casos, imediatamente após essas visões acabarem, o Swami recebeu telegramas da Índia dando as notícias das mortes. - Swami Prajnanananda, Ramakrishna Vedanta Math, Calcutá

Capítulo 15 - O que há além do túmulo

1. *Bíblia do Rei Jaime*, Salmo 88, verso 10
2. *Bíblia do Rei Jaime*, Salmo 6, verso 5
3. *Bíblia do Rei Jaime*, Salmo 146, verso 4
4. *Bíblia do Rei Jaime*, Salmo 115, verso 17
5. *Bíblia do Rei Jaime*, Eclesiastes, capítulo 9, verso 2
6. *Bíblia do Rei Jaime*, Eclesiastes, capítulo 9, versos 7, 9 e 10
7. *Bíblia do Rei Jaime*, Eclesiastes, capítulo 9, verso 5
8. As almas podem se comunicar tanto com as almas dos falecidos quanto com aquelas que ainda vivem no mundo dos fenômenos. - Swami Prajnanananda, Ramakrishna Vedanta Math, Calcutá
9. Este núcleo é chamado de prana, ou mukhya-prana (a força vital). “Enquanto o prana sai do corpo, ele leva junto todos os poderes dos sentidos, que são dependentes deste prana. O homem morrendo leva consigo os poderes de ver, ouvir, cheirar, saborear, tocar, agarrar, mover-se, falar, evacuar e gestar, assim como o poder de pensar e a autoconsciência. Todas as forças vitais e

atividades subconscientes dos órgãos também são levadas quando o prana sai do corpo." - Swami Abhedananda, em seu livro *Self-Knowledge*. Também em *Kaushitaki Upanishad*, 3.4. - Swami Prajnanananda, Ramakrishna Vedanta Math, Calcutá